

199

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM

ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

**AS TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS
DA CONTABILIDADE: REFLEXOS NA FORMAÇÃO DOS
PROFISSIONAIS DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS NO
SUL DO BRASIL**

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA A OBTENÇÃO DO
GRAU DE MESTRE EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO



UFSC-BU

LUCIANO ROSA

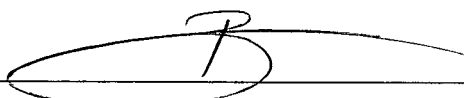
FLORIANÓPOLIS, JULHO DE 1999

(BU)

LUCIANO ROSA^z

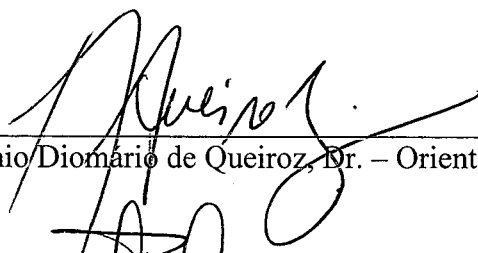
**AS TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS
DA CONTABILIDADE: REFLEXOS NA FORMAÇÃO DOS
PROFISSIONAIS DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS
NO SUL DO BRASIL**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Engenharia de Produção, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção

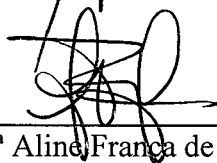


Prof. Ricardo Miranda Barcia, Ph.D. - Coordenador

Banca Examinadora:



Prof. Antônio Diomário de Queiroz, Dr. – Orientador



Prof.ª Aline Franca de Abreu, Dr.ª



Prof.ª Ilse Maria Beuren, Dr.ª

" O caminho mais suave e pacífico da vida humana segue pelas aventura da ciência e da instrução; e todo aquele que for capaz de remover algum obstáculo nesse caminho ou de abrir alguma perspectiva nova deve ser considerado como benfeitor da humanidade."

David Hume

AGRADECIMENTOS

Por entender que esta dissertação não é um trabalho individual, mas fruto de um conjunto de vários fatores, especialmente o auxílio e estímulo de outras pessoas, que se dispuseram a auxiliar, colaborando, direta ou indiretamente com a sua execução, apresento meus sinceros agradecimentos e minha profunda gratidão:

Ao Professor Antônio Diomário de Queiroz, Dr., pela orientação firme e incondicional dispensada no desenvolvimento deste trabalho; por suas valiosas contribuições, essenciais para a realização do mesmo; e, pela consideração e estímulos contínuos ao longo deste período.

A Professora Aline França de Abreu, Dr.^a, por ter sido o ponto de partida, abrindo as primeiras portas dessa pós-graduação; e, ainda, pelas importantes contribuições, aliadas ao estímulo constante, ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

A Professora Ilse Maria Beuren, Dr.^a, pela honra de poder contar com sua brilhante presença na banca de defesa, e pelos contributos para melhoria desta dissertação.

Aos Professores do programa de pós graduação em engenharia de produção, pela oportunidade de poder usufruir de tão vastos conhecimentos, que contribuíram em muito para realização desta dissertação

A Senhorita Neiva Gasparetto, secretária do curso de pós graduação em engenharia de produção pelo grande apoio proporcionado aos participantes do programa, sempre com muita competência e gentileza.

A Professora Fabíola Sena Silveira, pelo apoio constante; pelas sugestões sempre pertinentes; e, pelas discussões que, sem dúvida, proporcionaram um grande desenvolvimento dos conhecimentos.

À minha mãe e meus filhos, Guilherme e Louise, pelo apoio ilimitado durante o tempo de dedicação a este trabalho; por compreenderem quando distanciei-me da família apegando-me a este objetivo específico; por compartilharem minhas expectativas e preocupações; e, por acreditarem, sempre, na possibilidade desta conquista, mesmo nas horas em que meus ideais pareciam distantes e inatingíveis.

Um agradecimento ‘todo especial’ ao minha esposa Regina, fonte inesgotável de carinho, presente, de forma incansável, em todos os momentos da construção deste trabalho, contribuindo de forma especial para a minha conquista; pelo seu apoio irrestrito, compreendendo minhas ausências, e compartilhando meus ideais; por sua paciência infinita, e pelo empenho em não deixar-me abater nos momentos difíceis; e, principalmente, por sua absoluta crença na capacidade de realização a mim atribuída.

A DEUS, por estar sempre presente em todos os momentos da minha vida.

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
ABSTRACT	9
LISTA DE FIGURAS.....	10
LISTA DE QUADROS.....	11
CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 2 - AS LIMITAÇÕES DA CONTABILIDADE FINANCEIRA TRADICIONAL	15
2.1 Histórico.....	15
2.2 Conceito.....	18
2.3 Contabilidade Financeira <i>versus</i> Gerencial.....	19
CAPÍTULO 3 - SISTEMAS DE INFORMAÇÕES CONTÁBEIS GERENCIAIS E A INTEGRAÇÃO COM AS INFORMAÇÕES MONETÁRIAS E NÃO MONETÁRIAS.....	24
3.1 Componentes do Sistema de Informações Gerenciais	24
3.2 Sistema.....	25
3.3 Informação.....	26
3.4 Gerencial	27
3.5 Sistema de Informações Gerenciais	27
CAPÍTULO 4 - NOVAS RELAÇÕES TECNOLÓGICAS DA INFORMAÇÃO COM A CONTABILIDADE	37
4.1 Origem da Informática	37
4.2 Tecnologia da Informação	40
4.3 Tecnologia da Informação <i>versus</i> Contabilidade.....	45
CAPÍTULO 5 - CONTABILIDADE POR ATIVIDADE E OS NOVOS MODELOS DE GESTÃO.....	50
5.1 Os Custos nas Empresas	50
5.2 As Informações de Custos na Gerência das Empresas.....	53
5.3 Sistemas de Custos.....	55

5.4	A Contabilidade de Custos.....	60	
5.5	Contabilidade por Atividades.....	63	
CAPÍTULO 6 - A CONTABILIDADE COMO INSTRUMENTO ESTRATÉGICO COM VISÃO PROSPECTIVA.....			70
6.1	Controle.....	71	
6.2	Gestão.....	72	
6.3	Controle de Gestão.....	73	
6.4	Controle de Gestão Estratégico.....	74	
6.5	Controle de Gestão Integrado.....	78	
6.6	Evolução do Controle de Gestão.....	81	
6.7	<i>Controller</i>	83	
CAPÍTULO 7 - O ENSINO DA CONTABILIDADE NA FORMAÇÃO DE GESTORES.....			86
7.1	Histórico do Ensino da Contabilidade.....	86	
7.2	A Formação Profissional Contemporânea.....	95	
7.3	A Legislação do Ensino de Graduação.....	97	
7.4	Diretrizes Curriculares de Ciências Contábeis.....	99	
CAPÍTULO 8 - PESQUISA CURRICULAR DOS CURSOS DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS NAS UNIVERSIDADES SUL BRASILEIRAS.....			103
8.1	Metodologia da Pesquisa.....	103	
8.2	Análise dos Dados de Acordo com a Resolução 03/92.....	105	
8.3	Análise Comparativa entre os Países do Mercosul e Canadá.....	109	
CAPÍTULO 9 - MODELO DE NOVA GRADE CURRICULAR PARA O CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS NA FORMAÇÃO DE GESTORES.....			116
9.1	O Futuro Profissional da Contabilidade.....	116	
9.2	Nova Grade Curricular.....	119	
9.3	Ementas das Disciplinas.....	123	
CAPÍTULO 10 - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....			124
ANEXO A – DISCIPLINAS.....			126
ANEXO B – PESQUISA NO ESTADO DO PARANÁ.....			132
ANEXO C – PESQUISA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.....			140
ANEXO D – PESQUISA NO ESTADO DE SANTA CATARINA.....			148
ANEXO E – EMENTAS DA GRADE OBRIGATÓRIA.....			156

ANEXO F – EMENTAS DA GRADE ELETIVA.....	163
ANEXO G – EMENTAS DA GRADE PARA HABILITAÇÕES.....	168
ANEXO H – FLUXO DA GRADE CURRICULAR.....	172
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	175
BIBLIOGRAFIA	180

RESUMO

O desenvolvimento do trabalho relaciona-se com o estudo das transformações contemporâneas da contabilidade, objetivando identificar os reflexos na formação dos profissionais de graduação em Ciências Contábeis. Num primeiro momento, busca-se identificar as limitações da contabilidade tradicional frente a contabilidade gerencial. Discutem-se, ainda, as novas relações tecnológicas com a contabilidade; a importância dos sistemas de informações gerenciais e sua integração com as informações monetárias e não monetárias. Logo após identifica-se a tendência da contabilidade por atividade e os novos modelos de gestão, bem como a contabilidade como instrumento estratégico com visão prospectiva. Na aplicação prática deste trabalho, procedeu-se a uma pesquisa dos currículos dos cursos de graduação em Ciências Contábeis na região Sul do país, com o intuito de identificar a adequação do ensino da contabilidade à formação de profissionais de graduação com características de gestores. Os resultados da pesquisa mostram a adequação das grades curriculares à legislação vigente, e a defasagem dos currículos para a formação de gestores. Ainda através do estudo comparativo dos currículos da graduação contábil entre os países do MERCOSUL e o Canadá, constata-se que a maior deficiência na formação curricular é o despreparo para a inserção do contador no processo de gestão empresarial acompanhado das exigências do atual desenvolvimento da contabilidade. Em seguida sugere-se um modelo de grade curricular para o curso de Ciências Contábeis com o objetivo de formar gestores. Por fim, faz-se referência a uma série de recomendações e sugestões para que se consiga, de fato, implantar e manter uma grade curricular nos cursos de Ciências Contábeis que possibilitem a formação de gestores.

ABSTRACT

This dissertation is a study of the current transformation in accounting. It aims at identifying the way this transformation affects the education of professionals graduating in accountancy sciences. First, we try to identify the limitations of traditional accountancy in relation to managerial accountancy. Here we also discuss the new technological relationship with accountancy, the importance of the managerial information systems and their integration to monetarian and non monetarian information. Then, we identify the tendency of accountancy por activity and the new management models, and also accountancy as a strategic tool with prospective view. In the practical application of the study, we carried out a research in the curricula of graduation courses in accountancy sciences in the southern region of the country. The objective of the research was to identify the adequateness of accountancy teaching in the formation of graduate professionals with managerial features. The reseach showed us, firts that the curriculum is in accordance to current legislation, and regarding curricula, that they are not updated for the professional education of managers. Also in the same research we drew a comparison between our country and the countries members of Mercosul and Canada. After that, we suggest a model of curriculum for the accountancy sciences course which aims at the formation of managers. Finally, we give a series of recommendation and suggestions so that a curriculum which really enables the formation of managers can be adopted and implemented.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Componentes do Sistema de Informações Gerenciais	25
Figura 2 – Modelo Geral do Sistema de Informações Gerenciais	29
Figura 3 – Níveis de Influência do Sistema de Informações Gerenciais	36
Figura 4 – Perfil de Custos na Última Década	51
Figura 5 – Relação Custos Indiretos / Custos Totais nas Indústrias	51
Figura 6 – Alocação dos Custos Indiretos aos Produtos.....	56
Figura 7 – Critérios de Alocação dos Custos Indiretos aos Produtos.....	57
Figura 8 – Decisões com Base nos Sistemas Tradicionais de Custos.....	58
Figura 9 – Custos na Contabilidade Financeira.....	61
Figura 10 – Custos na Contabilidade de Gestão.....	63
Figura 11 – Contabilidade por Centros de Custo	64
Figura 12 – Contabilidade por Decomposição Simples dos Custos	65
Figura 13 – Contabilidade por Decomposição Multiníveis dos Custos.....	66
Figura 14 – Contabilidade por Processos	67
Figura 15 – Controle a <i>Posteriori</i>	71
Figura 16 – Controle Concomitante	72
Figura 17 – Dinâmica da Evolução do Controle de Gestão.....	74
Figura 18 – Níveis de Decisão para o Planejamento	75
Figura 19 – O Tetraedro Estratégico	78
Figura 20 – Controle de Gestão Integrado	79
Figura 21 – Futuro da Função Financeira.....	81
Figura 22 – Evolução do Controle de Gestão.....	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Períodos Históricos da Contabilidade.....	16
Quadro 2 - Diferença entre Contabilidade Gerencial e Financeira.....	20
Quadro 3 – Paradigmas da Contabilidade Financeira e Gerencial	22
Quadro 4 – Conceitos de Informação e Dado.....	26
Quadro 5 – Diferenças dos Modelos de Custos por Atividade.....	68
Quadro 6 – Função Financeira	80
Quadro 7 – Paradigmas do Controle de Gestão.....	82
Quadro 8 – Conteúdos de Formação Básica e Profissional.....	100
Quadro 9 – Comportamento das IES nos Conhecimentos da Categoria I.....	106
Quadro 10 – Comportamento das IES nos Conhecimentos da Categoria II.....	107
Quadro 11 – Comportamento das IES nos Conhecimentos de Formação Profissional	107
Quadro 12 – Conhecimentos Contemporâneos nas IES do Sul do País	108
Quadro 13 – Diferenças da Profissão Contábil no MERCOSUL	110
Quadro 14 – Conteúdos Programáticos no MERCOSUL	111
Quadro 15 – Conteúdos Programáticos no CANADÁ – Primeiro Nível	112
Quadro 16 – Conteúdos Programáticos no CANADÁ – Segundo Nível	113
Quadro 17 – Conteúdos Programáticos no CANADÁ – Terceiro Nível.....	114
Quadro 18 – Campo de Trabalho e Área de Atuação dos Contadores	117
Quadro 19 – Disciplinas Obrigatórias da Nova Grade Curricular	120
Quadro 20 – Disciplinas Eletivas da Nova Grade Curricular	121
Quadro 21 – Disciplinas para Habilitação da Nova Grade Curricular.....	122
Quadro 22 – Currículo para o Contador Global	123

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

O contexto em que se insere o ensino superior brasileiro neste fim de século é caracterizado por mudanças rápidas e pela presença de fatores diversos que atuam sobre o sistema, afetando diferentemente instituições e pessoas. Estas forças de natureza econômica, política, social, cultural e tecnológica têm afetado as instituições de ensino superior brasileiras, trazendo os mais variados impactos e reações.

Além do desencanto com a educação superior, observa-se o surgimento de dúvidas quanto à sua utilidade para o sucesso na vida profissional e social dos acadêmicos egressos. Paralelamente tem sido exigida das instituições universitárias maior eficiência no uso dos recursos, maior equidade no trato de grupos sócio-econômicos distintos, maior qualidade dos serviços educacionais prestados e maior capacidade de resposta às necessidades do setor produtivo e da sociedade em geral. O governo, os pais de alunos, os empregados e sociedade têm pressionado as universidades por melhor qualidade do ensino, maior pertinência entre o conteúdo ministrado e sua relevância futura no mercado profissional e na vida em sociedade.

O curso de Ciências Contábeis não é diferente dos demais. Portanto, a tarefa no campo da educação profissional do contador deve atentar para adequação da profissão à nova realidade de mercado, que exige agilidade, flexibilidade e principalmente interação com as tecnologias e os sistemas de informação.

Devido à complexidade e à globalização da vida econômica, principalmente em economias capitalistas, onde predomina a competição empresarial para se obter recursos financeiros em mercado de capital altamente competitivo, a contabilidade torna-se o instrumento que fornece credibilidade necessária aos usuários dos demonstrativos contábeis. Contudo essas informações devem ser ágeis o suficiente para manter a competitividade das empresas.

Não se pode esperar que o contador seja o homem capaz de tudo decidir e solucionar, mas é necessário adequá-lo à nova realidade que se apresenta para que sua profissão seja reconhecida como merece. Para que isso ocorra, esse profissional necessita aprimorar seus conhecimentos em novas tecnologias, sistemas de informações, novas técnicas contábeis e de gestão empresarial.

Dentro desta nova realidade que se apresenta, o objetivo geral do trabalho é identificar as transformações contemporâneas da contabilidade e seus reflexos na formação do profissional de graduação em Ciências Contábeis, identificando:

- as limitações da contabilidade financeira;
- as novas relações tecnológicas da informação com a contabilidade;
- a importância dos sistemas de informações gerenciais e sua integração com as informações monetárias e não monetárias;
- a tendência da contabilidade por atividade e os novos modelos de gestão;
- a contabilidade como instrumento estratégico, com visão prospectiva;
- a adequação do ensino da contabilidade na formação de profissionais de graduação em Ciências Contábeis com características de gestores.

Para situar o ensino da contabilidade dos cursos de graduação na realidade contábil contemporânea, estruturou-se a dissertação em dez capítulos.

O primeiro capítulo constitui a presente introdução, onde se evidencia a necessidade da adequação do contador às novas tendências mundiais, ou seja, muita agilidade, flexibilidade e principalmente integração com as novas tecnologias e os sistemas de informação.

No segundo capítulo, procede-se à leitura do histórico da contabilidade, suas escolas e tendências, as limitações da contabilidade financeira tradicional e a necessidade da contabilidade com características gerenciais para servir de suporte à tomada de decisão.

O terceiro e quarto capítulos tratam dos sistemas de informação gerenciais e das novas tecnologias da informação com relação ao desenvolvimento da contabilidade. Aborda-se também a inovação tecnológica como meio de sobreviver em um ambiente de mercado altamente competitivo, fazendo com que os gestores estejam em sintonia com a gestão tecnológica, através de modernos processos gerenciais compatíveis com a realidade empregada nas organizações.

O quinto capítulo trata dos custos, levando em consideração a contabilidade por atividade e os novos modelos de gestão, que possibilitam aos gestores decisões mais precisas, já que em uma

economia globalizada, altamente competitiva, os custos são uma das variáveis-chaves do sucesso empresarial.

No sexto capítulo, aborda-se a nova tendência da contabilidade, qual seja, a de servir como instrumento estratégico com visão prospectiva. A contabilidade passa a tratar os fatos *a priori*, de forma proativa, observando o sistema de forma global e a atividade como um ciclo de vida.

O sétimo capítulo faz um histórico sobre o ensino da contabilidade no Brasil, levando em consideração a Resolução 03/92 e a proposta das novas diretrizes curriculares sugerida pelos especialistas do MEC.

No oitavo e nono capítulos, apresenta-se a pesquisa realizada sobre os currículos dos cursos de graduação em Ciências Contábeis do Sul do país, como também um estudo comparativo entre os países do MERCOSUL e o Canadá, dos currículos dos referidos cursos. Sugere-se também um modelo de grade curricular que possibilitará a formação de contadores com características de gestores.

No décimo apresentam-se conclusões e as recomendações para futuras pesquisas.

CAPÍTULO 2 - AS LIMITAÇÕES DA CONTABILIDADE FINANCEIRA TRADICIONAL

2.1 Histórico

A história nos mostra que a noção de conta e, portanto, de contabilidade remonta aproximadamente há 4.000 anos A.C. . Porém não é descabido afirmar que já existia entre os homens primitivos esta noção, quando inventariavam seus instrumentos de caça e pesca disponíveis e ao contarem seus rebanhos e seus mantimentos.

Com a invenção da escrita logo tornou-se possível localizar os primeiros exemplos completos de contabilidade. A Bíblia no seu primeiro Livro, Gêneses, entre outras passagens que sugerem a contabilidade, relata uma concorrência no crescimento da riqueza entre Jacó e seu sogro Labão (rebanho de ovelhas). Para conhecer se a riqueza de Jacó crescia mais do que a de Labão, era necessário haver um controle quantitativo por mais rudimentar que fosse. Mas foi com a aparecimento da moeda que se tornou mais aparente a contabilidade, pois os negociadores não mais anotavam as obrigações, os direitos e os bens por meio de inventário físico e sim por uma avaliação monetária.

Deixando de lado a Antiguidade onde a evolução foi relativamente lenta, a contabilidade começou a tomar corpo no século XIII, na Itália, e tem sua primeira divulgação na metade do século XV, em 1494, com a obra de Frei Luca Pacioli intitulada "*Suma de Arithmetica, Geometria, Proportioni e Proportionalista*". Como o próprio título sugere, ela é um tratado de matemática, mas contém uma seção sobre registros contábeis segundo o método das partidas dobradas, "*Tractatus de Computis et Scripturis*", iniciando assim a "*Escola Italiana de Contabilidade*" que dominou o cenário mundial até o início deste século.

Com a sofisticação e o desenvolvimento das atividades comerciais e industriais em outras partes do mundo, o método contábil evoluiu consideravelmente e passou a sofrer influências de outros profissionais da contabilidade, com problemas e objetivos diferentes daqueles já constantes da escola italiana. Estas mudanças representam, em linhas gerais, a decadência da escola italiana e

a ascensão da escola inglesa, fato que ocorreu a partir da revolução industrial sucedida na Inglaterra, no século XVIII.

A partir desse momento, em decorrência do grande crescimento da atividade industrial, os investidores e banqueiros passaram a ser atraídos pela contabilidade fazendo crescer, continuamente, a demanda por informações confiáveis e úteis, necessárias aos novos usuários.

Surge então a época científica da contabilidade que, segundo SÁ [1] tem as seguintes escolas de pensamento:

- CONTISMO : alegava que a matéria de que a contabilidade tratava era a conta;
- PERSONALISMO: pedia para admitir a contabilidade como um estudo valométrico de direitos e obrigações de pessoas;
- AZIENDALISMO: admitia a contabilidade como um ramo de uma ciência das empresas e instituições;
- PATRIMONIALISMO: considerava a contabilidade como a ciência que estuda os fenômenos patrimoniais.

Segundo historiadores e estudiosos da contabilidade, a história contábil pode ser dividida em quatro períodos [2], conforme pode ser visto no quadro 1.

Quadro 1 – Períodos Históricos da Contabilidade

Contabilidade do Mundo Antigo	Período que inicia com a civilização do homem e vai até 1202 da era cristã, quando apareceu o <u>Liber Abaci</u> , da autoria de <u>Leonardo Pisano</u>
Contabilidade do Mundo Medieval	Período que vai de 1202 da Era Cristã até 1494, quando apareceu o <u>Tractatus de Computis et Scripturis</u> (Contabilidade por Partidas Dobradas) de Frei Luca Paciolo, publicado em 1494, enfatizando que a teoria contábil do débito e do crédito corresponde à teoria dos números positivos e negativos. Obra que contribuiu para inserir a contabilidade entre os ramos do conhecimento humano.

Contabilidade do Mundo Moderno	Período que vai de 1494 até 1840, com o aparecimento da obra <i>La Contabilità Applicata alle Amministrazioni Private e Pubbliche</i> , da autoria de <u>Franscesco Villa</u> , premiada pelo governo da Áustria. Obra marcante na história da contabilidade.
Contabilidade do Mundo Científico	Período que se inicia em 1840 e continua até os dias de hoje. Segundo Boisvert [3], “ <i>Em função da globalização da concorrência, da aceleração do progresso tecnológico, do avanço dos conhecimentos em contabilidade e em gestão, da evolução das aspirações dos gestores bem como pelo surgimento de novas tecnologias da informação e das comunicações, a contabilidade de gestão encontra-se atualmente em pleno desenvolvimento, tendo como centro de apoio a contabilidade por atividade</i> ”.

Em 1929, os problemas ocorridos nos Estados Unidos da América durante a crise econômica (depressão) influíram de maneira significativa no fortalecimento da contabilidade como sistema de informações dos negócios, com a aumento de pesquisas nesta área para melhor informar o usuário da contabilidade.

Dentre os fatores que contribuíram para a formação da Escola Norte-Americana de Contabilidade, podem-se citar os que seguem:

- a ascensão cultural e econômica dos Estados Unidos da América;
- os crescimento do mercado de capitais e, conseqüentemente, da auditoria;
- a preocupação em tornar a contabilidade em algo útil para a tomada de decisão;
- a atuação acentuada do Instituto dos Contadores Públicos Americanos;
- a clareza didática da exposição dos autores em contabilidade.

No Brasil, os marcos mais importantes na evolução da contabilidade são os seguintes:

- a criação em 1902 da Escola de Comércio Álvares Penteado em São Paulo, com a adoção da escola européia de contabilidade, basicamente a italiana;
- inauguração da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo em 1946 e advento das multinacionais anglo-americanas, quando se inicia a infiltração da escola contábil norte-americana em nosso país;
- o domínio da escola contábil norte americana iniciado com a Circular 179 de 1972 do Banco Central, tornou-se evidente com o advento da Lei N.º 6.404/76, Lei das Sociedades por Ações, que passou a adotar uma filosofia nitidamente americana.

2.2 Conceito

A evolução da contabilidade e a tendência dos autores podem ser observadas no momento em que se analisam alguns conceitos abaixo relacionados, que se encontram na obra de HILÁRIO FRANCO .[4]

“Contabilidade é a ciência que estuda o patrimônio à disposição das aziendas, em seus aspectos estáticos e em suas variações, para enunciar, por meio de fórmulas racionalmente deduzidas, os efeitos da administração sobre a formação e a distribuição dos réditos”
FREDERICO HERMANN JUNIOR

“A contabilidade é um sistema de registro e apuração ou medição da riqueza.” HELIO DE PAULA LEITE

“A contabilidade é a ciência que estuda o patrimônio à disposição das aziendas”.
VINCENZO MASI

“A contabilidade é a ciência da observação, registro, exposição e análise dos fenômenos econômico-patrimoniais” FRANCISCO D'ÁUREA

“Contabilidade é a ciência que tem por objetivo o estudo dos livros, documentos, cálculos e contas por meio dos quais se registram e classificam os atos e fatos administrativos, cujos efeitos sobre o patrimônio ela ensina e põe em evidência, dando normas para a representação gráfica dos mesmos”. CARLOS DE CARVALHO.

“A disciplina que estuda o patrimônio do ponto de vista econômico e jurídico, observando seus aspectos quantitativo e específico e as variações por ele sofridas em virtude da ação administrativa”. HILÁRIO FRANCO [5]

“ A contabilidade é a ciência que tem por objeto o patrimônio e por finalidade o auxílio nas áreas administrativas, jurídicas, fiscais, econômica e financeira”. A. LOPES DE SÁ [6]

Ao estudar os conceitos de contabilidade, observa-se que dependendo da escola doutrinária estes estão mais ou menos abrangente, destacando claramente que uma escola prima pelo registro e controle do patrimônio, ou seja, o registro e controle dos bens, direitos e obrigações, ênfase no método das partidas dobradas (escola italiana), e a outra faz ver que é necessário a análise dos registros (escola norte-americana).

Com a evolução da Ciência Contábil, nos dias de hoje, a contabilidade é tida como a grande geradora de informações para a tomada de decisão.

2.3 Contabilidade Financeira versus Gerencial

A contabilidade foi influenciada, como já foi dito, por mudanças na economia e, principalmente, pela mudança dos objetivos e usos da informação contábil (que consiste na maior preocupação da Escola Norte Americana).

Segundo IUDICIBUS [7], a contabilidade gerencial *“predomina, nos textos americanos, e tem como principal preocupação o usuário da informação contábil. A contabilidade é sempre utilizada e apresentada como algo útil para a tomada de decisões”*.

Para que a contabilidade alcance seu objetivo maior (prestar informação útil e a tempo) é necessário que seja utilizado um mecanismo que a maioria dos autores entende como contabilidade gerencial, ou contabilidade decisória, ou contabilidade para tomada de decisão, ou ainda contabilidade interna, e não mais a contabilidade financeira.

Ainda segundo IUDICIBUS [8], “A contabilidade gerencial, num sentido mais profundo, está voltada única e exclusivamente para a administração da empresa, procurando suprir informações que se encaixem de maneira válida e efetiva no modelo decisório do administrador”.

Já ANTHONY [9] afirma que “ a contabilidade gerencial preocupa-se com a informação contábil útil à administração”.

Como se pode observar a contabilidade financeira, dentro de suas limitações, não atende de maneira efetiva, como modelo decisório, aos administradores da empresa.

Para destacar algumas limitações da contabilidade financeira tradicional, demonstra-se no quadro 2 uma comparação com a contabilidade gerencial, em itens como: relatórios, restrições, características da informação, usuários, tempo, prazo, implicações comportamentais e outros.

Quadro 2 - Diferença entre Contabilidade Gerencial e Financeira

FATOR	CONTABILIDADE GERENCIAL	CONTABILIDADE FINANCEIRA
Principais usuários	Administradores de vários níveis da organização	Administradores da organização e partes externas, como investidores e órgãos públicos.
Qualidade principal	Útil, relevante	Fiel, representa a realidade.
Referência teórica	Nenhuma teoria predeterminada, nenhuma exigência legal e é totalmente adaptada a empresa	Princípios contábeis, é universal e obedece todas as exigências legais.
Liberdade de escolha	Nenhuma outra restrição além dos custos em relação aos benefícios de melhores decisões administrativas	Limitado pelos princípios contábeis geralmente aceitos
Implicações comportamentais	Preocupação com a forma pelo qual as medidas e os relatórios influenciarão o comportamento diário dos administradores	Preocupação com a forma pelo qual se devem medir e comunicar fenômenos econômicos. O impacto sobre o comportamento é secundário
Enfoque no tempo	Orientação para o futuro: uso formal de orçamentos e registros históricos	Orientação para o passado: avaliação histórica

Dados utilizados	Históricos e previsões, financeiros e não financeiros, auditados e não auditados, internos e externos, objetivos e subjetivos.	Históricos, unicamente financeiros, auditados, internos e objetivos.
Coleta de informação	Seletiva	Completa
Relatórios	Relatórios detalhados: preocupação com detalhes de partes de entidade, produtos, departamentos, territórios etc.	Relatórios resumidos: preocupação basicamente com a entidade como um todo.
Objetivo dos relatórios	Objetivo especial de facilitar o planejamento, controle, avaliação de desempenho e tomada de decisão internamente.	Facilitar a análise financeira para as necessidades dos usuários externos.
Forma dos relatórios	Orçamentos, contabilidade por responsabilidade, relatórios de desempenho, relatórios de custo, relatórios especiais não rotineiros para facilitar a tomada de decisão	Balanco Patrimonial, Demonstração dos Resultados, Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos e Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido.
Frequência dos relatórios	Quando necessário pela administração	Anual, trimestral e ocasionalmente mensal
Custos ou valores utilizados	Históricos e esperados (previstos)	Históricos (passados)
Bases de mensuração usadas para quantificar os dados	Várias bases (moeda corrente, moeda estrangeira – moeda forte, medidas físicas, índices etc.)	Moeda corrente
Arcabouço teórico e técnico	Utilização pesada de outras disciplinas, como economia, finanças, estatística, pesquisa operacional e comportamento organizacional.	Ciências Contábeis
Momento da intervenção	<i>A priori</i> e <i>a posteriori</i>	<i>A posteriori</i>
Area de intervenção	Empresa e seu meio ambiente	Empresa somente
Ciclo temporal	Ciclo de vida da atividade	Exercício financeiro
Características da informação fornecida	Deve ser relevante e a tempo, podendo ser subjetiva.	Deve ser objetiva, verificável, relevante e a tempo

Como é possível observar, a contabilidade financeira tem várias limitações que são supridas pela contabilidade gerencial, contudo é imprescindível frisar que elas se complementam. Assim, torna-se difícil determinar onde termina a contabilidade financeira e onde inicia a contabilidade gerencial.

Para QUEIROZ [10], “O contador recebe documentalmente informações de todas as operações realizadas na empresa, analisa-as, classifica-as cronologicamente e por ordem de razão no plano de contas, identifica o fluxo de fundos que provocam e lança a crédito as origens e a débito as aplicações correspondentes. Ou seja, com este procedimento, supera-se o simples controle numérico e estatístico de inventários que prevaleceu na humanidade até recentemente e se consegue, em sua expressão monetária, o controle dinâmico do processo de produção em cada uma de suas etapas”, o que vem demonstrar os primeiros sinais na qualidade da informação para tomada de decisão (contabilidade gerencial)

Já outros autores defendem que o ponto de ruptura entre estes dois grandes ramos da contabilidade se dá com os relatórios contábeis (Balanço Patrimonial, Demonstração de Resultado do Exercício, Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido e Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos), pois servem aos interessados externos à empresa (Bancos, Governo, Acionistas desligados da gerência), ao mesmo tempo em que são o ponto de partida para a contabilidade gerencial e para a administração, conforme pode-se observar no quadro 3.

Quadro 3 – Paradigmas da Contabilidade Financeira e Gerencial

EM TERMOS DE	CONTABILIDADE GERENCIAL	CONTABILIDADE FINANCEIRA
Custos	Atividades exigidas e seus respectivos direcionadores de custo.	Princípio da alocação total entre produtos e custos contábeis
Planejamento	Compreende todas as atividades	Compreende todos os recursos
Controle	Incentivo à performance	Conformidade ao planejamento

Diante do que foi apresentado acima, pode-se dizer que a contabilidade gerencial é caracterizada, superficialmente, como um enfoque especial conferido a várias técnicas e procedimentos contábeis já conhecidos e tratados na contabilidade financeira, na contabilidade de custos, na análise financeira e de balanços. Estes são colocados numa perspectiva diferente, num grau de detalhe mais analítico ou numa forma de apresentação e classificação diferenciada, de maneira a auxiliar os gerentes das entidades em seu processo decisório.

Em um sentido mais profundo, a contabilidade gerencial está voltada única e exclusivamente para a administração da empresa, procurando suprir informações que se complementam de maneira válida e efetiva no modelo decisório do administrador.

Assim de maneira geral, pode-se afirmar que todo procedimento, técnica, informação ou relatório contábil, feitos para que a administração os utilize na tomada de decisão entre alternativas conflitantes, ou na avaliação de desempenho, recai na contabilidade gerencial.

A contabilidade gerencial existe ou existirá se houver uma ação que faça com que ela exista. Uma entidade tem contabilidade gerencial se houver pessoas dentro dela que consigam traduzir os conceitos contábeis em atitudes práticas.

Segundo BEUREN [11], *“as informações gerenciais são abordadas, na teoria, de modo dissociado dos modelos de decisão dos gestores, enquanto, na prática, é imprescindível que seja analisada essa interação para fins de proceder o gerenciamento do fluxo de informações nas organizações”*.

Desse modo, a informação gerada nas empresas deve assumir o caráter de dar o suporte informativo adequado aos gestores, para que percebam a eficiência e a eficácia empresarial como uma necessidade contínua e sustentada.

Conclui-se, portanto, que a contabilidade gerencial significa o uso da contabilidade como instrumento da administração, ou seja, gerenciamento da informação contábil que deve aparecer no suporte ao ciclo de planejamento – execução – controle, que se consubstancia no processo de gestão, viabilizado pelos sistemas de informações.

CAPÍTULO 3 - SISTEMAS DE INFORMAÇÕES CONTÁBEIS GERENCIAIS E A INTEGRAÇÃO COM AS INFORMAÇÕES MONETÁRIAS E NÃO MONETÁRIAS

Pelas informações citadas no capítulo anterior, observa-se que o sistema de informação contábil foi utilizado, mesmo de forma singela, no século passado; e acreditamos tenha sido sempre utilizado de forma rudimentar, através dos séculos.

A partir do momento em que a contabilidade passou a ser vista como ciência, a informação contábil passou a ter mais valia, pois esta informação já tinha uma sistematização, servindo de forma mais precisa aos tomadores de decisão.

A contabilidade desenvolveu-se nos seus aspectos gerenciais, devido, inclusive, à necessidade de informações por parte da classe ocupada com a tomada de decisão.

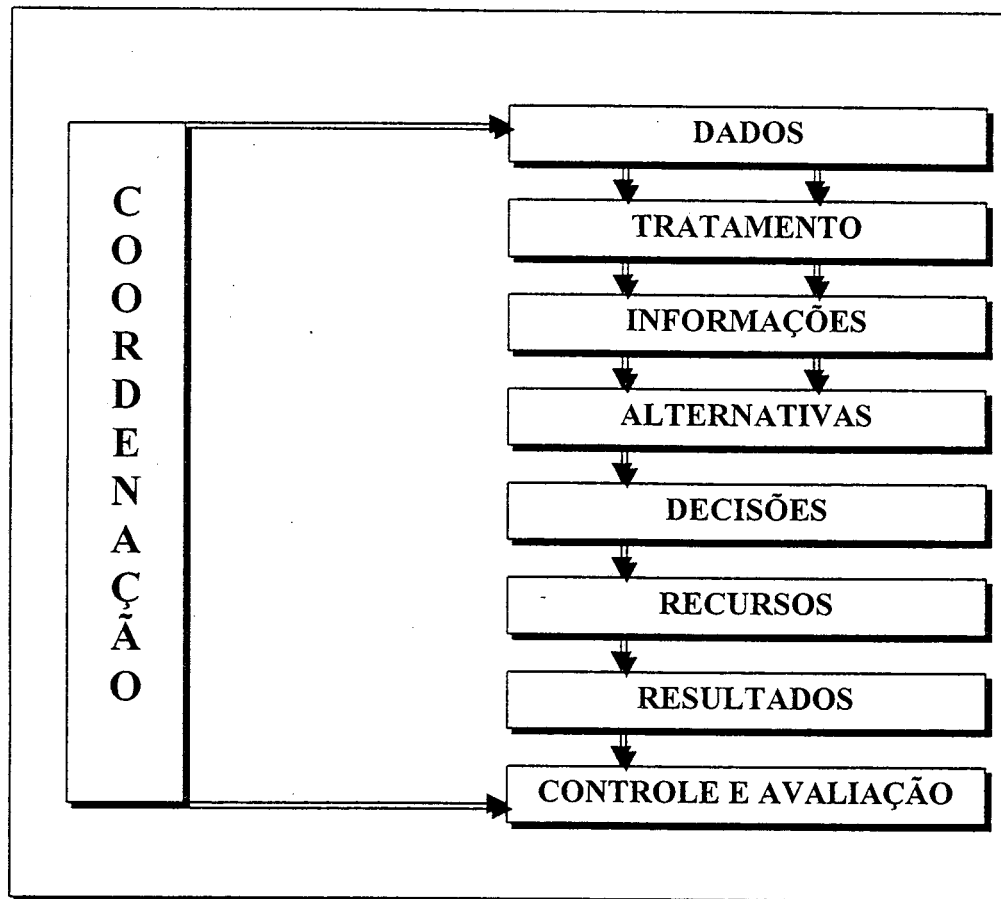
Anthony [12] confirma a necessidade da informação contábil para a tomada de decisão, quando diz que *“a contabilidade gerencial preocupa-se com a informação contábil útil à administração”*, ou seja, o ponto fundamental da contabilidade gerencial é o uso da informação contábil como ferramenta para a administração.

Para que a informação contábil seja útil para a tomada de decisão é fundamental que se tenha um sistema de informação contábil gerencial.

Ter um sistema de informação contábil gerencial, é ter um sistema de informação que seja um instrumento dotado de características que preencham todas as necessidades informacionais dos administradores para o gerenciamento de sua entidade.

3.1 Componentes do Sistema de Informações Gerenciais

Os componentes do sistema de informações gerenciais podem ser visualizados em forma de um processo, como demonstrado abaixo:



Fonte: OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. *Sistemas de informações gerenciais, táticas operacionais*. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 1993. p. 140

Figura 1 – Componentes do Sistema de Informações Gerenciais

Para o perfeito entendimento de um sistema de informações gerenciais e sua integração com as informações monetárias e não monetárias, é necessário que se tenha bem claro o que significam; sistema, informações e gerencial.

3.2 Sistema

“Sistema é um conjunto de rotinas que contém vários programas e subprogramas, rotinas essas que são desenvolvidas para aplicação em áreas específicas da empresa, por meio do uso do computador, com o objetivo de gerar informações e produzir relatórios de acompanhamento e controle interno.” [13]

“Sistema pode ser definido como uma entidade composta de dois ou mais componentes ou subsistemas que interagem para atingir um objetivo comum; sob esse aspecto, o termo aplica-se a uma comunidade, a uma família, a uma empresa.” [14]

“Considera-se sistema um conjunto de elementos interdependentes, ou um todo organizado, ou partes que interagem formando um todo unitário e complexo.” [15]

“Sistema é um conjunto de partes interagentes e interdependentes que conjuntamente, formam um todo unitário com determinado objetivo e efetuam determinada função.” [16]

3.3 Informação

A informação deve ser utilizada pelas organizações de maneira a gerar um diferencial, ou seja, as organizações que possuem uma boa base de informações poderão vencer a batalha da concorrência acirrada do mundo moderno.

Qualquer organização que queira obter algum tipo de vantagem estratégica com o uso da informação, deverá fazê-lo gerenciando e utilizando efetivamente a informação.

Ao se definir informação, deve-se também conceituar o termo dado para que fique bem claro as diferenças existentes entre ambos. O quadro 4, destaca algumas definições de autores para estabelecer este diferencial.

Quadro 4 – Conceitos de Informação e Dado

ITENS AUTORES	INFORMAÇÃO	DADO
OLIVEIRA [17]	É o produto da análise dos dados existentes na empresa, devidamente registrados, classificados, organizados, relacionados e interpretados dentro de um contexto para transmitir conhecimento e permitir a tomada de decisão de forma organizada.	É qualquer elemento identificado em sua forma bruta, que por si só não conduz a uma compreensão de determinado fato ou situação.

CORNACHIONE [18]	É um conjunto de caracteres (dados) porém já trabalhados, que permitem assimilar conhecimento além de transmitir significado.	Pode ser entendido como um conduto de letras ou dígitos, que apenas por si só não permitem assimilar conhecimento ou até não transmitem nenhum significado.
GIL [19]	É o produto final do sistema de informações e deve ser apresentado de forma, prazo e conteúdo adequados ao usuário	É a matéria-prima com que o sistema de informação vai trabalhar.

3.4 Gerencial

A informação gerencial “*é o processo administrativo (planejamento, organização, direção e controle) voltado para resultados.*” [20]

3.5 Sistema de Informações Gerenciais

3.5.1 Conceitos

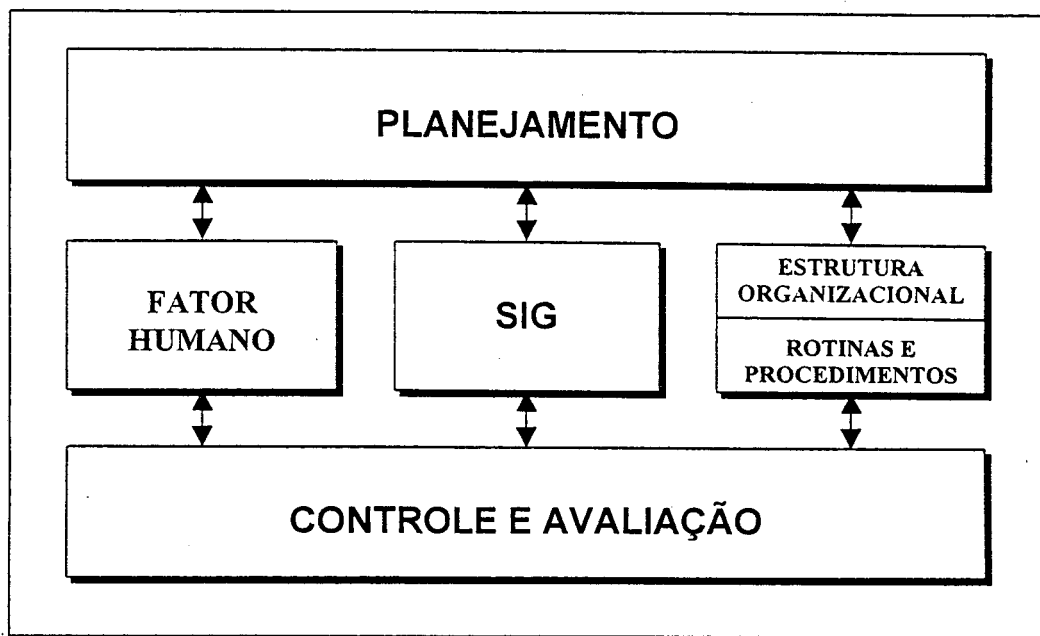
Existem algumas definições da expressão sistema de informações gerenciais, entre as quais podem ser analisadas as apresentadas na obra de OLIVEIRA [21]

- “*Sistema de informações gerenciais é um sistema de pessoas, equipamentos, procedimentos, documentos e comunicações que coleta, valida, executa operações, transforma, armazena, recupera e apresenta dados para uso no planejamento, orçamento, contabilidade, controle e outros processos gerenciais para vários propósitos administrativos. Os sistemas de processamento de informações tornam-se sistema de informações gerências quando sua finalidade transcende uma orientação para a tomada de decisões gerenciais*” Schwartz,
- “*Sistema de informações gerenciais é um método organizado para prover informações passadas, presentes e futuras, relacionadas com as operações internas e o serviço de inteligência externa. Serve de suporte para as funções de planejamento, controle e operação*

de uma empresa através do fornecimento de informações no padrão de tempo apropriado para assistir o tomador de decisão” Kennevan,

- *“Sistema de informações gerenciais é um sistema integrado homem-máquina que provê informações para dar suporte às funções de operação, administração e tomada de decisão na empresa” Davis*
- *“Sistema de informações gerenciais é um grupo de pessoas, um conjunto de manuais e equipamentos de processamento de dados voltados para a seleção, armazenamento, processamento e recuperação de dados com vistas a redução de incertezas na tomada de decisões, através de fornecimento de informações para os executivos a tempo para que eles possam usá-las da maneira mais eficiente” Murdick e Ross*
- *“Sistema de informações gerenciais é um sistema voltado para a coleta, armazenagem, recuperação e processamento de informação que é usada ou desejada, por um ou mais executivos no desempenho de suas atividades” Ein-Dor e Segev*
- *“Sistema de informações gerenciais, consiste em pelo menos uma pessoa de certo tipo psicológico, que se vê diante de um problema em algum contexto organizacional para o qual ele necessita de evidência para chegar a uma solução, e que a evidência se torna disponível a ele através de algum modo de apresentação” Mason Jr. E Mitroff*
- *“Sistema de informações gerenciais é uma combinação de pessoas, facilidades, tecnologia, ambiente, procedimentos e controles, com os quais se pretende manter os canais essenciais de comunicação, processar certas rotinas típicas de transações, alertar os executivos para a significância dos eventos internos e externos e proporcionar uma base para a tomada de decisão inteligente” Nash e Roberts*

Diante dos conceitos apresentados, pode-se dizer que o sistema de informações gerenciais é uma ferramenta utilizada para prover os executivos de informações passadas, presentes e futuras, com o objetivo de facilitar a tomada de decisão. Esta ferramenta é composta de pessoas, facilidades, tecnologia, ambiente e procedimentos, com os quais é dado suporte às funções de planejamento, controle e operação de uma empresa, conforme demonstra a figura 2.



Fonte: OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. *Sistemas de informações gerenciais, táticas operacionais*. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 1993. p. 129

Figura 2 – Modelo Geral do Sistema de Informações Gerenciais

3.5.2 Histórico

O enfoque dado ao papel dos sistemas de informações dentro das organizações tem variado bastante ao longo do tempo.

Durante os anos 50 e início dos 60, os sistemas de informações enfocavam apenas a redução de custo do processamento rotineiro de papéis, especialmente de contabilidade.

Os sistemas de informações das décadas de 60 e 70 eram freqüentemente chamados de sistemas de informações gerenciais. Neles eram armazenadas as informações necessárias para a execução das tarefas do nível gerencial das organizações oferecendo assim suporte e rapidez a estas funções.

Na década de 70 e início dos anos 80, as informações e os sistemas que as coletaram, armazenaram e processaram – eram vistos como provedores de uma padronização do gerenciamento geral da organização. Os sistemas de informações que emergiram durante este período eram chamados de sistemas de suporte à decisão e sistemas de suporte executivo. Sua proposta era prover e tornar mais rápido o processo de tomada de decisão em uma vasta amplitude de problemas.

Em meados da década de 80, a concepção de informação mudou novamente. A informação desde então é considerada como um recurso estratégico, um potencial recurso para a aquisição da vantagem competitiva, ou uma arma estratégica na competição. Esta mudança de concepção reflete os avanços do planejamento estratégico e da teoria de PORTER [22] sobre vantagem competitiva. Os tipos de sistemas construídos para dar suporte a este conceito de informação são chamados de sistemas estratégicos, e sua proposta é de garantir a sobrevivência e prosperidade da organização num futuro próximo.

Segundo PORTER [23], *“Muitas empresas já chegaram à conclusão de que a eficiência operacional é importante e necessária, mas não suficiente. E estão começando a reconhecer que o que diferencia as empresas entre si e permite que tenham sucesso é uma estratégia sólida e exclusiva”*.

Sistemas de informações estratégicos possibilitam a rápida aquisição e armazenagem de grande quantidade de informações, além de proporcionar o agrupamento de informações oriundas de várias fontes, apresentando estas como resumos com o uso de recursos gráficos, possibilitando melhor visualização para a operacionalização e tomada de decisões relativas ao planejamento estratégico.

3.5.3 Utilização

A rigor o sistema de informações estratégico deve fornecer informações que atendam ao nível estratégico, dispondo de uma amigável interface homem-máquina. Através da sumarização e consolidação dos dados de todas as áreas funcionais da empresa, ele possibilita o acompanhamento diário dos resultados monetários e não monetários da empresa, como:

- contas a pagar;
- contas a receber;
- conciliações bancárias;
- informações sobre a produção;
- dados de movimentação de estoque;
- informações sobre custo de mão-de-obra;

- gerenciamento de lançamento de novos produtos no mercado;
- rotina de desempenho de recursos humanos.

Este tipo de sistema possibilita, partindo de um nível sintético (macrovisão), aprofundar-se na análise e atingir maiores níveis de detalhes.

Como características adicionais, mas não menos importantes, o sistema de informações estratégico pode manipular informações externas, ou dados do macroambiente empresarial, como:

- dados da concorrência;
- informações detalhadas de clientes;
- tendências mercadológicas;
- indicadores econômicos;
- dados do mercado de ações;
- informações de legislação.

Um sistema de informações estratégico, se bem construído, viabiliza ao executivo o acompanhamento diário dos resultados condensados.

Apenas dados relevantes de todas as áreas funcionais da empresa são reunidos e sumarizados, o que lhe permite uma maior agilidade e precisão no processo de tomada de decisão. Além disso, alguns indicadores de desempenho chave previamente definidos – índice de lucratividade, eficiência produtiva, despesas, utilização de mão-de-obra, índice de sucata, índice de *turn-over*, e outros – podem ser monitorados.

Tais facilidades conferidas pelo sistema possibilitam ao executivo a sua liberação para acompanhar outras atividades que não a leitura e interpretação de extensos e numerosos relatórios. De posse de um sistema bem construído, ele conseguirá visualizar em pouco tempo o que levaria dias para ver utilizando-se dos métodos tradicionais.

Sendo o sistema de informações contábil gerencial uma das partes que compõe o sistema de informações estratégico, é fundamental que na sua elaboração vários aspectos sejam observados para uma perfeita utilização dos recursos e maximização dos resultados. Dentre eles podemos destacar:

- necessidade da informação;
- planejamento e controle;
- operacionalidade;
- integração dos dados;
- custo da informação;
- abrangências;
- construção dos relatórios;
- flexibilidade;
- difusão da informação.

3.5.3.1 Necessidade da Informação

A necessidade da informação constitui um pressuposto básico para o sistema de informações contábil gerencial, e é determinada pelos usuários finais desta informação. Assim, a informação deve ser construída para atender a esses usuários e não para atender aos contadores.

Para que um sistema de informações contábil gerencial tenha sucesso, é preciso que aliado à necessidade da informação esteja o apoio da alta administração, já que este sistema é abrangente e deve atender toda a organização. Caso estes conceitos de necessidade da informação contábil não estejam presentes na cúpula administrativa da entidade, o contador deve fazer nascer e crescer esta mentalidade gerencial.

3.5.3.2 Planejamento e Controle

0-313.566-4

Assim como a necessidade da informação, o planejamento e controle são pressupostos básicos, pois o sistema de informações contábil gerencial exige planejamento para a produção dos relatórios que irão atender aos usuários, e controle dos mesmos para verificar sua utilidade e atualidade.

“Se o sistema de informações gerenciais não for atualizado periodicamente, poderá ficar numa situação de descrédito perante seus usuários”. [24]

Os três itens que serão abordados a seguir, são avaliados por PADOVESE [25] como *“três pontos fundamentais para que um Sistema de Informação Contábil Gerencial tenha validade perene dentro de uma organização”*.

3.5.3.3 Operacionalidade

A operacionalidade de um sistema de informações contábil gerencial é fundamentada na coleta, armazenagem e processamento dos dados de forma operacional; ou seja, todos os que trabalham com a informação contábil devem saber e sentir que estão operando com dados reais, significativos, práticos e objetivos.

As características básicas de operacionalidade de um sistema de informações contábil gerencial são verificadas, quando existem relatórios:

- concisos;
- elaborados de acordo com a necessidade do usuário;
- contemplados com informações objetivas e de imediato entendimento pelos usuários;
- que não permitam uma única dúvida sequer, ou possibilitem pergunta indicando falta de alguma informação do objeto do relatório;
- com apresentação visual e manipulação adequada.

3.5.3.4 Integração

Outro fundamento do sistema de informações contábil gerencial é a integração. Um sistema de informações contábil gerencial é integrado quando todas as áreas necessárias para o gerenciamento da informação contábil estejam abrangidas por um único sistema de informações, ou seja, todas devem utilizar-se de um mesmo e único sistema de informação.

É comum encontrarmos vários sistemas de informações dentro de uma empresa, o sistema de informações da contabilidade de custo, não é o mesmo do sistema de informações da contabilidade financeira que, por sua vez, também não é o mesmo sistema do planejamento financeiro, e assim por diante, a isso denominamos sistema de informações contábeis não integrados.

O que diferencia o sistema de informações integrado do não integrado é a “navegabilidade” dos dados. A partir do momento em que um dado é coletado, este deverá ser utilizado em todos os segmentos do sistema de informações contábil gerencial, em outras palavras, todos os usuários do sistema de informações contábil gerencial recebem a mesma informação e “falam” a mesma “língua”.

3.5.3.5 Custo da Informação

O terceiro fundamento, o custo da informação deve ser analisado na relação custo *versus* benefício. Segundo Oliveira [26], “o sistema de informações gerencial deve apresentar uma situação de custo abaixo dos benefícios que proporciona à empresa”. Com os recursos computacionais, as empresas têm condições de manter um sistema de informações contábil gerencial que atenda este fundamento.

3.5.3.6 Abrangências

Um sistema de informações contábil gerencial deve necessariamente abranger todas as áreas de contabilidade. Juntamente com isso, o sistema deve prover todos os meios para trabalhar a informação em seus aspectos de informação passada, informação atual, informação passada atualizada e informação futura, com análises percentuais. Ainda segundo Oliveira [27], “os números devem apresentar a situação atual, bem como outros aspectos, entre os quais podem ser citados: o período anterior, o mesmo período no ano anterior, e a situação desejada. Os números devem apresentar uma situação de relatividade, principalmente percentual”.

3.5.3.7 Construção dos Relatórios

Para HORNGREN [28] “ *Um sistema de informações contábil é um meio formal de se reunir dados para ajudar e coordenar decisões à luz das metas ou objetivos gerais de uma organização. O sistema de informações contábil é o maior sistema de informações quantitativas de quase todas organizações e fornece informações para três finalidades amplas:*

- *relatórios internos a administradores, para uso no planejamento e controle das atividades de rotina;*
- *relatórios internos a administradores, para serem utilizados no planejamento estratégico;*
- *relatórios externos para acionistas, para o governo e para outros interessados externos”.*

3.5.3.8 Flexibilidade

A flexibilidade nos sistemas de informações contábeis é a característica que vem otimizar a utilização da informática na contabilidade.

Nesta característica deve-se verificar se estão presentes conceitos como: processamento de várias empresas simultaneamente, plano de contas e centros de custos com estrutura de códigos variável, possibilidade de digitação através de códigos reduzidos, conversão para outras moedas, permissão para todas as formas de lançamentos, operar com mais de um período simultaneamente, diferimentos, vinculações e rateios automático de exercício, consultas *on-line*, gerador de relatórios, rotinas de controle de acesso (segurança).

3.5.3.9 Difusão da Informação

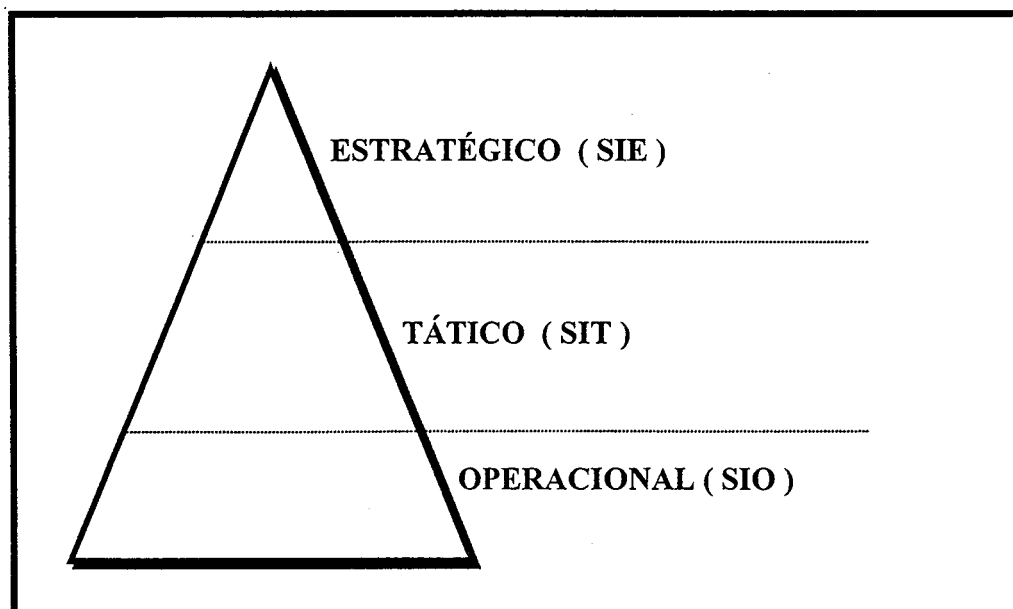
As informações geradas nos sistemas devem ser difundidas por todos os setores da empresa, afim de possibilitar uma perfeita utilização das informações geradas.

O sistema de informações contábil gerencial não deve ser considerado apenas como um sistema de informações para uso estratégico, pois as informações que transitam na contabilidade são de extrema necessidade para todos os níveis da organização, e por isso devem ser disponibilizados a todos os segmentos da organização.

Segundo Oliveira [29], os níveis de influência do sistema de informações gerenciais são os que seguem:

- *nível estratégico, que considera a interação entre as informações do ambiente empresarial (estão fora da empresa) e as informações internas da empresa. Corresponde ao Sistema de Informações Estratégicas (SIE).*
- *nível tático, que considera a aglutinação de informações de uma área de resultado e não da empresa como um todo. Corresponde ao Sistema de Informações Táticas (SIT).*
- *nível operacional, que considera a formalização, principalmente através de documentos escritos das várias informações estabelecidas. Corresponde ao Sistema de Informações Operacionais (SIO).*

Para um melhor entendimento dos níveis discutidos, pode-se ter uma visão esquemática na figura 3.



Fonte: OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. *Sistemas de informações gerenciais, táticas operacionais*. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 1993. p. 134

Figura 3 – Níveis de Influência do Sistema de Informações Gerenciais

Para que a organização consiga dispor das informações contábeis desde o nível operacional até o estratégico, é fundamental que ela se preocupe com as tecnologias de informação que irá utilizar.

CAPÍTULO 4 - NOVAS RELAÇÕES TECNOLÓGICAS DA INFORMAÇÃO COM A CONTABILIDADE

Como observado no capítulo anterior, os sistemas de informações contábil e gerenciais devem ser considerados como um sistema estratégico, mesmo sendo usados por todos os níveis da organização. Para que isso ocorra é necessário que se tenha um suporte confiável de tecnologia da informação.

Mas o que vem a ser tecnologia da informação (TI)? Para que se chegue a esta definição é importante conhecer aspectos da origem da informática.

4.1 Origem da Informática

A informática passou a ser tratada como ciência há poucos anos, tendo como associados a ela uma série de fatos e descobertas que fizeram com que hoje em dia esta ciência seja uma das quais o homem esta dedicando grande parte da sua atenção e atribuindo maior importância.

Apesar da informática ser uma ciência nova, vários foram os fatos históricos, personalidades e descobertas que contribuíram para o surgimento desta ciência.

Estão demonstradas abaixo algumas das principais descobertas que fizeram parte desta evolução da informática.

4.1.1 Ábaco

É um instrumento que servia para realizar operações aritméticas e representar números no sistema decimal. Um ábaco de onze varetas pode representar um número inteiro com até doze dígitos decimais.

4.1.2 Logaritmos Naturais e Calculador com Cartões

JOHN NAPIER idealizou um dispositivo que continha bastões com números, capaz de multiplicar e dividir automaticamente.

4.1.3 Calculadora Mecânica

Em torno de 1623, WILHELM SCHICKARD construiu a calculadora mecânica baseada em rodas dentadas que realiza multiplicações, utilizando o método de somas sucessivas.

4.1.4 Máquina de Calcular Automática

BLAIS PASCAL, inventor da primeira máquina de calcular automática (Máquina Aritmética de Pascal-1642) que simulava um ábaco realizando operações de soma e subtração, expondo o resultado numa série de janelinhas.

4.1.5 Régua de Cálculo

Em 1650, PATRIDGE inventou uma régua deslizando sobre uma base fixa que possuía escalas para a realização de certas operações.

4.1.6 Máquina Aritmética de Morland

SAMUEL MORLAND, em 1666, inventou uma máquina mecânica que fazia operações de subtração e soma.

4.1.7 Calculadora Universal

Aperfeiçoando a máquina de PASCAL, GOTTFRIED LEIBNITZ inventou uma máquina que somava, subtraía, multiplicava, dividia e extraía raiz quadrada. (1672).

4.1.8 Calculadora de Hahn

Em 1779, MATTIEU HAHN construiu uma máquina que realizava as operações de somas, subtrações, multiplicações e divisões.

4.1.9 Tear Automático

JOSEPH JACKUERD inventou um tear automático com entrada de dados através de cartões perfurados que controlava a confecção dos tecidos e seus desenhos (considerada a primeira máquina mecânica programada – 1801).

4.1.10 Máquina de Diferenças

Dispositivo mecânico que avaliava funções e obtinha tabelas, inventado por CHARLES BABBAGE em 1822. Por causa de deficiências tecnológicas da época, esta máquina não chegou a ser construída.

4.1.11 Máquina Analítica ou Diferencial

Também invenção de CHARLES BABBAGE, 1833, esta máquina era semelhante ao computador atual, dispunha de programa, memória, unidade de controle e periféricos de entrada e saída. Pelo mesmo motivo da anterior esta não chegou a ser construída, mas, por causa deste projeto, BABBAGE é considerado o pai da informática.

4.1.12 Álgebra de Boole

Teoria desenvolvida por GEORGE BOOLE, que permitiu a seus sucessores a representação de circuitos de comutação e o desenvolvimento da chamada Teoria dos Circuitos Lógicos.

4.1.13 Máquina de Recenseamento ou Tabuladora

Construída por HERMAN HOLLERITH, a máquina tabuladora foi capaz de reduzir em três vezes o trabalho manual de recenseamento dos Estados Unidos.

Em 1885, HOLLERITH incluiu na sua máquina a operação de somar a fim de utilizá-la na Contabilidade das Ferrovias Centrais de Nova York. Esta foi a primeira tentativa de realização automática de uma aplicação contábil.

4.1.14 A Milionária

Primeira calculadora a obter sucesso comercial, construída por OTTO STEIGER, a milionária foi utilizada em grandes transações e algumas aplicações de cálculos científicos.

4.1.15 Máquinas de Recenseamento

No início do século XX, em 1910, JAMES POWER projetou novas máquinas de recenseamento, dando continuidade à idéia de Hollerith.

Entretanto, foi durante a década de 60 que os computadores começaram a integrar as grandes empresas, iniciando suas atividades de automação com grandes expectativas. Desde então, os computadores foram se tornando cada vez mais populares, embora no início dos anos 70 ainda se acreditava que eles continuariam a ser equipamentos complexos, grandes e caros.

Com a progressiva evolução da tecnologia que tem resultado em graus de miniaturização e integração dificilmente imagináveis no passado, os computadores têm se popularizado cada vez mais.

4.2 Tecnologia da Informação

A evolução da informática apresentada anteriormente permite conceituar Tecnologia da Informação como *“o conjunto de hardware e software que desempenham uma ou mais tarefas de processamento de informações do sistema de informações, tal como coletar, estocar, recuperar, manipular e exibir dados”*. [30]

Da definição acima conclui-se que a tecnologia da informação pode incluir vários equipamentos e sistemas. No entanto, é importante que se tenha uma visão abrangente de todo o conjunto de tecnologias que integram o composto denominado tecnologia da informação, de forma que se tenha uma referência aberta sobre todas as possibilidades de usos estratégicos da TI, até porque, muitas vezes, o uso estratégico não implica no uso de tecnologia de ponta ou inovadora.

Assim, o que se apresenta a seguir é uma visão organizada de todo o conjunto mais relevante de tecnologias específicas que fazem parte da tecnologia da informação voltada à contabilidade, devendo servir como guia resumido para pesquisa de seus possíveis usos estratégicos.

4.2.1 Tecnologia de Hardware

Com relação ao hardware, suas transformações são tão rápidas que qualquer lista que se apresente poderá ficar obsoleta rapidamente. Assim a lista apresentada a seguir deverá servir apenas para análise preliminar.

a) Recursos Computacionais

- Microcomputadores de uso pessoal
 - Microcomputadores de uso profissional
 - Microcomputadores portáteis (*notebooks*)
 - Supermicros
 - Minicomputadores
 - Mainframes (de médio e grande porte)
 - Supercomputadores
 - Estações de Trabalho
 - Scanners
- b) Recursos de Comunicação
- Telefonia convencional
 - Telefonia computadorizada
 - Telefax
 - Telex
 - Integração entre as diversas redes de comunicação: telefonia, transferência de dados e imagens
 - Telefonia móvel
 - Estações para telemarketing
 - Digitadores de dados em campo

4.2.2 *Sistemas de Informação*

Nessa categoria estão incluídos os sistemas que processam essencialmente informações e também as produzem. Aqui se incluem desde os sistemas de informações operacionais, voltados para o processamento de transações, até os sistemas de suporte a decisões.

Visando facilitar a compreensão do universo de possibilidades nesse nível de tecnologias, os diversos tipos de sistemas de informações estão agrupados em blocos homogêneos em função dos objetivos a que atendem. No entanto, a melhor visão que se pode ter das tecnologias de informações é a que integra todas essas tecnologias e as orienta para o uso conjunto, de forma a atender aos requisitos estratégicos e organizacionais da organização.

Segundo OLIVEIRA [31] os blocos estão divididos como segue:

4.2.2.1 **Sistemas Transacionais (ST) e Sistemas de Informações Gerenciais Básicos Estruturados (SCB)**

Esses sistemas têm como principal orientação o registro e o controle das transações básicas da empresa, e a análise das suas operações, através de relatórios bem estruturados e repetitivos, utilizados em geral para decisões e intervenções de rotina.

- **Sistemas Transacionais (ST)** cuidam basicamente do registro e da recuperação de transações e operam os processos fundamentais da organização (sempre associados a transações, como compras, vendas, produção, estocagem, distribuição, cobrança, pagamentos, etc.). Suas funções básicas são registrar, atualizar e recuperar transações, ou seja, informações sobre ocorrências de quaisquer naturezas que envolvam a operação da organização; produzir relatórios analíticos e sintéticos sobre as transações efetuadas; processar documentos de uso interno ou externo, tais como, notas fiscais, faturas, pedidos de fornecedores, ordens de fabricação, notas de transferências de materiais, etc.
- **Sistemas de Informações Gerenciais Básicos (SGB)** são bem estruturados, preocupados, essencialmente, com a geração de informações para o processo gerencial, orientadas em geral para necessidades funcionais bem estabelecidas, cuidando de funções como; fornecer informações aos níveis de chefia, supervisão e gerência a respeito das operações da organização, na forma de relatórios gerenciais bem estruturados (resumo de vendas, cobranças, posições de contas a pagar e a receber, posição de caixa etc.); programar operações da organização e controlar a execução desses programas (programação e controle de produção, programação de entregas e distribuição de pedidos, programação de férias de pessoal, etc.).

Nesta classe (ST + SGB) deve-se incluir a maior parte dos sistemas de informações historicamente desenvolvidos e utilizados, tais como, folha de pagamentos, faturamento e controle de contas a pagar e a receber, controle de estoques, contabilidade geral e fiscal, administração de pedidos de clientes, programação e controle de produção etc.

Obviamente, alguns desses sistemas são bem mais complexos que outros, mas o que todos têm em comum é o fato de tratarem de processamentos de informações altamente estruturados e repetitivos.

Além disso, esta categoria inclui sistemas de vários níveis, uns se estruturando sobre outros, isto é, utilizam informações geradas por outros, como é o caso do sistema de custos que utiliza informações geradas e atualizadas por vários outros sistemas (bases comuns de dados).

4.2.2.2 Sistemas de Suporte a Decisões (SSD) ou Sistemas de Apoio a Decisões (SAD)

Entendem-se por Sistemas de Suporte a Decisões (SSD) ou Sistemas de Apoio a Decisões (SAD) quaisquer tipos de recursos computacionais que possam servir como instrumento de auxílio nos processos de tomada de decisões. Do ponto de vista abrangente, essa categoria de recursos inclui desde sistemas de análise e projeções estatísticas de séries de dados até complexos modelos simuladores da realidade estudada, passando por recursos mais simples, tais como, planilhas eletrônicas utilizadas para avaliar possibilidades diversas a respeito dessa realidade.

Os SSD ou SAD servem, portanto, para tratar situações que envolvam processos decisórios não completamente estruturados, dos quais conhecemos apenas parte das relações de causa e efeito, utilizados como base complementar para o tomador de decisões.

Entre os principais recursos computacionais para SSD ou SAD, encontram-se:

- Planilhas eletrônicas
- Uso de gráfico de dados
- Modelos matemáticos

4.2.2.3 Automação de Escritórios (AE)

Na Automação de Escritório (AE) estão incluídos todos os tipos de suporte oferecidos pelos mais recentes avanços da informática relacionados à melhor organização e eficiência da função administrativa, principalmente aqueles associados à comunicação interpessoal e à integração das atividades administrativas e típicas de um escritório, além de todo um conjunto de facilidades destinadas a apoiar o trabalho dos indivíduos.

Os recursos da Automação de Escritório (AE) podem ser divididos em duas categorias:

1) Sistemas de Suporte Pessoal e Funcional

Aqui incluem-se todos os tipos de suporte para o processamento de informações orientados para necessidades individuais específicas, servindo de apoio ao trabalho administrativo de rotina num escritório, no qual a atenção principal é o indivíduo.

Alguns exemplos de uso da informática como suporte ao trabalho pessoal e funcional são:

- Planilhas eletrônicas e processamento gráfico para aplicações simples e bem localizadas, ou como base para os sistemas de suporte a decisões bem exemplificados nos cálculos financeiros, tratamento de séries de dados, preparação de tabelas atualizáveis, preparação de formulários simples etc.
- Sistemas facilitadores do acesso a bases de dados específicas da função ou comuns da organização (sistemas gerenciadores de banco de dados). Suas principais funções são a facilidade de registro, recuperação e organização de dados em arquivos ou bases de dados, dispensando linguagens de programação para tais acessos.
- Processadores de textos destinados a facilitar o processamento de informações na formatação de textos em correspondências, relatórios etc.
- Acesso aos sistemas de videotexto e bases de dados de terceiros para consulta de informações externas à organização.

2) Sistemas de Apoio no Nível Organizacional

Nesses sistemas encontram-se as aplicações de tecnologias de informações orientadas essencialmente para a integração das atividades administrativas e típicas de um escritório, tais como:

- Sistemas de mensagens eletrônicas (correio eletrônico interno ou público)
- Intercomunicação pessoal de voz e imagem, como a videoconferência e a TV Executiva
- Agendas eletrônicas conjuntas
- Edição conjunta de texto
- Murais eletrônicos

Além das tecnologias de informação citadas, existem várias outras, contudo as demais tecnologias não estão diretamente relacionadas ao profissional de Ciências Contábeis.

4.3 Tecnologia da Informação *versus* Contabilidade

Como observado a tecnologia da informação é fundamental para o crescimento e competitividade. De acordo com YOUNG-1992, citado por EATON [32] “ *Nos países de primeiro mundo, a tecnologia da informação tem sido considerada como um dos fatores responsáveis pelo sucesso das organizações, tanto no nível de sobrevivência, quanto no aumento da competitividade*”.

Para a contabilidade que, como ciência, avalia a riqueza patrimonial das organizações e, portanto, também é responsável pela sobrevivência da mesma, permitindo o registro de todos os fatos de natureza econômico-financeira ocorridos na empresa até sua evidenciação sob a forma de demonstrativos, oferecendo uma visão abrangente e segura sobre a situação econômico-patrimonial das organizações, sendo elas públicas ou privadas, o advento das tecnologias da informação vem revolucionar os procedimentos contábeis.

Antes do advento da tecnologia da informação, a contabilidade era feita com base em documentos (nota fiscal, requisições, duplicatas) contendo evidências de que foram devidamente autorizados. Com a tecnologia da informação é usual que este processo seja feito de forma automatizada, dispensando o uso de formulários. Não há evidências físicas que permitam ao contador ter certeza se determinado procedimento foi devidamente autorizado para que possa proceder ao seu registro contábil. Essa autorização existe sob a forma de senha e é registrada no sistema.

Portanto, a tecnologia da informação ao alterar significativamente a maneira como as organizações atendem às suas necessidades institucionais, produz efeitos também sobre o trabalho desenvolvido pelo profissional das Ciências Contábeis. Seja pela automação total ou parcial de rotinas, antes elaboradas de forma manual (rotinas de compras, faturamento, emissão e notas fiscais, etc.), passando pela forma como os dados são arquivados, com a utilização de arquivos magnéticos.

As mudanças determinadas pelas novas descobertas tecnológicas geram a necessidade de ajustes, tanto sob o aspecto da elaboração de novas metodologias de trabalho, como na formação dos futuros profissionais, que devem apresentar um novo perfil que venha atender aos atuais procedimentos no processamento da contabilidade.

Dentre as facilidades que a tecnologia da informação proporcionou de imediato ao profissional das Ciências Contábeis e à contabilidade como um todo, pode citar-se as:

- mudanças radicais em processos operacionais com grandes ganhos de tempo e custos;
- melhora na imagem da empresa;
- informações rápidas aos clientes (internos e externos);
- agilidade e precisão no registro das mercadorias adquiridas;
- rapidez de resposta a alterações de legislação e mercado;
- facilitação do processo de venda;
- diferenciação do produto ou serviço por meio de informações agregadas;

- balanceamento de disponibilidades de recursos com demanda contribuindo para melhor atendimento à demanda;
- aumento de confiabilidade em diagnósticos e prescrições de soluções de problemas;
- aumento da capacidade de atendimento;
- flexibilização no atendimento ao cliente (interno e externo);
- redução drástica do acúmulo de papéis;
- agilidade nos lançamentos contábeis;
- rapidez na elaboração das demonstrações contábeis;
- valorização do profissional das ciências contábeis nas organizações;
- informações a tempo real, com fidelidade e precisão;
- as tarefas secundárias, como lançamentos contábeis, levantamento de balancetes, escrituração de livros, controle de estoques, folha de pagamento, não necessitam do contador, possibilitando ao mesmo dedicar-se à análise e ao planejamento.

Apesar desses benefícios e facilidades para um ramo específico da contabilidade, a auditoria, os ajustes ainda não atingiram o ponto ideal.

Estes ajustes, na área de auditoria, não se vinculam ao propósito do trabalho do auditor (contador legalmente habilitado para o exercício da função de auditoria) que consiste na emissão do “parecer de auditoria” (documento que representa a opinião do auditor quanto à fidedignidade dos demonstrativos contábeis), mas aos procedimentos que devem ser executados por este profissional, para que possa firmar o seu entendimento quanto aos efeitos desta tecnologia sobre as transações e demonstrativos contábeis da empresa.

Como exemplo de ajustes a serem feitos nas rotinas de auditoria contábil, pode-se citar que a automação de rotinas dificulta o acompanhamento de todas as fases de uma transação financeira – desde o surgimento até o seu término, se for realizado simplesmente através de evidências físicas. Se antes o auditor inspecionava a assinatura em um documento para comprovar que a transação

estava autorizada, em ambiente informatizado ela é dada, por exemplo, sob a forma de senha, passível de verificação apenas se o auditor souber lidar com arquivos em meio magnético.

A não utilização de técnicas específicas para o ambiente informatizado acarreta graves conseqüências no desenrolar dos trabalhos. Dentre elas, cita-se o aumento significativo no volume das transações a serem verificadas pelo auditor, com o conseqüente aumento no tempo despendido e nos custos dos trabalhos efetuados. Por outro lado, o seu uso pode reduzir, nas mesmas proporções, os custos e os prazos para a coleta de evidências de que necessita.

Considerando que o parecer de auditoria é de interesse de um grande número de usuários já visto, proporcionando-lhes tempo hábil à tomada de decisões, tais como: autorizar ou não um empréstimo; possibilitar a participação em licitações, ou simplesmente informar ao mercado sobre a sua situação financeira, é fundamental que os contadores, que têm a responsabilidade de emitir este parecer, sejam adequadamente qualificados.

Neste contexto, cumpre lembrar que em todas as áreas do conhecimento onde a informática age como importante ferramenta dos processos de trabalho, surge o problema da adaptação dos profissionais aos benefícios e dificuldades que esta tecnologia traz consigo.

Nota-se, em razão do já exposto, que há carência de contadores habilitados para o exercício de atividades de auditoria contábil, quando esta ocorre em ambiente informatizado sendo precário o conhecimento técnico para executar ou mesmo supervisionar (orientar, coordenar e controlar) os trabalhos dos demais profissionais (especialistas em informática).

De acordo com ALVES, [33] este problema, que começa a ganhar relevância em nosso país, já foi objeto de extensa reflexão em outros países onde o impacto desta tecnologia deu-se há mais tempo, como pode ser visto a seguir:

- nos Estados Unidos da América, emitiu-se a norma AU 8018, que detalha o uso do trabalho de um especialista e a AU 8015, sobre auditoria em ambiente informatizado, onde são especificadas as responsabilidades e os conhecimentos necessários ao auditor quando necessita do trabalho de especialistas, notadamente em ambiente informatizado;
- na Inglaterra, os relatórios do Instituto de Contadores da Inglaterra (órgão de classe da profissão), sobre a tecnologia da informação onde são tratados desde os critérios para a compra adequada de software de contabilidade, até temas como a segurança e confidência dos dados;

- em especial na Inglaterra, há o pronunciamento sobre a auditoria em ambiente informatizado (Auditing Guideline APC) que identifica as necessidades do auditor de obter um conhecimento básico sobre os fundamentos do processamento eletrônico de dados, na extensão necessária ao seu trabalho.

Percebe-se, portanto, que estas questões já se encontram convenientemente normatizadas nesses países. No Brasil, elas encontram-se em processo embrionário de discussão, apesar de serem extremamente importantes não só para a categoria, como também para todo o país.

Face ao exposto, constata-se que a tecnologia da informação veio agilizar os procedimentos contábeis, embora muitos profissionais da área de contabilidade ainda não estejam conveniente ou adequadamente capacitados (ainda que legalmente habilitados) à prática da contabilidade em ambiente informatizado.

CAPÍTULO 5 - CONTABILIDADE POR ATIVIDADE E OS NOVOS MODELOS DE GESTÃO

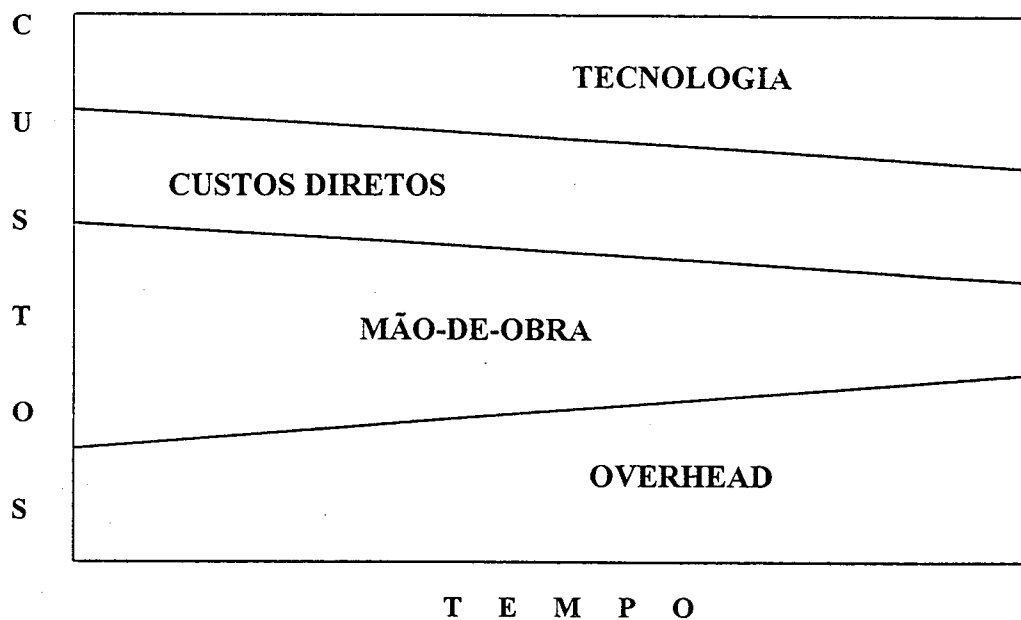
A rapidez com que as pressões competitivas se intensificaram nos últimos anos não é novidade para a maioria dos gerentes. As estratégias para conquistar participação de mercado (entre elas, inovações em produtos e serviços, ênfase na qualidade e na velocidade de resposta ao mercado e considerações a respeito de custo) são mais numerosas e complexas. Entretanto, muitas empresas continuam a lançar novas iniciativas estratégicas sem analisar ou compreender a provável lucratividade desses movimentos. Não é surpresa, portanto que muitas delas acabem desapontadas com os resultados.

5.1 Os Custos nas Empresas

Poucos problemas ameaçam mais as empresas do que os custos incontrolados. Até mesmo empresas conhecidas por sua excelência, tanto em produtos como em serviços, podem perder dinheiro porque deixam de usar oportunidades importantes para melhorar seus custos, particularmente os custos indiretos.

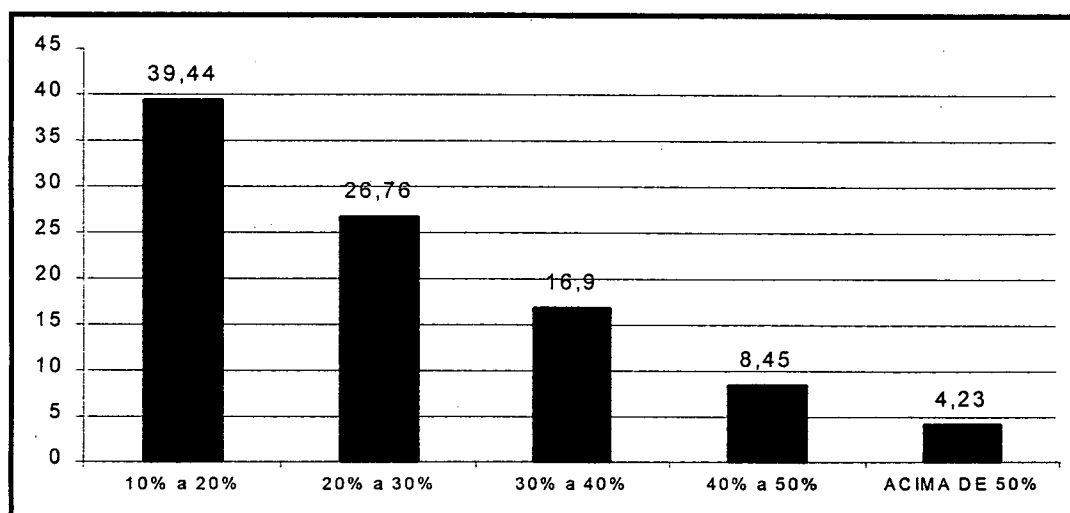
É importante considerar como o perfil de custos de uma empresa mudou nas últimas décadas. O custo de mão-de-obra direta diminuiu drasticamente. Em direção oposta, os custos indiretos (*overhead*), incluindo aí os custos de tecnologia (automação nas fábricas e escritórios), têm crescido, conforme pode ser observado nos quadros 4 e 5 respectivamente.

Como se pode observar, os custos indiretos (*overhead*) passaram a ter mais representatividade no total dos custos da empresa. Desta forma, as atividades empresariais devem ser gerenciadas pelos sistemas de gestão de custos.



Fonte: CHING, Hong Yuh. *Gestão baseada em custeio por atividades = ABM – Activity Based Management*. 2.ed. São Paulo, 1997. p. 18.

Figura 4 – Perfil de Custos na Última Década



Fonte: CHING, Hong Yuh. *Gestão baseada em custeio por atividades = ABM – Activity Based Management*. 2.ed. São Paulo, 1997. p. 19.

Figura 5 – Relação Custos Indiretos / Custos Totais nas Indústrias

As empresas adotam, freqüentemente, imperativos estratégicos como gerências de qualidade total, de proximidade com o cliente ou gerência baseada em tempo, mas deixam de desenvolver a estrutura adequada de informações que inclui informações significativas de custos, que poderiam ajudá-las a atingir essas metas estratégicas.

A realidade econômica tornou necessário para a maior parte das empresas operar com uma filosofia “*enxuta*”. Praticamente em todas as indústrias os mercados tornaram-se globais, com concorrentes em escala mundial oferecendo bens e serviços de alta qualidade e de baixos custos.

Nos setores de serviços, as exigências dos clientes em termos de velocidade e exatidão levaram muitas empresas a tentar dismantelar antigas burocracias.

As indústrias que anteriormente operavam sob regulamentações que lhes permitiam repassar todos os custos ao cliente enfrentam hoje um ambiente regulatório diferente. Melhorar a eficiência e reestruturar tornaram-se metas comuns a todas as indústrias.

Juntamente com as pressões pela eficiência, as empresas também enfrentam exigências para oferecer novos serviços e novas características de produtos. As empresas que são eficientes em trazer com rapidez novos e inovadores produtos para o mercado obtiveram uma enorme vantagem competitiva no atual mundo dos negócios. Analogamente, as empresas ineficientes nas respostas estão extremamente vulneráveis se uma guerra de variedade atingir seu ramo de negócio.

Na verdade, aperfeiçoar o processo de introdução de novos produtos e serviços tornou-se um objetivo estratégico para crescente número de empresas.

Contudo, a proliferação de produtos e serviços pode aumentar a complexidade da execução do trabalho em toda uma organização: na engenharia de produto/processo, nas operações, nas funções de apoio, nos serviços aos clientes, em recursos humanos. Essa complexidade é uma das principais causas do aumento generalizado de custos.

Como observado no capítulo anterior, a automação vem modificando o ambiente das empresas. Grande parte do trabalho anteriormente executado pela mão de obra direta hoje é feito por máquinas. Cada vez mais empregados estão alocados em funções indiretas e de apoio. Da mesma forma, crescente número de funções administrativas é efetuado com o apoio do computador. Todos esses fatores ajudam a explicar o aumento dos custos indiretos em relação aos diretos.

Diante de todos esses novos desafios, os executivos começaram a questionar quão bem suas velhas técnicas de custos lhes forneciam as informações necessárias à tomada de decisões gerenciais. Essas velhas técnicas foram desenvolvidas em uma época, na qual o ambiente de negócios diferia dramaticamente daquele hoje enfrentado pelas empresas, dando destaque aos seguintes pontos:

- a minimização dos custos de mão-de-obra era considerada a chave para a alta produtividade;
- os custos indiretos eram baixos comparativamente aos diretos;
- as empresas tinham uma visão predominantemente doméstica de seus mercados, fornecedores e concorrentes;
- a estratégia dominante era a produção em massa e não a variedade de produtos/serviços;
- a alta qualidade dos produtos ou serviços era vista como um meio para se cobrar preços mais altos e não como uma condição para a permanência da empresa no mercado;
- os serviços desempenhavam um papel muito menor na definição da estratégia.

5.2 As Informações de Custos na Gerência das Empresas

Em quase todas as empresas, os departamentos de contabilidade preparam periodicamente (semanal, mensal ou trimestralmente e assim por diante) um conjunto de relatórios gerenciais. Esses relatórios são normalmente demonstrações de resultados detalhadas para os chefes de departamentos e resumidas para a gerência de alto nível. Em geral, mostram os valores orçados e reais e a diferença entre os dois para o período corrente e para os últimos doze meses.

As empresas que usam um sistema de custo padrão geram relatórios que mostram o custo padrão dos bens produzidos ou dos serviços prestados, juntamente com as diferenças causadas. Em cada um desses casos, a base é o custo predefinido.

A principal finalidade dos relatórios gerenciais periódicos deveria ser a de fornecer aos gerentes um meio de monitorar a evolução em direção às metas e dirigir as energias para as situações que necessitam de atenção. Esses relatórios, porém, somente atingirão seus fins se organizarem e calcularem os custos de forma que reflitam a verdadeira dinâmica das empresas. Infelizmente, esses relatórios contêm várias deficiências importantes a seguir identificadas

5.2.1 Deficiências dos Relatórios

a) Foco Contábil ao invés do Foco Gerencial

Os custos são coletados em contas que se traduzem diretamente em linhas específicas nas Demonstrações Contábeis. Para cada transação, o departamento que incorreu no custo é anotado assim como a conta. Entretanto, o que falta nesse mecanismo de coleta de dados é a ligação entre o custo causado e a atividade que o exigiu. À medida que mais e mais empresas adotam uma filosofia em que a gerência do processo do negócio é a chave para a gerência de toda a empresa, a ligação entre atividades e custos torna-se crucial para tornar a contabilidade gerencial relevante aos gerentes de hoje.

A chave para a compreensão da dinâmica dos custos em uma organização consiste em documentar:

- a relação entre atividades e suas causas; e
- a relação entre atividades e custos.

b) Decisões de Planejamento sobre Produtos/Serviços

As empresas usam informações de custos para tomar decisões a respeito de quais produtos e serviços podem oferecer. Na situação ideal, as informações de custos são completas e todas as funções (*marketing*, engenharia, produção, assistência técnica e assim por diante) têm um alto nível de confiança nos números relativos aos custos.

Quando essas duas condições são alcançadas, as informações de custos podem ser usadas adequadamente como base para a decisão de questões a respeito das linhas de produtos e serviços e para a fixação de metas de melhoria. No entanto, se estas duas condições não forem alcançadas, as decisões de planejamento de linhas de produtos freqüentemente refletirão o poder relativo das diferentes áreas funcionais, e não um processo deliberado de planejamento de lucros.

Como as atuais informações de custos não refletem a total dinâmica dos custos, as informações de custos obtidas pelas empresas a respeito de seus produtos têm sérias probabilidades de estarem erradas. Da mesma forma, as informações de custos que as empresas têm a respeito de serviços, clientes e processos empresariais provavelmente não apresentam a realidade.

c) Um Quadro Incompleto do Desempenho

Apesar do objetivo das atuais informações contábeis ser o de ajudar os gerentes a melhorar a eficiência e a eficácia de suas operações, algumas vezes elas têm efeito exatamente oposto.

Como a dinâmica dos custos freqüentemente não é bem retratada, as informações do desempenho fornecidas pelos atuais sistemas de contabilidade gerencial são, na melhor das hipóteses, incompletas. Elas normalmente fornecem um quadro muito equilibrado do desempenho, o que pode levar os gerentes a perder oportunidades importantes de melhoria.

Na verdade, isso pode levá-los a ações que impedem a organização de atingir metas mais elevadas, especialmente quando os sistemas de informação de custos estão intimamente ligados a indicadores desequilibrados do desempenho.

5.3 Sistemas de Custos

Segundo OSTRENGA, em seu Guia ERNST & YOUNG, [34], existem atualmente em uso quatro níveis de sistemas de custos, denominados primários, tradicionais, integrados de informação e gestão total de custos.

5.3.1 *Sistemas Primários*

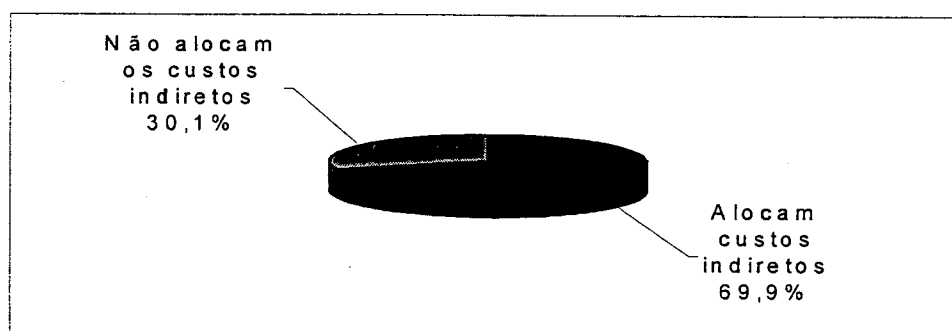
Nos sistemas primários, os controles são deficientes e, essencialmente, não fornecem nenhuma informação útil à gerência. Tais sistemas são, na atualidade, normalmente encontrados em organizações ou empresas novas, em rápido crescimento, que ainda não possuem os recursos para formalizar seus sistemas de controle.

5.3.2 *Sistemas Tradicionais*

Os sistemas tradicionais têm melhores controles, mas os sistemas de custos são independentes dos sistemas operacionais. As únicas circunstâncias nas quais esses sistemas tradicionais são apropriados ao ambiente de hoje dizem respeito a empresas que apresentam as seguintes características:

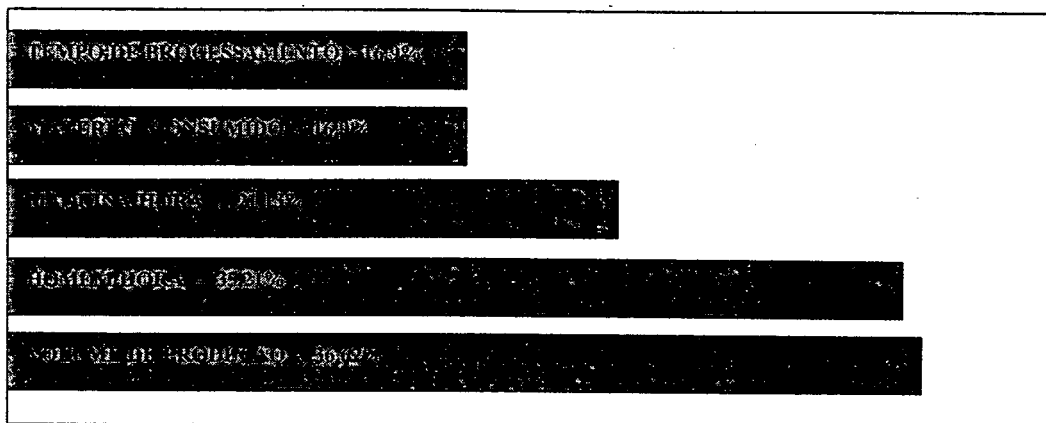
- poucas mudanças em produtos ou processos;
- poucos produtos sendo fabricados ou poucos serviços sendo oferecidos; e
- um processo altamente intensivo de mão de obra que produz bens e/ou serviços.

Nos sistemas tradicionais a alocação de custos indiretos aos produtos é feita geralmente obedecendo a cinco critérios básicos: homem/hora, volume de produção, hora/máquina, material consumido e tempo de processo, conforme demonstrado nas figuras 6 e 7.



Fonte: CHING, Hong Yuh. *Gestão baseada em custeio por atividades = ABM – Activity Based Management*. 2.ed. São Paulo, 1997. p. 20.

Figura 6 – Alocação dos Custos Indiretos aos Produtos



Fonte: CHING, Hong Yuh. Gestão baseada em custeio por atividades = ABM – Activity Based Management. 2.ed. São Paulo, 1997. p. 20.

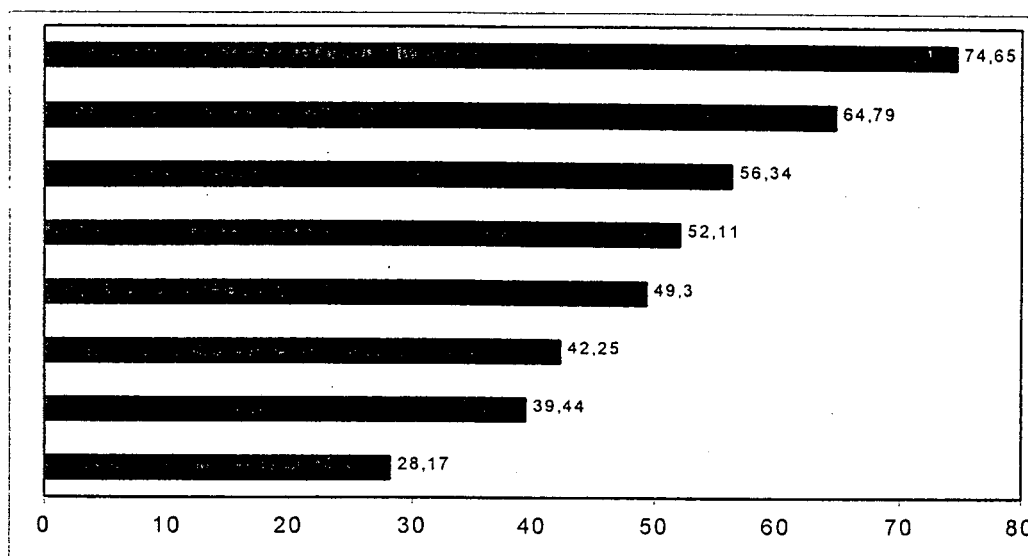
Figura 7 – Critérios de Alocação dos Custos Indiretos aos Produtos

Esses sistemas tradicionais de alocação subestimam o lucro nos produtos de grande volume e superestimam o lucro nos itens de especialidade.

A alocação de *overhead* para o custo do produto nesse sistema é arbitrário, porquanto não reflete adequadamente a demanda de recursos de cada produto individualmente, nem como os custos indiretos vão comportar-se se o volume de produção alterar-se.

Quanto à tomada de decisão pelos gestores, o sistema tradicional de custos, (vide figura 8) tem sido utilizado prioritariamente para:

- estabelecimento de preços;
- gerenciamento de performance;
- controle de custos;
- análise de novos produtos;
- estratégia de mercado;
- mudanças nos produtos/processos.



Fonte: CHING, Hong Yuh. *Gestão baseada em custeio por atividades = ABM – Activity Based Management*. 2.ed. São Paulo, 1997. p. 21.

Figura 8 – Decisões com Base nos Sistemas Tradicionais de Custos

Segundo NAKAGAWA [35] os sistemas tradicionais de custos apresentam alguns problemas que preocupam os gestores, dos quais se destacam:

- *os sistemas tradicionais de custeio têm gerado distorções no custo dos produtos ao alocarem os custos indiretos de fabricação utilizando critérios de rateio geralmente arbitrários, além de um numero limitado de bases de apropriação;*
- *enquanto os custos indiretos de fabricação vêm crescendo, as bases utilizadas para sua apropriação vêm diminuindo sensivelmente, não só elevando a taxa de aplicação desses custos, como também aumentando o risco de erros na apuração do custo dos produtos;*
- *os sistemas tradicionais de custeio não permitem a identificação e eliminação de atividades que não adicionam valor ao produto, além de induzirem a produção em larga escala para a diluição de custos fixos, gerando, assim, estoques excessivos;*
- *os custos da qualidade, em termos de falhas internas e externas, prevenção e avaliação, não são identificados e mensurados pelos sistemas atuais;*

- *os sistemas tradicionais concentram-se mais nos custos correntes de produção, em prejuízo da análise do impacto do custo no ciclo de vida dos produtos, deixando, assim, de levar em conta o custo-meta através do qual se analisa a viabilidade do produto no mercado;*
- *pelos sistemas tradicionais os gestores não obtêm dados e informações sobre as oportunidades de eliminar desperdícios e promover o contínuo aperfeiçoamento de atividade, dificultando, assim, importantes decisões de investimentos em tecnologias avançadas de produção;*
- *as mensurações de desempenho feitas pelos atuais sistemas, freqüentemente, são até mesmo conflitantes com os objetivos estratégicos da empresa; e*
- *finalmente, não avaliam adequadamente desempenhos operacionais, não mensuráveis financeiramente, tais como: qualidade, flexibilidade, ciclo de produção e atendimento de ordens.*

Essa perda de relevância dos sistemas tradicionais de custeio é considerada natural, pois eles foram desenvolvidos com o objetivo de gerarem informações sobre oportunidades de melhoria de desempenho das empresas, em termos de resultados econômicos.

5.3.3 Sistemas Integrados de Informações

Nos sistemas integrados de informações os controles estão excelentes e os sistemas integram-se plenamente aos sistemas operacionais. Entretanto, a ênfase observada nesses sistemas não combina muito bem com a tecnologia operacional ou com o ambiente organizacional. Embora o atual ambiente possa ser orientado para máquinas, controle intensivo de materiais e custos indiretos, até mesmo os melhores sistemas integrados são orientados para a mão-de-obra, provendo pouca ajuda para o controle dos custos indiretos. Esses sistemas apenas agilizam o tratamento das informações, mas não alteram a estrutura tradicional de análise dos custos.

5.3.4 Sistema de Gestão Total dos Custos

O sistema de gestão total de custos se constitui em uma filosofia gerencial abrangente para a gerência pró-ativa dos recursos totais da empresa (materiais, capital e humanos) e das atividades que consomem estes recursos.

A seguir, apresentam-se as principais características desse sistema de gestão:

- focalizar a prevenção de custos ao invés de simplesmente reportá-los;
- estabelecer ligação direta entre desempenhos operacionais e objetivos estratégicos;
- focalizar medições da lucratividade e dos fluxos de caixa dos produtos ou serviços, além dos fluxos e acumulação de custos;
- incluir os custos das atividades comerciais e administrativas;
- equiparar a importância do uso da tecnologia para incremento dos lucros tanto quanto para a redução dos custos;
- alocar os custos indiretos com base em análise de diretrizes causa e efeito;
- tornar-se uma forma de fazer negócio e não apenas uma função contábil.

Como deve ser evidente, a gestão total dos custos é mais abrangente, flexível e pró-ativa do que os outros sistemas, pois os seus princípios básicos são a análise do processo do negócio e o custeio baseado em atividade.

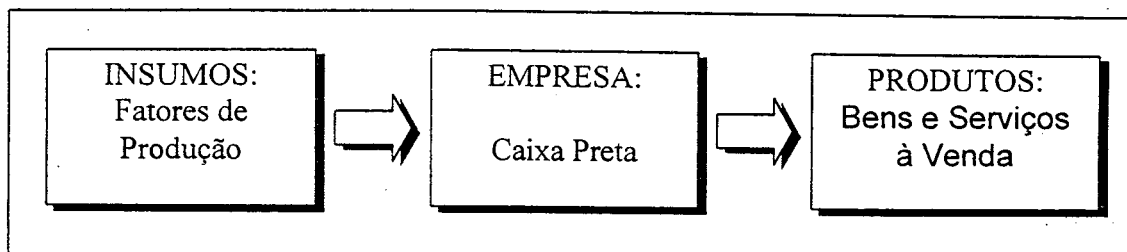
5.4 A Contabilidade de Custos

Segundo BOISVERT [36], existem dois contextos conceituais relativos à análise de custos nas empresas, o da contabilidade financeira tradicional e o da contabilidade de gestão.

5.4.1 O Contexto Conceitual de Custos na Contabilidade Financeira Tradicional

Como já foi comentado no segundo capítulo, o principal papel da contabilidade financeira consiste em prestar informação a terceiros sobre a posição financeira da empresa em um dado momento e os resultados alcançados ao longo do último exercício. BOISVERT [36] define que “o contexto conceitual da contabilidade financeira é dado pelos Princípios de Contabilidade Geralmente Aceitos (PCGA)”.

Sabe-se, porém que os Princípios de Contabilidade não definem os métodos de cálculo dos custos de fabricação, embora eles determinem a avaliação dos estoques (Métodos PEPS, UEPS, Média Ponderada). Desta forma na contabilidade financeira tradicional se encontram regras de cálculo de custo decorrentes dos PCGA.



Fonte: BOISVERT, Hugues. *La comptabilité por activetés*. Quebec. ERPI, 1998. p. 5.

Figura 9 – Custos na Contabilidade Financeira

A figura 9, apresenta o contexto conceitual de custos na contabilidade financeira, segundo BOISVERT [38], que se caracteriza por:

- informar a terceiros;
- ser um sistema de informação que registra apenas os insumos e produtos, sendo que os insumos são os recursos utilizados ao longo de um determinado período;
- estabelecer que os recursos consumidos ao longo de um determinado período devem ser repartidos entre todos os produtos fabricados neste mesmo período.

Esse modelo requer aperfeiçoamento quanto às informações que podem ser prestadas, principalmente no que diz respeito à eficiência do processo de transformação e às melhorias que deveriam ser realizadas. Para esta finalidade, os gerentes devem valer-se da contabilidade de gestão.

5.4.2 O Contexto Conceitual de Custos na Contabilidade de Gestão

Como o próprio nome já determina, a contabilidade de gestão tem por finalidade a produção de informações úteis aos gestores. Estas informações deverão permitir-lhes reduzir os custos e melhorar a performance da empresa.

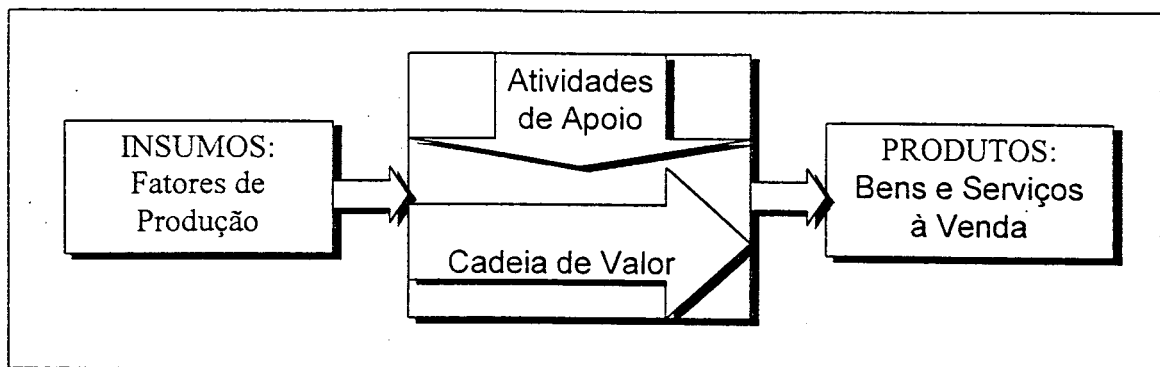
Segundo BOISVERT [39] o contexto conceitual da contabilidade de gestão se define a partir de algumas questões tais como:

- *que atividades são necessárias para obter-se um determinado conjunto de objetos de custo?;*
- *que recursos são necessários para exercer essas atividades?;*
- *por que esses recursos são necessários?;*
- *que fatores determinam a utilização desses recursos?*

A resposta a essas questões está na produção de informações úteis à elaboração de estratégias e à melhoria da performance da empresa criadas pela contabilidade de gestão:

- a contabilidade de gestão informa os gestores;
- a contabilidade de gestão visa modelar as atividades da empresa, enquanto a contabilidade financeira focaliza insumos e produtos;
- a organização da empresa compreende as atividades de apoio e a cadeia de valor;
- a cadeia de valor compõe-se das atividades geradoras de valor aos olhos dos clientes, representadas por uma série de inter-relações fornecedores-clientes;
- os produtos, bens e serviços vendáveis são resultantes das atividades de cadeia de valor.

A figura 10 mostra que as atividades de apoio são analisadas em função de sua contribuição às atividades que compõem a cadeia de valor. É neste momento que a contabilidade por atividade configura a sua atuação.



Fonte: BOISVERT, Hugues. La comptabilité par activités. Quebec. ERPI, 1998. p. 6.

Figura 10 – Custos na Contabilidade de Gestão

5.5 Contabilidade por Atividades.

A abordagem da contabilidade por atividades para gerenciamento de custos divide uma empresa em atividades. Segundo BRIMSON [40], “*uma atividade descreve o que uma empresa faz, a forma como o tempo é gasto e os produtos do processo*”.

A principal função de uma atividade é converter recursos (material, mão-de-obra e tecnologia) em produtos/serviços. Já a contabilidade por atividades identifica as atividades desenvolvidas em uma empresa e determina seu custo e desempenho.

5.5.1 Modelos de Contabilidade por Atividades

Activity Based Costing, segundo CHING [41], *é um método de rastrear os custos de um negócio ou departamento para as atividades realizadas e de verificar como estas atividades estão relacionadas para a geração de receitas e consumo dos recursos. O ABC avalia o valor que cada atividade agrega para a performance do negócio ou departamento.*

Em outras palavras , pode-se dizer que uma empresa é um conjunto de atividades, cada uma composta por tarefas, que transformam os recursos internos, sejam estes mão-de-obra ou outros custos e despesas, em produtos ou serviços que teoricamente deveriam agregar valor ao negócio.

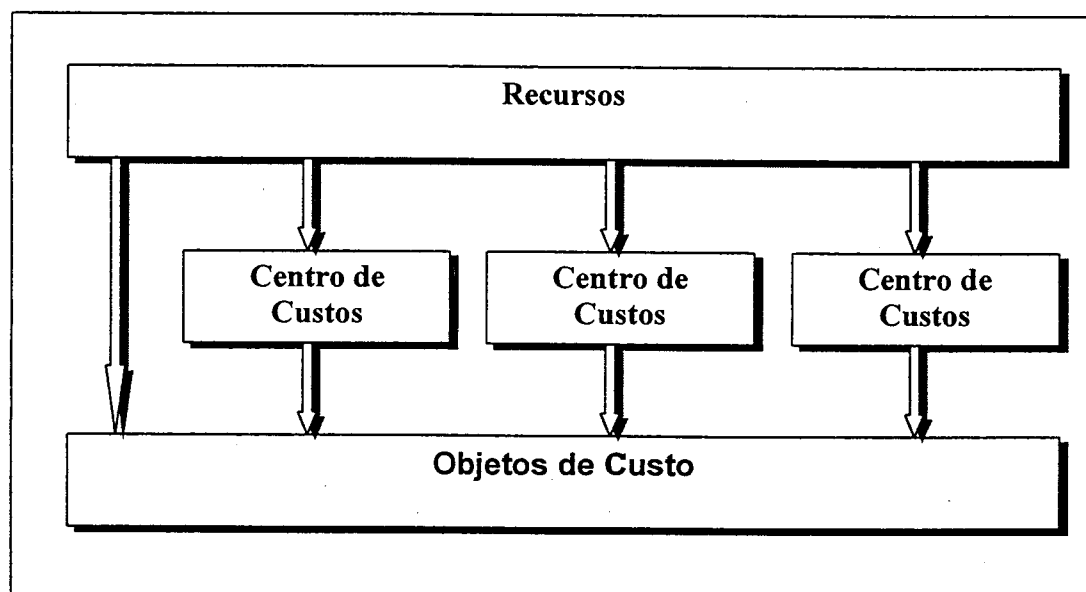
Para BOISVERT [42] “A contabilidade por atividades pode ser dividida em quatro modelos, que comparados apresentam diferenças fundamentais, principalmente se forem levados em consideração os modelos de decomposição dos custos e o dos processos”.

Esses modelos apresentados por BOISVERT [43] são os seguintes:

- contabilidade por recursos;
- decomposição simples;
- decomposição multiníveis dos custos;
- processos.

5.5.1.1 Modelos de Contabilidade por Recursos

Esse modelo está diretamente ligado à contabilidade financeira. Tal como um sistema de informação, ele limita-se a registrar os insumos e os produtos, tornando a empresa uma verdadeira caixa preta. Os custos diretos são apropriados diretamente aos objetos de custo, e os demais custos são rateados levando-se em consideração o volume de produção, conforme pode ser visto na figura 11.



Fonte: BOISVERT, Hugues. La comptabilité por activetés. Quebec. ERPI, 1998. p. 8.

Figura 11 – Contabilidade por Centros de Custo

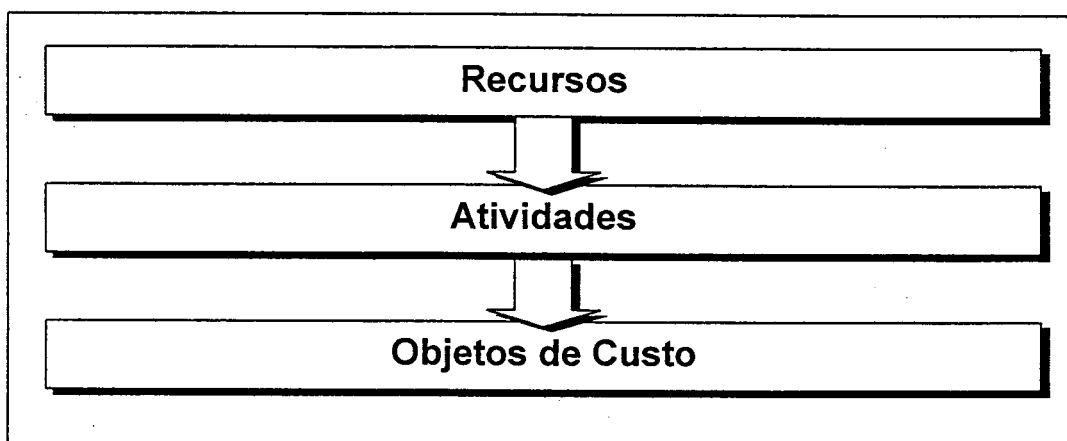
A contabilidade por recursos segmenta as empresas em centros de custos e tem como principais características:

- o sistema de informações registra apenas os insumos e os produtos de cada centro de custo;
- os insumos são os recursos utilizados ao longo de um determinado período;
- os objetos de custo são os bens e serviços produzidos ao longo de um determinado período;
- os recursos consumidos por um centro de custo ao longo de um determinado período devem ser repartidos entre todos os produtos produzidos por esse centro ao longo deste mesmo período.

5.5.1.2 Modelo de Contabilidade por Decomposição Simples dos Custos

Esse modelo de custos por atividade permite identificar a relação entre os recursos aplicados, as atividades e os objetos de custo. Segundo este modelo os recursos são aplicados às atividades que os consomem, e posteriormente o custo de cada atividade é apropriado pelos objetos de custo produzidos envolvendo estas mesmas atividades.

Na decomposição simples dos custos as atividades consomem os recursos, e por sua vez os objetos de custos consomem as atividades, conforme pode ser visto na figura 12.



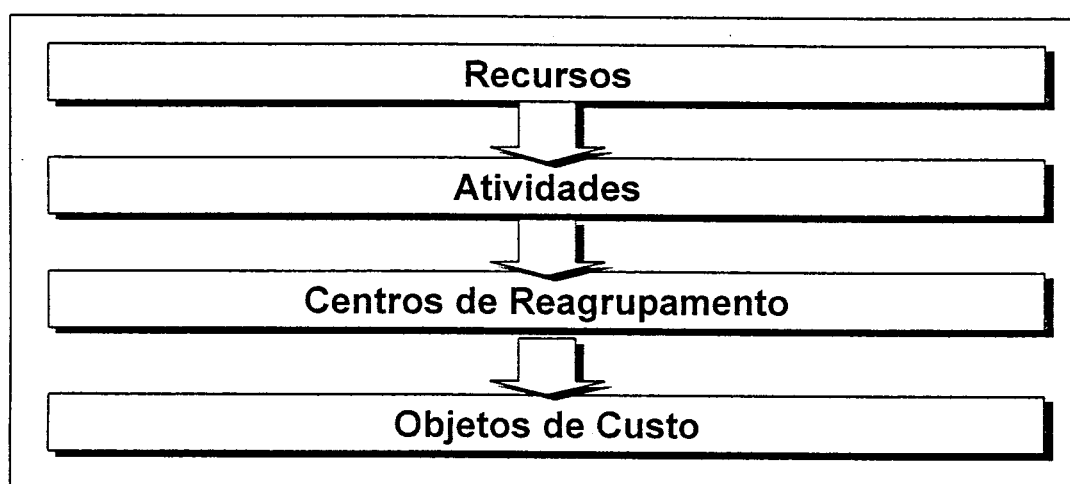
Fonte: BOISVERT, Hugues. *La comptabilité por activetés*. Quebec. ERPI, 1998. p. 10.

Figura 12 – Contabilidade por Decomposição Simples dos Custos

5.5.1.3 Modelo de Contabilidade por Decomposição Multiníveis dos Custos

Nesse modelo, as atividades são reunidas em centros de reagrupamento simplificando a programação da contabilidade por atividade, mas preservando o interesse da informação.

Assim como na decomposição simples dos custos, também aqui as atividades consomem os recursos, contudo são os centros de reagrupamento que consomem as atividades que possuem um direcionador comum. Por fim, os objetos de custos passam a consumir as atividades por intermédio dos centros de reagrupamento, conforme mostra a figura 13.



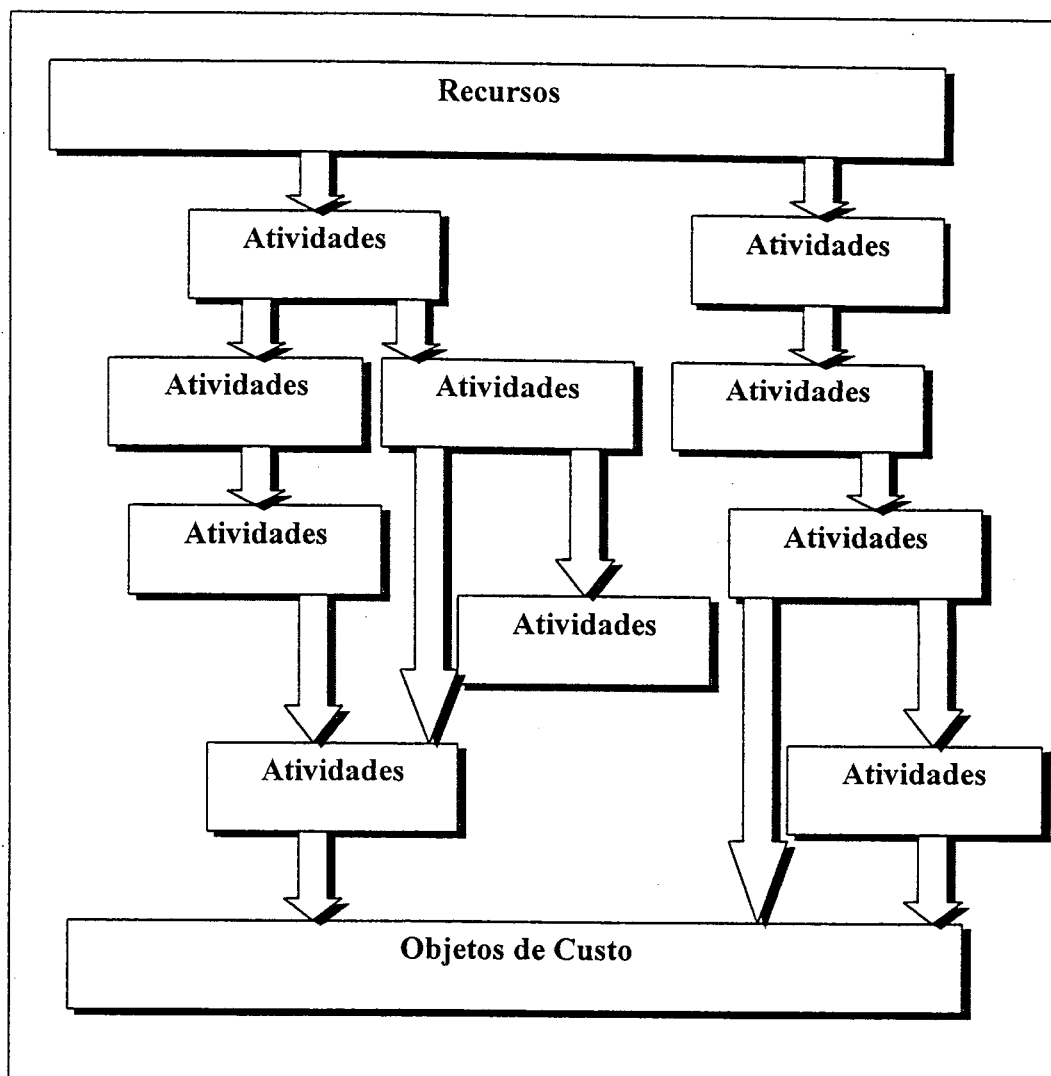
Fonte: BOISVERT, Hugues. *La comptabilité por activetés*. Quebec. ERPI, 1998. p. 9

Figura 13 – Contabilidade por Decomposição Multiníveis dos Custos

5.5.1.4 Modelo de Contabilidade por Processos

Para BOISVERT [44] “*esse modelo objetiva compreender e descrever as relações existentes entre as atividades no plano operacional.*” Ele serve para conceber e reorganizar os processos em função de parâmetros operacionais. No entanto, sua utilização como sistema permanente de informações financeiras é complicado, já que se utiliza de parâmetros operacionais ao invés de dados reais.

Nesse modelo, os objetos de custos demandam atividades, que por sua vez demandam recursos e, possivelmente, outras atividades. As atividades formam cadeias de atividades chamadas de processos, conforme mostra a figura 14.



Fonte: BOISVERT, Hugues. La comptabilité por activetés. Quebec. ERPI, 1998. p. 9

Figura 14 – Contabilidade por Processos

5.5.2 Diferenças dos Modelos de Contabilidade por Atividades

Nos modelos apresentados, observa-se que entre eles várias são as diferenças existentes. O quadro 5 resume estas diferenças, levando em consideração a comparação do modelo por recurso com o modelo de decomposição simples e do modelo de decomposição por multiníveis com o modelo por processos.

Quadro 5 – Diferenças dos Modelos de Custos por Atividade

CONTABILIDADE POR RECURSOS	CONTABILIDADE POR DECOMPOSIÇÃO SIMPLES
A identificação do custo aos objetos de custo depende da relação de proporcionalidade ao volume.	A identificação do custo aos objetos de custo depende de uma relação de causa e efeito.
Os objetos de custos consomem os valores dos centros de custos, que não se equivalem às atividades	Os objetos de custos consomem as atividades.

DECOMPOSIÇÃO MULTINÍVEIS DE CUSTOS	PROCESSOS
Mais contábil	Mais engenharia
Utiliza dados históricos reais	Utiliza dados padrões
Mais simples para modelar	Sensível à seqüência das atividades
Mais simples para modelar-se ao plano de contas	Permite a modelagem de parâmetros operacionais (capacidade, eficiência, paralisações, prazos, etc.)
Maior flexibilidade para reagrupamento das atividades	Melhor compreensão dos custos, com maior facilidade de simulação

Segundo BRIMSON [45], um modelo simples e eficaz de contabilidade por atividades tem as seguintes funções:

- Identifica as atividades da empresa;
- Determina o custo e o desempenho da atividade. O desempenho é medido pelo custo unitário, tempo de execução da atividade e qualidade da produção;

- Determina a produção da atividade. Uma medida da atividade é o fator pelo qual o custo de um processo varia de forma mais direta;
- Relaciona os custos da atividade aos objetivos de custo. Os custos das atividades são relacionados aos objetivos de custo, como produtos, processos e ordens, baseados no consumo da atividade.
- Determina as metas de curto e longo prazo da empresa (fatores críticos de sucesso). Isto requer entendimento da estrutura atual de custos, o que indica a eficácia com que as atividades operacionais transferem valor ao cliente.
- Avalia a eficácia e a eficiência da atividade

BRIMSON [46] ainda afirma que a contabilidade por atividade ajuda uma empresa a alcançar a excelência empresarial, pois possibilita:

- melhorar as decisões de comprar ou fabricar, estimar e definir preços, baseadas no custo do produto que reflita o processo de produção;
- facilitar a eliminação de desperdícios, propiciando a visibilidade das atividades que não agregam valor;
- indicar as origens dos custos através da identificação dos geradores de custo;
- encorajar a melhoria contínua e o controle da qualidade total, porque o planejamento e o controle são dirigidos ao nível de processo;

Contudo, é importante salientar que o sistema de gerenciamento de custo não agregará valor além de identificar o lugar onde os problemas potenciais estão localizados. O que as pessoas farão com a informação é que irá determinar o sucesso do gerenciamento de custos

CAPÍTULO 6 - A CONTABILIDADE COMO INSTRUMENTO ESTRATÉGICO COM VISÃO PROSPECTIVA

Como já observado no segundo capítulo por longos anos, a contabilidade ficou conhecida como aquele campo do conhecimento humano que cuidava substancialmente, se não exclusivamente, de oferecer dados para a incidência de tributos. No entanto, enquanto campo de pesquisa e estudo ela tem-se dedicado com alguma regularidade a oferecer respostas a necessidades de informação de tomadores de decisão.

A importância do papel do contador gerencial, hoje, está baseada muito mais em sua contribuição para a administração geral das operações da empresa do que ao conjunto de procedimentos que relatam puramente os aspectos financeiros do controle gerencial.

Segundo FIGUEIREDO [47], a contribuição da contabilidade para com o processo gerencial passa pelos seguintes itens:

1. *A melhor maneira de se compreender a complexidade do processo de tomada de decisão nas empresas é reconhecer que cada situação, em separado, requer sua própria solução. Igualmente, as empresas devem ser administradas em seu próprio contexto, pois companhias diferentes têm diferentes mercados, linhas de produção, estrutura patrimonial e porte, portanto diversidade de objetivos;*
2. *Sem considerar a gama de teorias existentes, é geralmente aceito que o processo de administração possui funções específicas a serem desempenhadas, tais como: planejamento, organização, controle, comunicação e motivação;*
3. *O processo decisório integra todas as funções administrativas envolvidas na tomada de decisão. Assim, a chave para compreensão do comportamento gerencial é o processo decisório. Segundo esse critério, duas questões devem ser prioridade:*
 - *Que decisões serão tomadas?*
 - *Qual a informação é relevante para uma decisão particular?*

4. Os administradores deparam-se com mudanças constantes nos cenários interno e externo da empresa.

Para sobreviver, as empresas têm que ser ágeis e abertas às mudanças. A habilidade em avaliar decisões passadas, reagir a situações presentes e prever eventos futuros pode ser vista como fator crítico de sucesso empresarial.

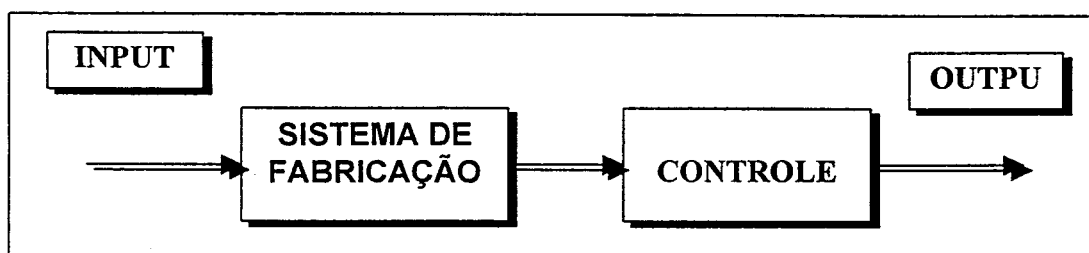
A preocupação da contabilidade gerencial atual está justamente em assegurar que a informação produzida seja relevante para o processo de mudanças baseado numa análise das decisões passadas, para a avaliação de tendências presentes e para a participação em decisões que irão afetar o futuro da empresa, tendo desta forma uma atuação pró-ativa.

A atual competitividade dos negócios e as constantes mudanças nos diversos ambientes das empresas exigem a maximização do desempenho e do controle.

6.1 Controle

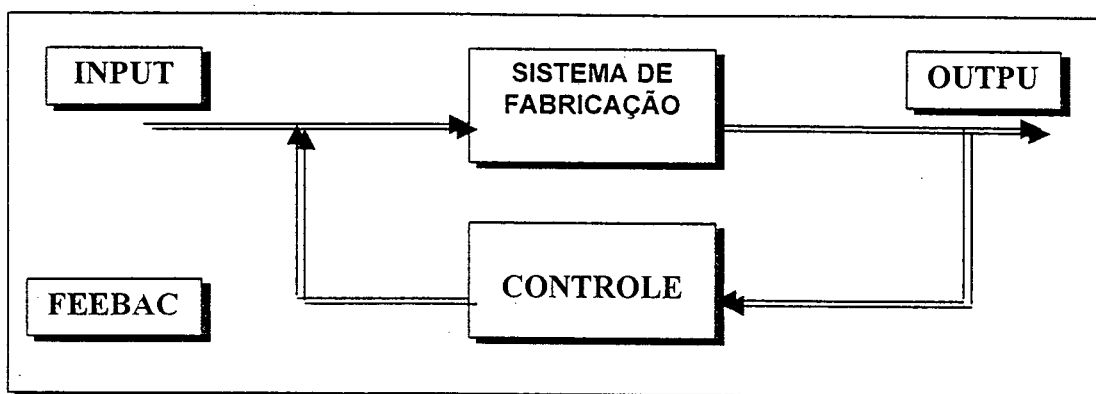
Na literatura atual específica encontram-se inúmeros conceitos sobre controle, abaixo estão alguns deles:

- FAYOL: “Capacidade de comparar o programado com o executado, o plano com a ação, a instrução com a execução”.
- RONCHI: Divide o controle em dois segmentos, “o a posteriori e o concomitante”, conforme demonstrado nas figuras 15 e 16.



Fonte: QUEIROZ, Antônio Diomário. Disciplina Controle de Gestão. Programa de Pós-Graduação da Engenharia de Produção – UFSC 1998.

Figura 15 – Controle a Posteriori



Fonte: QUEIROZ, Antônio Diomário. Disciplina Controle de Gestão. Programa de Pós-Graduação da Engenharia de Produção – UFSC 1998.

Figura 16 – Controle Concomitante

- WELSCH: *“Controle é a ação necessária para assegurar a realização dos objetivos, planos, políticas e padrões estabelecidos”*.
- ACKOFF: *“O homem sábio tenta controlar o futuro”*.
- ANTHONY: *“O processo de controle administrativo consiste, em parte, em induzir as pessoas de uma organização a fazer certas coisa e refrear-se de fazer outras. (...) A administração não pode controlar um produto, ou os custos de fabricação de produto. O que a administração faz é controlar os atos das pessoas responsáveis pela efetivação dos custos”*.

6.2 Gestão

O termo gestão deriva do latim *gestione* e significa gerir, gerência, administração. Administrar é planejar, organizar, dirigir e controlar recursos, visando atingir determinado objetivo. Gerir significa fazer as coisas acontecerem e conduzir a organização para atingir seus objetivos.

É através do modelo de gestão que se identifica a razão de ser de uma organização e a contribuição para a eficiência e eficácia de suas operações, assegurando sua continuidade no negócio e a geração de resultados.

6.3 Controle de Gestão

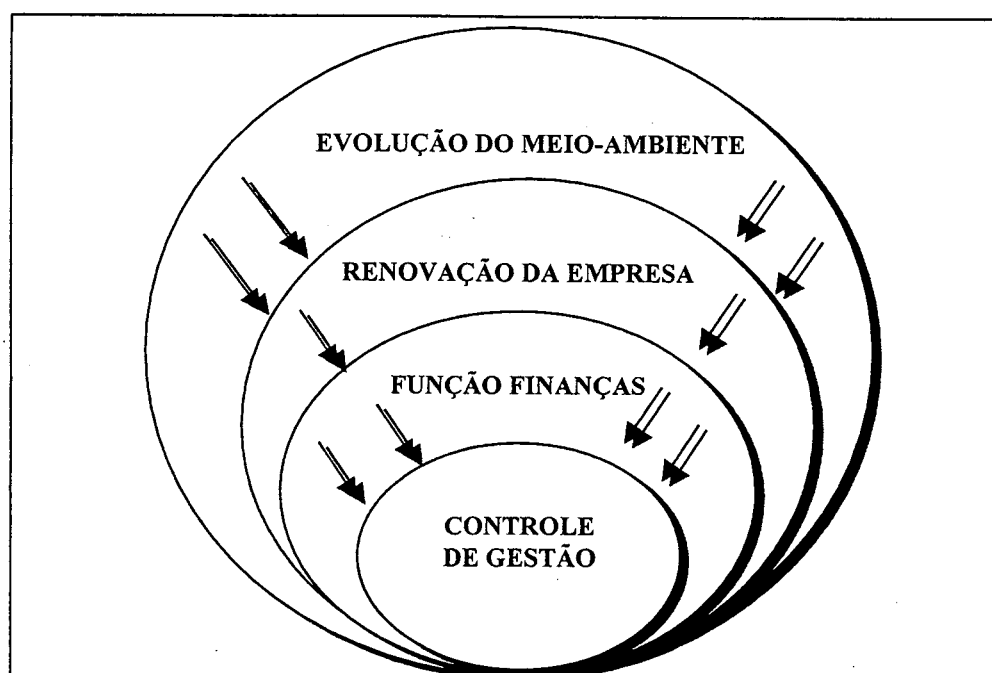
Segundo PEREZ JÚNIOR [48], “Controle de gestão são os princípios básicos que norteiam uma organização e serve como referencial para orientar os gestores nos processos de planejamento, tomada de decisões e controle”.

CAMPLIGLIA [49] define controle de gestão como “O conjunto de informações e de ações cujo objetivo é manter o curso das operações dentro de um rumo desejado. Os desvios de rumo, quando ocorrem, precisam ser rapidamente detectados, medidos, investigados para a identificação de suas causas e corrigidos, através de ações eficazes”.

Observa-se que os autores acima identificam o controle de gestão como o instrumento que norteia as operações, dentro do padrão planejado pela empresa.

6.3.1 Mudanças no Controle de Gestão

Segundo BOISVERT [49], o controle de gestão “vive de profundas mudanças ocasionadas pela evolução do meio - ambiente, pela renovação das empresas e pelas alterações na função finanças”, conforme demonstra a figura 17.



Fonte: BOISVERT, Hugues. La comptabilité por activetés. Quebec. ERPI, 1998. p. 9

Figura 17 – Dinâmica da Evolução do Controle de Gestão

A evolução do meio ambiente pode ser resumida em três fatores sintéticos, como:

- globalização;
- inovação;
- novas tecnologias de informação.

Outro fator responsável pela evolução do controle de gestão é a renovação das empresas para fazer frente à concorrência. Esta renovação é observada nas empresas, em diversos momentos, nos quais existem:

- enxugamento de estruturas;
- aumento no grau de responsabilidade do pessoal;
- redução na fiscalização;
- novas técnicas de gestão de processos/produtos.

Na função finanças a centralização e automação do tratamento de transações e a descentralização da gestão são os principais pontos de mudança empresarial.

6.4 Controle de Gestão Estratégico

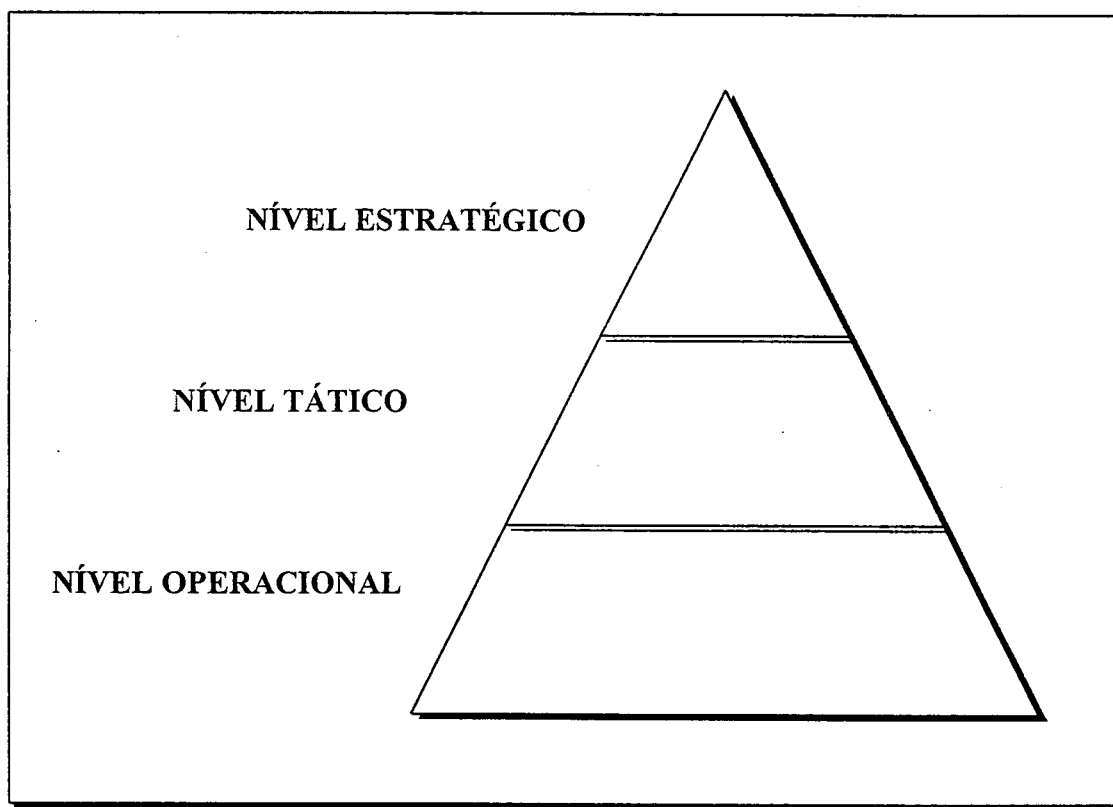
Conforme definido anteriormente, a função básica do *controller* é comparar os resultados gerados pela atividade com os que haviam sido projetados. Para que isso possa ser executado, é necessário o pleno conhecimento dos objetivos estabelecidos e da forma com que se pretende alcançá-los.

O documento que se constitui no principal instrumento de orientação e controle de todas as atividades da empresa é o plano ou planejamento estratégico.

6.4.1 Plano ou Planejamento Estratégico

Segundo OLIVEIRA [51], “Plano ou planejamento estratégico pode ser conceituado como um processo gerencial que possibilita ao executivo estabelecer o rumo a ser seguido pela empresa, com vistas a obter um nível de otimização na relação da empresa com o seu ambiente”.

O planejamento estratégico é, normalmente, de responsabilidade dos níveis mais altos de decisão da empresa (vide figura 18) e diz respeito tanto à formulação de objetivos quanto à seleção dos cursos de ação a serem seguidos para a sua consecução. Ele leva em conta também as condições externas e internas à empresa e sua evolução esperada.



Fonte: OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. *Sistemas de informações gerenciais, táticas operacionais*. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1993.

Figura 18 – Níveis de Decisão para o Planejamento

6.4.2 Processo de Planejamento Estratégico

Antes da explicação da metodologia, deve-se estabelecer o que a empresa espera do planejamento estratégico, pois somente dessa forma se pode verificar a validade do processo de planejamento estratégico.

Segundo OLIVEIRA [52], através do planejamento estratégico a empresa espera:

- a) *conhecer e melhor utilizar os seus pontos fortes;*
- b) *conhecer e eliminar ou adequar seus pontos fracos;*
- c) *conhecer e usufruir as oportunidades externas;*
- d) *conhecer e evitar as ameaças externas;*
- e) *ter um efetivo plano de trabalho, estabelecendo:*
 - *as premissas básicas que devem ser consideradas no processo;*
 - *as expectativas de situações almejadas pela empresa;*
 - *os caminhos, inclusive os alternativos, a serem seguidos pela empresa;*
 - *o que, como, quando, por quem, para quem, por que e onde devem ser realizados os planos de ação;*
 - *como e onde alocar recursos.*

E como resultado de trabalho, o planejamento estratégico deverá apresentar os seguintes produtos finais:

- *direcionamento de esforços para pontos comuns;*
- *consolidação do entendimento por todos os funcionários da missão, dos propósitos, das microestratégias, das macropolíticas, da postura estratégica, dos objetivos funcionais, dos desafios, das estratégias, das políticas e dos projetos da empresa, bem como indicar a elaboração do programa de atividades das várias unidades organizacionais que integram a estrutura organizacional; e*
- *estabelecimento de uma agenda de trabalho por um período de tempo que permite à empresa trabalhar em cima das prioridades estabelecidas e das exceções justificadas.*

Portanto, o planejamento estratégico não deve ser considerado apenas como uma afirmação das aspirações de uma empresa, pois inclui também o que deve ser feito para transformar essas aspirações em realidade.

6.4.3 *A Análise Estratégica*

Para efetuar uma análise do plano ou planejamento estratégico utilizado pelas empresas é necessário as seguintes fases:

- a elaboração de estratégias;
- a implementação de estratégias, e
- o acompanhamento das estratégias.

Segundo BOISVERT [53], o tetraedro estratégico de RICHARD DÉRY (vide figura 19), define com precisão os aspectos que devem ser analisados em um planejamento estratégico, tendo como base:

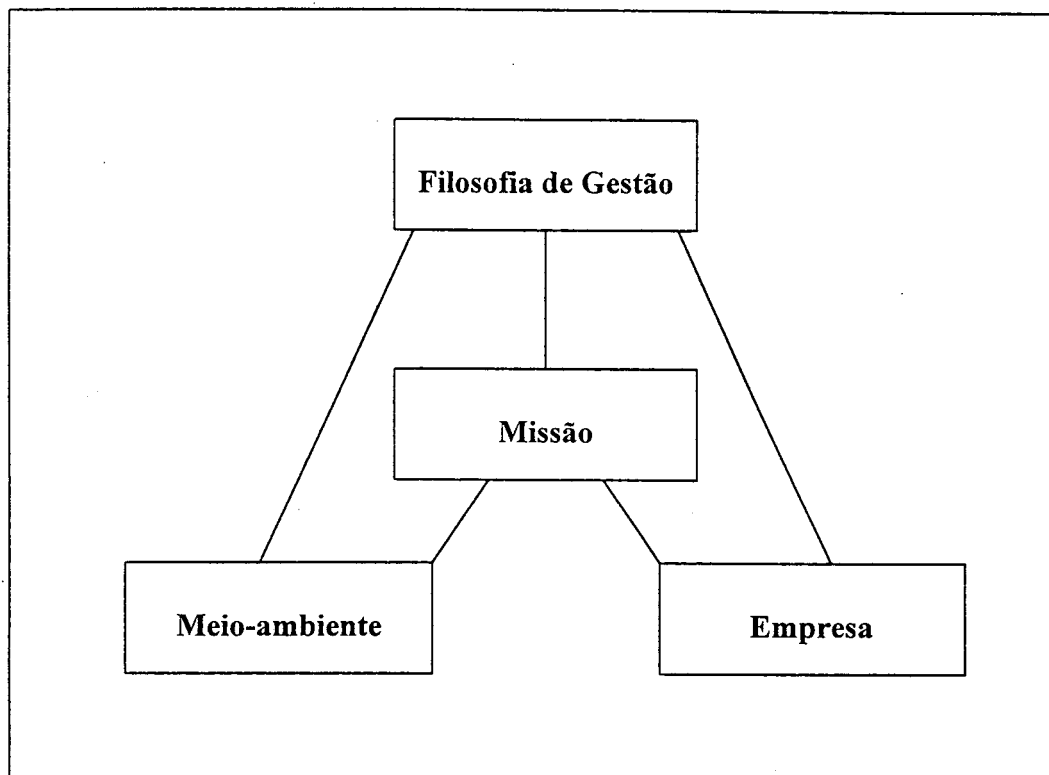
- **A Missão:** Constitui a razão de ser da empresa, o saber fazer, os campos de atividades. Ela deve ser analisada em termos de importância atual e possibilidades futuras. Ela determina o negócio da empresa.
- **A Empresa:** Deve ser feito o diagnóstico da empresa analisando seus pontos fortes e fracos, levando em consideração a competência diferencial e a vantagem sobre a concorrência.

Ponto Forte: consiste na diferenciação conseguida pela empresa que lhe proporciona uma vantagem operacional no ambiente empresarial.

Ponto Fraco: é a situação inadequada da empresa que lhe proporciona uma desvantagem operacional no ambiente empresarial

- **Meio ambiente:** Deve ser feita a análise das oportunidades em termos de mercado a explorar, recursos a aproveitar e das ameaças que prejudicarão a empresa e suas oportunidades, exigindo um posicionamento estratégico.

- Filosofia de Gestão: É a análise em termos de coerência, de importância e de grupo, que leva em consideração os valores, os princípios de ação, as regras de funcionamento e os objetivos da empresa.

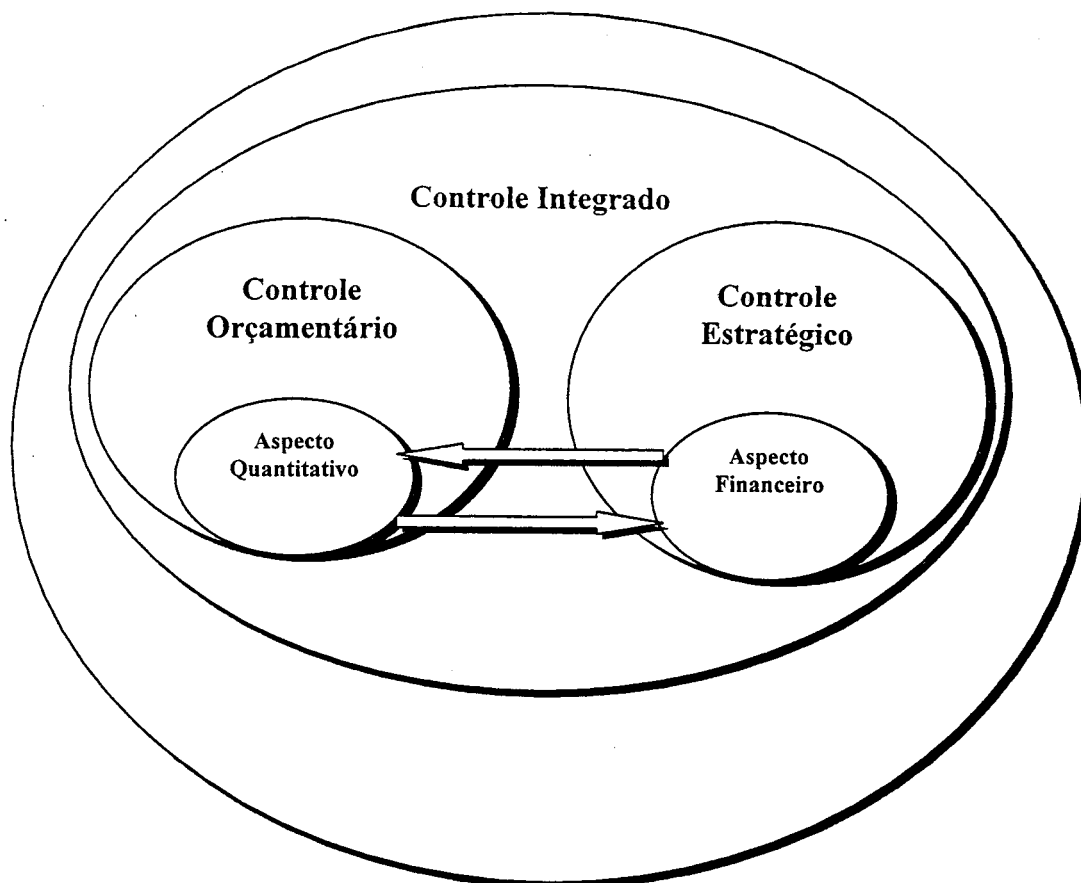


Fonte: BOISVERT, Hugues. O controle de gestão estratégico. Programa de Pós-graduação da Engenharia de Produção. UFSC. 1997

Figura 19 – O Tetraedro Estratégico

6.5 Controle de Gestão Integrado

O controle de gestão integrado consiste na integração entre o controle orçamentário e o controle estratégico, objetivando a informação de gestão que integre os aspectos de custos e de valor na percepção do cliente, para a análise das estratégias e atividades da empresa. Esse controle integrado é parte do controle de gestão, conforme demonstrado na figura 20.



Fonte: BOISVERT, Hugues. O controle de gestão estratégico. Programa de Pós-graduação da Engenharia de Produção. UFSC. 1997

Figura 20 – Controle de Gestão Integrado

6.5.1 A Função Financeira no Controle de Gestão Integrado

No controle de gestão integrado, mais especificamente no controle estratégico, aparece a função financeira que segundo BOISVERT [54], *“tende cada vez mais para o controle de gestão”*.

A tendência das atividades da função financeira é de consumirem cada vez menos recursos, serem centralizadas e possivelmente confiadas a terceiros, adquirindo desta forma mais eficácia e eficiência. Essa função está dividida quase sempre em cinco setores, cada qual com suas atividades específicas, conforme pode ser visualizado no quadro 6.

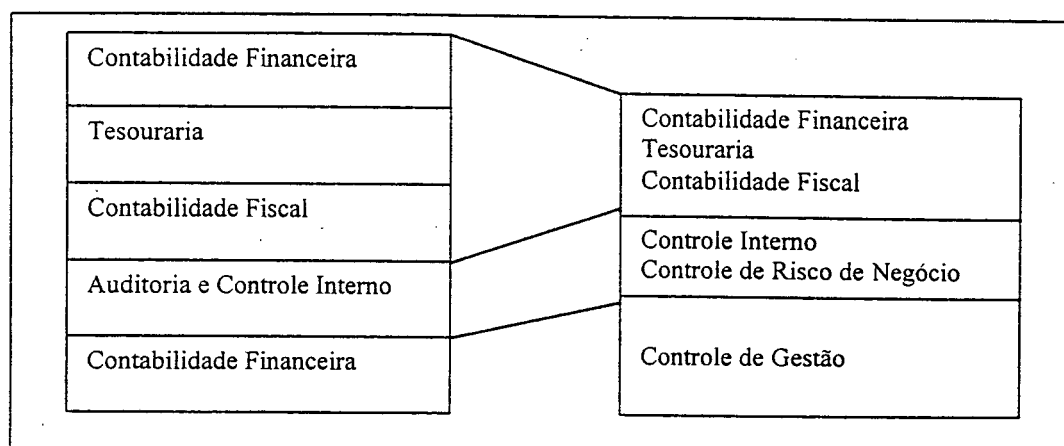
Quadro 6 – Função Financeira

SETORES	ATIVIDADES
Contabilidade Financeira	Registro de transações e produção de relatórios financeiros
Tesouraria	Gestão de fluxos monetários
Contabilidade Fiscal	Planejamento fiscal e respeito a legislação
Auditoria e Controle Interno	Proteção do patrimônio e prevenção de erros e irregularidades
Controle de Gestão	Informação de gestão e parceria de negócio.

Segundo BOISVERT [54], “os três primeiros setores consomem 75% do tempo das atividades financeiras, a auditoria e controle interno 20% e o controle de gestão apenas 5%”.

Em futuro bem próximo, a função financeira tende a ter uma nova alocação do tempo, com relação às atividades, dando maior ênfase ao controle de gestão. Outra alteração importante se observa no setor de auditoria e controle interno com a introdução do controle do risco do negócio, que consiste em controlar acontecimentos desagradáveis e desfavoráveis à performance, que devem ser evitados para a realização dos objetivos da empresa.

Essa nova estrutura além de focar o controle de gestão, também reduz o tempo total para o desempenho das atividades, conforme demonstra a figura 21.



Fonte: BOISVERT, Hugues. O controle de gestão estratégico. Programa de Pós-graduação da Engenharia de Produção. UFSC. 1997

Figura 21 – Futuro da Função Financeira

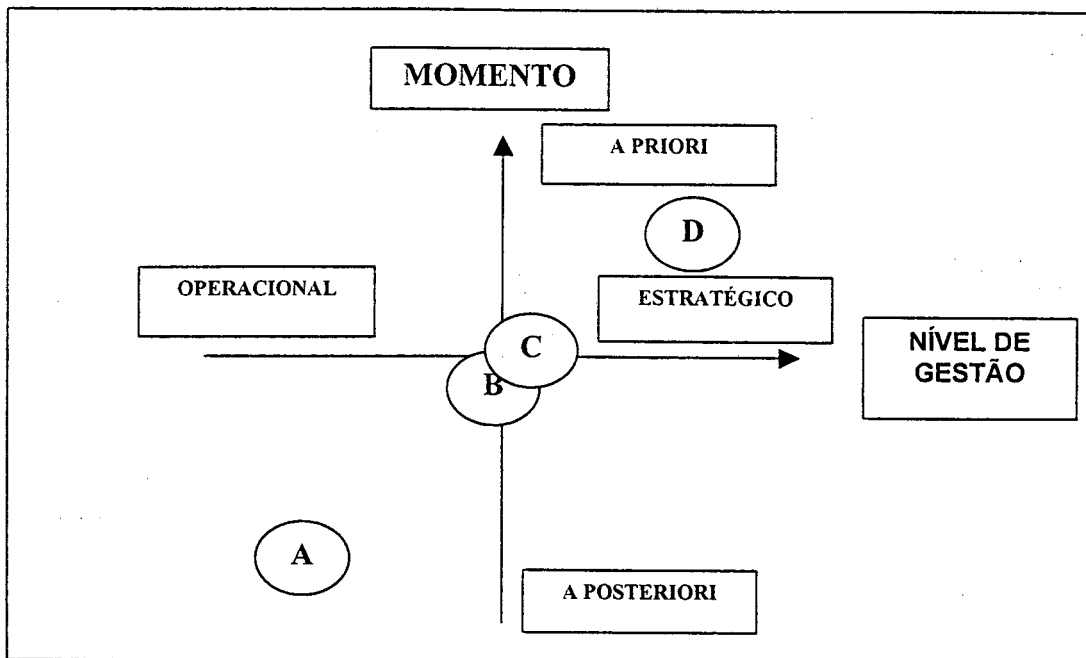
6.6 Evolução do Controle de Gestão

A evolução do controle de gestão pode ser visualizada considerando os momentos de intervenção (*a priori* – proativo e *a posteriori* – reativo) e os níveis de gestão (do operacional ao estratégico).

Na evolução do controle de gestão apresentam-se quatro estágios estruturados da seguinte forma:

- Estágio A: Prático ontem
- Estágio B: Prático hoje
- Estágio C: Teórico hoje
- Estágio D: Prático amanhã

Esses estágios estão contemplados na figura 22, levando em consideração o momento e o nível de gestão.



Fonte: BOISVERT, Hugues. O controle de gestão estratégico. Programa de Pós-graduação da Engenharia de Produção. UFSC. 1997

Figura 22 – Evolução do Controle de Gestão

Os estágios “A” e “D” da evolução do controle de gestão (figura 22) representam bem os paradigmas do controle de gestão tradicional e o controle de gestão renovador ou integrado, que estão apresentados no quadro 7.

Quadro 7 – Paradigmas do Controle de Gestão

CONTROLE DE GESTÃO TRADICIONAL	CONTROLE DE GESTÃO RENOVADO OU INTEGRADO
VIGILANTE	MOTIVADOR
PROGRAMADO	ORIENTADOR
A POSTERIORI	A PRIORI
REATIVO	PROATIVO

PASSIVO	ATIVO
DIRETIVO	PARTICIPATIVO
INDICADOR FINANCEIRO	INDICADOR FÍSICO
PREFERÊNCIA OPERACIONAL	PREFERÊNCIA ESTRATÉGICA
SISTEMA PARCIAL	SISTEMA GLOBAL
ATIVIDADE DE TRANSFORMAÇÃO	ATIVIDADE DO CICLO DE VIDA

Para uma perfeita dinâmica da evolução do controle de gestão, é fundamental a figura do *controller* dentro do processo de definir, planejar e acompanhar as operações da empresa.

6.7 *Controller*

A figura do *controller* difere grandemente de empresa para empresa. Dependendo do porte e da estrutura organizacional, a função *controller* pode ter formas diferentes de atuação bem como nos mais diversos níveis da administração.

Segundo PEREZ JÚNIOR [56], a função *controller* é exercida através de dois enfoques distintos.

O primeiro, e mais usual, assemelha-se às responsabilidades de um gerente de contabilidade ou de um contador geral, o qual se situaria na estrutura organizacional como um órgão de linha, normalmente se subordinando ao principal executivo financeiro da empresa. Suas atividades incluem a geração de informações dentro dos diversos setores a ele subordinados. Nesse caso, o controller seria responsável, entre outras, pelas seguintes áreas e funções:

- *contabilidade geral, fiscal e de custos.*
- *controle Patrimonial.*

- *orçamentos.*
- *auditoria interna.*
- *administrativa – financeira.*

O segundo enfoque de atuação do controller, envolve a compilação, síntese e análise das informações geradas, e não a responsabilidade por sua elaboração. Sua função básica é garantir que tais informações sejam preparadas e distribuídas oportunamente dentro da entidade. Por este enfoque o controller atua como um órgão de staff ligado diretamente à alta administração, selecionando e filtrando as informações oriundas dos diversos departamentos, que serão utilizados para a tomada de decisões. Nesse processo, o controller naturalmente também avalia os resultados obtidos em comparação, com o planejado, influenciando a tomada de decisões dentro da empresa.

6.7.1.1 Funções do Controller

Na empresa, as funções do controller podem ser resumidas nas seguintes:

- **INFORMAÇÃO:** compreende os sistemas contábeis – financeiros – gerenciais.
- **MOTIVAÇÃO:** refere-se aos efeitos dos sistemas de controle sobre o comportamento.
- **COORDENAÇÃO:** visa centralizar informações com vistas à aceitação de planos. O controller toma conhecimento de eventuais inconsistências dentro da empresa e assessora a direção, sugerindo soluções.
- **AVALIAÇÃO:** interpreta fatos, informações e relatórios, avaliando os resultados por área de responsabilidade, por processos, por atividades, etc.
- **PLANEJAMENTO:** assessora a direção da empresa na determinação e mensuração dos planos e objetivos.
- **ACOMPANHAMENTO:** verifica e controla a evolução e o desempenho dos planos traçados a fim de corrigir falhas ou de revisá-los.

Observa-se que o papel do controller está baseado no controle, planejamento operacional e planejamento estratégico.

No controle, cabe ao controller exercer a função de perito ou de juiz, conforme o caso, assessorando de forma independente na conclusão dos números e das medições quantitativas e qualitativas.

No planejamento operacional, cabe a esse profissional desenvolver um modelo de planejamento baseado no sistema de informação atual, integrando-o para a otimização das análises.

Já no planejamento estratégico, cabe ao controller assessorar o principal executivo e os demais gestores na definição estratégica, fornecendo informações rápidas e confiáveis sobre a empresa.

Dentro dessa visão, o controller não pode ser mais “o cão de guarda”, e sim “o guia” que explora o terreno antes de investir, que indica a direção a seguir, que previne sobre os efeitos potenciais das decisões, que informa os administradores durante o processo de elaboração das estratégias, enfim que tenha uma atuação prospectiva.

CAPÍTULO 7 - O ENSINO DA CONTABILIDADE NA FORMAÇÃO DE GESTORES

7.1 Histórico do Ensino da Contabilidade

A primeira escola de contabilidade no Brasil, na forma de escola de comércio, foi a Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, que surgiu em 1901 como “Escola Prática de Comércio”.

Em janeiro de 1905, o Decreto Federal n.º 1.339 reconheceu, em caráter oficial, os diplomas expedidos pela “Escola Prática de Comércio” e providenciou a organização dos cursos, dividindo-os em dois níveis: um geral e outro superior. Como muitas disciplinas do curso superior costumavam ser tratadas normalmente nos programas da escola, iniciou-se, naquela mesma Fundação em 1908, o “*Curso Superior de Ciências Comerciais*” que apresentava as matérias de contabilidade, economia e administração, com a duração de três anos.

Em termos gerais, era assim formado o currículo do Curso Superior de Ciências Comerciais:

Primeiro Ano

- Língua Portuguesa;
- Francês, Inglês (ou Alemão);
- Aritmética;
- Álgebra;
- Geometria, e

- Contabilidade (Noções Gerais de Escrituração Mercantil)

Segundo Ano

- Evolução nos diversos idiomas;
- Contabilidade (Iniciação no comércio, em finanças e estenografia);
- Tecnologia (Estudo geral de mercadoria).

Terceiro Ano

- Geografia Econômica e Comercial;
- Direito;
- Legislação Comercial;
- Economia Política;
- Finanças;
- Estatística;
- Análise do Sistema Monetário;
- Operações de Câmbio e Bolsa de Valores.

Os cursos de contabilidade propriamente ditos foram criados em 1931 pelo Decreto n.º 20.158, que instituiu o Curso Técnico de Contabilidade com duração de dois anos para formar Guarda-Livros e de três anos para formar Peritos Contadores. Esse mesmo decreto criou o Curso Superior de Administração e Finanças da Faculdade de Ciências Econômicas. Em 1943, os referidos cursos técnicos foram transformados na categoria de cursos médios, garantindo aos formados o título de Técnico de Contabilidade.

Na Faculdade de Ciências Econômicas, o seu curso Superior de Administração e Finanças distribuía assim suas disciplinas:

Primeiro Ano

- Contabilidade;
- Matemática Financeira;
- Geografia Econômica;
- Direito Constitucional Civil, e
- Economia Política.

Segundo Ano

- Contabilidade Pública;
- Finanças;
- Economia Bancária;
- Direito Comercial Internacional;
- Administração;
- Psicologia;
- Lógica, e
- Ética.

Terceiro Ano

- Direito Administrativo;
- Direito Industrial;
- Direito Internacional;
- Sociologia, e
- História Econômica.

Somente no ano de 1945 foi instituído o curso de Ciências Contábeis e Atuariais pela Lei n.º 7.988. Apesar do pioneirismo da Fundação Álvares Penteado, só em 1949 iniciou a primeira turma do referido curso.

Com a criação do Curso de Ciências Contábeis e Atuariais, tem-se as definições do prazo de quatro anos para o curso e seu currículo, como segue:

Primeiro Ano

- Análise Matemática;
- Estatística Geral e Aplicada;
- Contabilidade Geral;
- Ciência da Administração, e
- Economia.

Segundo Ano

- Matemática Financeira;
- Ciência das Finanças;

- Organização e Contabilidade Industrial;
- Contabilidade Agrícola, e
- Instituições do Direito.

Terceiro Ano

- Matemática Atuarial;
- Organização e Contabilidade Bancária;
- Finanças das Empresas;
- Técnica Comercial, e
- Instituições de Direito Civil e Comercial.

Quarto Ano

- Organização e Contabilidade de Seguro;
- Contabilidade Pública;
- Revisões e Perícia Contábil;
- Instituições de Direito Social, e
- Legislação Tributária e Fiscal.

Em 1946, surgiram o Conselho Federal de Contabilidade e a Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (primeiro núcleo de pesquisa no Brasil que envolveria a contabilidade), que contribuíram de maneira extraordinária para a qualidade do ensino superior da contabilidade.

A Lei n.º 1401 desmembrou os cursos de Ciências Contábeis e Atuariais em 1951, criando de maneira independente o Curso de Ciências Contábeis, possibilitando aos concluintes receberem o título de Bacharel em Contabilidade.

A próxima reforma significativa em nível curricular surgiu com o Parecer n.º 397/62, que estabeleceu o currículo mínimo, dividindo o curso de Ciências Contábeis em ciclo de formação básica e ciclo de formação profissional.

Esses dois ciclos eram assim compostos:

Ciclo de Formação Básica

- Matemática;
- Estatística;
- Direito, e
- Economia.

Ciclo de Formação Profissional

- Contabilidade Geral;
- Contabilidade Comercial;
- Contabilidade de Custos;
- Auditoria;
- Análise de Balanços;
- Técnica Comercial;
- Administração, e
- Direito Tributário.

A reforma atualmente em vigor, é regida pela Resolução n.º 03/92 [56], que fixou os conteúdos mínimos e a duração dos cursos. Esta mesma resolução dividiu os conhecimentos em três categorias específicas a seguir:

Categoria I

Conhecimentos de Formação Geral de Natureza Humanística e Social:

Disciplinas Obrigatórias

- Língua Portuguesa;
- Noções de Direito;
- Noções de Ciências Sociais;
- Ética Geral, e
- Ética Profissional.

Disciplinas Obrigatórias ou Eletivas

- Noções de Psicologia;
- Filosofia da Ciência;
- Cultura Brasileira, e outras.

Categoria II

Conhecimentos de Formação Profissional compreendendo:

a) Conhecimentos Obrigatórios de Formação Profissional Básica:

- Administração Geral;
- Economia;
- Direito Trabalhista;
- Direito Comercial;
- Direito Tributário;
- Direito Societário;
- Matemática;
- Estatística.

b) Conhecimentos Obrigatórios de Formação Profissional Específica:

- Contabilidade Geral;
- Teoria da Contabilidade;
- Análise das Demonstrações Contábeis;
- Auditoria;
- Perícia Contábil;
- Administração Financeira e Orçamento Empresarial;
- Contabilidade Pública;

- Contabilidade e Análise de Custos

c) Conhecimentos Eletivos (a critério da instituição):

- Contabilidade Gerencial;
- Sistemas Contábeis;
- Contabilidade Agrícola e Pecuária;
- Contabilidade de Seguro;
- Contabilidade de Cooperativas;
- Contabilidade Previdenciária;
- Contabilidade Imobiliária;
- E outras disciplinas.

Categoria III

Conhecimentos ou Atividades de Formação Complementar:

Conhecimentos Obrigatórios de Formação Instrumental:

- Computação
- Atividades Obrigatórias de Natureza Prática
 - Jogos de Empresas;
 - Laboratório Contábil;
 - Estudo de Caso;

- Trabalho de Fim de Curso;
- Estágio Supervisionado;
- E outras disciplinas.

7.2 A Formação Profissional Contemporânea

A partir da década de 70, as relações de poder e política, relações econômicas e culturais passam a experimentar mudanças radicais. Transformações no campo da tecnologia e do processo de trabalho, redefinição das modalidades do regime de acumulação revelam radicais reorganizações na dinâmica social.

Novas normas de consumo aliam-se às novas formas de concorrência. As empresas passam a buscar, ininterruptamente, novos padrões produtivos em decorrência da necessidade de inserção competitiva num mercado extremamente heterogêneo onde qualidade e produtividade são fatores de competitividade.

A atual revolução tecnológica, distintamente da primeira revolução industrial que teve o mérito de substituir a força física do homem pela energia mecânica, caracteriza-se por ampliar a capacidade intelectual humana na produção. A nova forma de organização exigirá do trabalhador qualidades de natureza não apenas operacional como também conceitual

A integração profissional com a contemporaneidade do mundo implica em maior desenvolvimento e apropriação da ciência e da tecnologia, enquanto principais instrumentos da dinâmica do sistema produtivo. A dinâmica dos desenvolvimentos técnico - organizacionais, verificada no setor produtivo de bens, há de se fazer presente no setor de produção de serviços dada a interpenetração crescente dos setores econômicos.

Em que pesem os novos requisitos de qualificação, importa salientar a especificidade das atividades de serviços. Dada sua natureza, essas atividades já se caracterizam pelo maior espaço de manobra por parte de seus empregados, ao mesmo tempo em que requerem dos mesmos respostas a situações específicas. Em se tratando de serviços, Offe-1985 [58] diz que:

“Por sua própria natureza a produção de serviços é menos suscetível à racionalização do que à produção de bens(...) Se aceitarmos que a industrialização levou a uma despersonalização do trabalho, então a expansão dos serviços proporciona a oportunidade de inverter essa tendência, pois o contato direto com o cliente para quem o serviço é realizado, assim como a necessidade de atender às demandas individuais do cliente, são características muito mais comuns nas indústrias de serviços do que em outros setores da economia”.

A economia como um todo vem reivindicando, no atual contexto, mudanças até então inéditas no perfil do futuro contador. Estas mudanças constituem características tais como capacidade de raciocínio abstrato, de autogerenciamento, de assimilação de novas informações: compreensão das bases gerais, científico-técnicas, sociais e econômicas da produção em seu conjunto; a aquisição de habilidades de natureza conceitual e operacional; o domínio das atividades específicas e conexas; a flexibilidade intelectual no trato de situações de mudança tornam-se requisitos do novo profissional.

A formação para o posto de trabalho, traduzida no treinamento restrito às tarefas exigidas em uma dada ocupação, deve ser revista em face da realidade que se configura, a qual exige do contador, veterano ou novato, uma noção ampla de como opera a sua empresa, do mercado onde trabalha e do que pensa o consumidor final sobre o produto que está comprando. Verifica-se que a qualidade intelectual mais valorizada nas novas organizações empresariais é a capacidade de entender e de se comunicar com o mundo que está a sua volta.

Nos dias atuais, assegurar a qualidade da formação relaciona-se à preparação dos indivíduos para qualificações úteis, não apenas a curto prazo como também a longo prazo. Tal preocupação vale não só para os ocupantes de empregos fixos. Observe-se, a propósito a atual tendência em reduzir o número de trabalhadores regulares, o que implica, na maioria dos casos, no esforço do contador em gerar sua própria renda mediante a prestação autônoma de serviços. Tal reestruturação do mercado de trabalho, perversa às vezes, exige do contador autônomo a qualificação necessária para conquistar e preservar seu espaço de trabalho.

Ainda que a nova economia não tenha emergido totalmente, ou não esteja forte e segura caminhando por si mesma, é possível adivinhar os seus passos. Pode-se começar esta previsão olhando a avassaladora proliferação do trabalho autônomo e do auto-empresariamento.

O conceito de formação reavaliado supõe sua compreensão como fluxo de conhecimentos e habilidades que embasam práticas de trabalho. A par dos fundamentos de sua práxis profissional, o contador torna-se mais apto a interagir com as freqüentes mudanças técnicas, uma vez dotado dos subsídios de um agir mais crítico e criativo.

É certo que a mera adoção de tecnologia não supõe uma nova gestão empresarial. A revisão, entretanto, dos perfis empresariais, a partir da incorporação das tecnologias inovadoras, torna-se pré-requisito de fortalecimento do chamado potencial competitivo a ser assegurado pela qualidade do produto que supõe a qualidade do processo.

A introdução, assimilação e disseminação de tecnologias inovadoras não se dão de forma homogênea em razão do caráter diferenciado do desenvolvimento econômico, que inviabiliza a adoção das tecnologias por parte de muitas empresas, ou mesmo admite esta adoção sem as adequadas mudanças na organização do trabalho.

O Curso de Ciências Contábeis deve assumir uma visão prospectiva, com base na constatação de uma tendência que é mundial: a incorporação das tecnologias inovadoras, o estímulo à flexibilização da produção e a interação entre os setores.

7.3 A Legislação do Ensino de Graduação

A Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional [59], no que tange ao ensino em geral e ao ensino superior em especial, procura assegurar maior flexibilidade na organização de cursos e carreiras, para atender à crescente heterogeneidade da formação prévia e às expectativas de todos os interessados neste nível de ensino. A nova LDB ressalta a necessidade de uma profunda revisão de toda a tradição que burocratiza os cursos, dificultando o acompanhamento das tendências contemporâneas para que os cursos possam colocar no mercado profissionais com boa formação, ao nível de graduação, como uma etapa inicial da formação continuada.

Segundo o Parecer 776/97 do Conselho Nacional de Educação (CNE):

“ As diretrizes curriculares devem contemplar elementos de fundamentação essencial em cada área de conhecimento, campo do saber ou profissão, visando desenvolver no estudante a capacidade de aprender a aprender, a fim de que o futuro graduado periodicamente venha a

atualizar-se através da educação continuada; devem pautar-se pela qualidade de formação a ser oferecida e também pela tendência internacionalmente registrada quanto da formação a ser oferecida e também pela tendência internacionalmente registrada quanto ao tempo de permanência na graduação, que não é a sua ampliação – sendo em alguns casos o de sua redução; devem promover formas de aprendizagem que contribuam para reduzir a evasão, como mediante sistemas de módulos; devem induzir a implementação de programas de iniciação científica nos quais o aluno desenvolva sua criatividade e análise crítica; devem incluir dimensões éticas e humanísticas, desenvolvendo no aluno atitudes e valores orientados para a cidadania”.

As diretrizes curriculares, constituindo-se em orientação para as universidades e centros universitários, são de cumprimento obrigatório pelas demais instituições de ensino superior. Elas devem visando assegurar densidade e qualidade da formação pretendida:

- indicar o perfil as competências básicas que devem ser desenvolvidas pelos alunos no transcorrer do curso;
- indicar os tópicos ou campos de estudo e demais experiências de ensino – aprendizagem que comporão os currículos, inclusive as práticas profissionais e acadêmicas, sempre limitando, ao mínimo, a fixação de conteúdos específicos com cargas – horárias pré-determinadas, as quais não poderão exceder a 50% da carga horária total dos cursos;
- incentivar uma sólida formação geral, necessária para que o futuro graduado possa vir a superar os desafios de renovadas condições de exercício profissional e de produção do conhecimento, sempre permitindo variados tipos de formação e habilitações diferenciadas em um mesmo programa;
- estimular práticas de estudo independente, visando uma progressiva autonomia profissional e acadêmica discente;
- encorajar o reconhecimento dos elementos cognitivos, habilidades e competências adquiridas fora do ambiente escolar, inclusive as que se referem à experiência profissional julgada relevante para a área de formação considerada;
- fortalecer a articulação teoria com a prática e valorizar, sempre que possível, a pesquisa individual e coletiva, especialmente a que vise a análise de solução de problemas de interesse da sociedade e, bem assim, os estágios e a participação em atividades de extensão;

- incluir orientações para a condução de avaliações periódicas que utilizem instrumentos variados e sirvam para informar a docentes e a discentes acerca do desenvolvimento das atividades didáticas.

7.4 Diretrizes Curriculares de Ciências Contábeis

A comissão de especialistas de Ciências Contábeis da Secretaria de Ensino Superior (SESu/MEC), em abril de 1999, apresentou as diretrizes curriculares de Ciências Contábeis para cumprimento por todas as instituições de ensino superior do país.

Seguindo os passos já relatados anteriormente, as diretrizes de Ciências Contábeis ficaram com a seguinte composição:

a) Perfil do Egresso

- Perfil Comum: profissionais dotados de competências e habilidades, que viabilizem aos agentes econômicos o pleno cumprimento de sua “*accountability*” perante a sociedade.
- Perfil Específico: profissional que exerce com ética e proficiência as atribuições que lhes são prescritas através de legislação específica.

b) Competências e Habilidades do Egresso:

- ser proficiente no uso da linguagem contábil, sob a abordagem da teoria da comunicação, para desempenhar suas atividades profissionais; na visão sistêmica, holística e interdisciplinar da atividade contábil; no uso de raciocínio lógico e crítico-analítico para a solução de problemas; na elaboração de relatórios que contribuam para o desempenho eficiente eficaz de seus usuários; na articulação e liderança de equipes multidisciplinares para a captação de dados e geração de informações contábeis;
- ser capaz de desenvolver, analisar e implantar sistemas de informações contábil e de controle gerencial; de exercer com ética as atribuições e prerrogativas que lhe são prescritas através de legislação específica.

c) Tópicos de Estudo

- Conteúdos Básicos: São os conteúdos caracterizadores da área que permitem, ao mesmo tempo, ser possível haver diferenças de formação e também ampliar a igualdade em relação à base técnico-científica comum. Não há fixação de tempos ou porcentagens mínimas para os conteúdos básicos.
- Conteúdos Obrigatórios de Formação Básica e Profissional: Estes conteúdos devem compor com 50% da carga horária do curso. As áreas de conhecimento que envolvem estes conteúdos são administração, economia, direito, matemática, estatística, informática e contabilidade. O quadro 8 relaciona as disciplinas com sua respectiva área de conhecimento.

Quadro 8 – Conteúdos de Formação Básica e Profissional

ÁREA	CONTEÚDO
Administração	Administração Geral Organização de Sistemas e Métodos Gestão de Projetos Teoria das Organizações Funções Administrativas
Economia	Noções de Economia Teoria da Firma Cenários Econômicos e Economia Internacional Economia de Empresas
Direito	Ética e “ <i>Accountability</i> ” Legislação Social e Trabalhista Direito Tributário Direito Comercial
Matemática e Estatística	Métodos Quantitativos Análise de Regressão e Correlação Medidas de Tendência Central e de Dispersão

Matemática e Estatística	Análise de Série Temporal Cálculo Integral e Diferencial
Informática	Sistemas de Informações Desenvolvimento, Análise e Implantação de Sistemas Contábeis
Contabilidade	Teoria da Contabilidade Ativo e Passivo e sua Mensuração Teorias do Patrimônio Líquido Princípios Fundamentais de Contabilidade e Harmonização Internacional Contabilidade Financeira Estrutura Conceitual da Contabilidade Elaboração das Demonstrações Contábeis Contabilidade Tributária Escrituração de Tributos Federais, Estaduais e Municipais Planejamento Tributário Contabilidade Gerencial Métodos de Custeio Sistemas de Acumulação de Custos Análise Custo – Volume – Lucro

- Conteúdos Optativos para Ênfase(s) Curricular(es): Para o desenvolvimento de competências e habilidades que reflitam a heterogeneidade das demandas sociais, as Instituições de Ensino Superior terão a liberdade de definir livremente a metade do currículo pleno, tendo em vista a(s) ênfase(s) que pretende(m) oferecer.

d) Duração do Curso

Levando em conta as características necessárias a uma boa formação básica mais as possibilidades mínimas de especificidade, o Curso de Ciências Contábeis terá carga horária mínima de 2.400 horas, com duração mínima de quatro anos.

Observadas as novas diretrizes dos cursos de Ciências Contábeis, infere-se que elas devem provocar abandono das características de que muitas vezes esses cursos se revestem, quais sejam as de atuarem como meros instrumentos de transmissão de conhecimentos e informações. Assim eles passarão a orientar-se, de um lado, para formar sólidas competências na medida deste nível de ensino e, por outro, na medida da educação permanente, preparando o futuro graduado para enfrentar os desafios das rápidas transformações da sociedade, do mercado de trabalho e das condições do exercício profissional.

A partir das recomendações feitas pelo CNE acerca das diretrizes dos cursos superiores e, ainda, considerando-se os fundamentos expostos anteriormente sobre as transformações ocorridas nas décadas de 70 a 90, é pertinente perguntar: para onde irá a contabilidade?

A resposta a essa pergunta vai depender da contabilidade que se quer – ou como a disciplina que meramente acompanha as variações do patrimônio líquido das entidades, mesmo que numa perspectiva mais avançada de valor, ou transformada na ciência da avaliação de empresa como um todo, da qual ela é apenas um aspecto. Ser o sistema de informação contábil gerencial da entidade, ou aventurar-se para fronteiras mais arrojadas e transformar-se no sistema global de informação, do qual o primeiro é apenas uma parcela?

CAPÍTULO 8 - PESQUISA CURRICULAR DOS CURSOS DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS NAS UNIVERSIDADES SUL BRASILEIRAS

A presente pesquisa, cujo resultado será demonstrado a seguir, teve por finalidade identificar o quanto os currículos de Ciências Contábeis estão inadequados para formarem os futuros profissionais da contabilidade, principalmente levando em consideração as transformações que afetaram diretamente a área contábil.

8.1 Metodologia da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida em consonância com os métodos de pesquisa em Ciências Sociais, os quais permitem caracterizá-la segundo a sua natureza, como exploratória.

Para LEITE [60] “(...) a pesquisa bibliográfica constitui o instrumento por excelência do pesquisador. (...) constitui, quase sempre, o primeiro passo de qualquer pesquisa científica”. GIL [61] afirma que: “Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisa bibliográfica”. Assim, as pesquisas bibliográficas exploratórias buscam oferecer uma visão preliminar sobre um determinado fenômeno e constituem-se na primeira fase de uma investigação mais profunda.

Ainda segundo GIL [62], as pesquisas exploratórias podem ser definidas como sendo aquelas cuja finalidade consiste em “(...) desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, com vistas à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

8.1.1 Delimitação do Universo da Pesquisa

A pesquisa realizada abrangeu o período de julho de 1998 a fevereiro de 1999, tendo como área de abrangência os Estados do Paraná, Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Estes Estados possuem 100 (cem) instituições de ensino superior que oferecem o curso de Ciências Contábeis, sendo que em alguns casos a mesma instituição oferece o curso em mais de um Campi.

A distribuição dos cursos de Ciências Contábeis por Estado têm a seguinte composição:

- Paraná - 38
- Rio Grande do Sul - 39
- Santa Catarina - 23

Constituíram em alvo desta pesquisa as instituições de ensino superior que oferecem o curso de Ciências Contábeis, num total de 53 (cinquenta e três) cursos, assim distribuídos:

- Paraná - 20
- Rio Grande do Sul - 21
- Santa Catarina - 12

8.1.2 Coleta de Dados

Os dados foram coletados através de documentos fornecidos pelas instituições de ensino, tais como:

- Grade curricular
- Ementas
- Programas curriculares

8.1.3 Limitações da Pesquisa

Em decorrência das características que envolvem pesquisas desta natureza, os resultados obtidos devem ser considerados apenas para os três Estados do Sul do Brasil.

8.1.4 Diferenciação de Nomenclatura

Ao pesquisar as grades curriculares, observou-se que são várias as nomenclaturas utilizadas para definir um mesmo conteúdo programático. No sentido de padronizar os conteúdos, foi utilizada a nomenclatura estabelecida pela Resolução 03/92 de 05 de outubro de 1992.

Para uma melhor definição, estão estabelecidas, em quadro anexo, as diversas nomenclaturas encontradas com a sua correlata apresentada para esta pesquisa.

8.2 Análise dos Dados de Acordo com a Resolução 03/92

Na pesquisa realizada em universidades do Sul do Brasil, tomando como base a Resolução 03/92 de 05 de outubro de 1992, observa-se que a grande maioria das instituições de ensino superior segue o que determina o artigo 5º, § 1º, que diz:

“A distribuição do total das 2.700 horas/aula, com relação as categorias de conhecimentos à que se refere o artigo 4º desta Resolução, deverá ser feita de acordo com critérios de cada instituição, dentro das seguintes faixas:

- a) *Conhecimentos da Categoria I: de 15 a 25%*
- b) *Conhecimentos da Categoria II: de 55 a 75%*
- c) *Conhecimentos da Categoria III: de 10 a 20%”.*

Para melhor visualização da pesquisa, passa-se a analisar os conhecimentos por categoria como determina a legislação pertinente.

8.2.1 *Conhecimentos da Categoria I*

Os conhecimentos de formação geral de natureza humanística e social, que têm como disciplinas obrigatórias língua portuguesa, noções de direito, noções de ciências sociais e ética geral e profissional.

Neste item a grande maioria das universidades está no padrão estabelecido. Contudo algumas ainda necessitam de pequenos ajustes, como pode ser observado no quadro 9.

Quadro 9 – Comportamento das IES nos Conhecimentos da Categoria I

ESTADOS	INFERIOR AO PADRÃO		NO PADRÃO		SUPERIOR AO PADRÃO		TOTAL
	QUANTIDADE	%	QUANTIDADE	%	QUANTIDADE	%	
PR	0	0	12	60	8	40	20
RS	0	0	20	95	1	5	21
SC	0	0	12	100	0	0	12

Padrão: de 15% a 25%

Das universidades que se encontram no padrão estabelecido pela Resolução 03/92, quanto aos conhecimentos de formação geral de natureza humanística e social, o percentual médio de disciplinas que contemplam estes conhecimentos é de 21,92% no Paraná, 21,41% no Rio Grande do Sul e 20,92% em Santa Catarina, demonstrando que o padrão mínimo não é estabelecido na grande maioria das Instituições de Ensino Superior do Sul do País.

8.2.2 *Conhecimentos da Categoria II*

Os Conhecimentos da Categoria II são aqueles de formação profissional, que compreendem conhecimentos obrigatórios de formação profissional básica (administração geral, economia e direito aplicado), conhecimentos obrigatórios de formação específica (contabilidade geral, teorias da contabilidade, análise das demonstrações contábeis, auditoria, perícia contábil, administração financeira e orçamento empresarial, contabilidade pública, contabilidade de custos e análise de custos) e conhecimentos eletivos a critério da instituição de ensino superior (contabilidade aplicada).

Em termos de contabilidade aplicada, são sugeridas por aquela resolução disciplinas abrangendo atividades agrícolas e pecuárias, de seguro, extrativas, sociedades cooperativas, sociedades de previdência privada, atividade imobiliária, entidades sindicais, sociedades em cotas de participação, e outras.

Observou-se que as Instituições de Ensino Superior pesquisadas estão obedecendo os padrões estabelecidos, conforme pode ser constatado no quadro 10.

Quadro 10 – Comportamento das IES nos Conhecimentos da Categoria II

ESTADOS	INFERIOR AO PADRÃO		NO PADRÃO		SUPERIOR AO PADRÃO		TOTAL
	QUANTIDADE	%	QUANTIDADE	%	QUANTIDADE	%	
PR	0	0	20	100	0	0	20
RS	0	0	21	100	0	0	21
SC	0	0	12	100	0	0	12

Padrão: de 55% a 75%

A distribuição das disciplinas referente aos Conhecimentos da Categoria II em Conhecimentos de Formação Básica, Conhecimentos de Formação Específica e Conhecimentos de Formação Eletiva é bem distinta de IES para IES, porém ficou bem caracterizado que na região Sul do País as Instituições de Ensino Superior dão mais ênfase, em média, nos Conhecimentos da Categoria II, aos Conhecimentos de Formação Profissional Básico, como pode ser observado no quadro 11.

Quadro 11 – Comportamento das IES nos Conhecimentos de Formação Profissional

ESTADOS	BÁSICOS		ESPECÍFICOS		ELETIVOS		TOTAL
	QUANTIDADE	%	QUANTIDADE	%	QUANTIDADE	%	
PR	6,55	41,85	6,30	40,26	2,80	17,89	15,65
RS	9,62	48,68	6,81	34,46	3,33	16,85	19,76
SC	9,83	48,55	6,75	33,33	3,67	18,12	20,25

8.2.3 Conhecimentos da Categoria III

Fazem parte dos Conhecimentos da Categoria III os conhecimentos ou atividades de formação complementar, que, para efeito desta dissertação, compreendem os conhecimentos obrigatórios de formação instrumental (computação), atividades obrigatórias de natureza prática, a critério de cada instituição (laboratório contábil, trabalho de fim de curso, estágio supervisionado), e atividades de natureza contemporânea (contabilidade avançada, contabilidade gerencial, controladoria, língua estrangeira, jogos de empresa, sistemas de informação gerencial, sistema de informação contábil, técnicas de negócios, tópicos especiais de contabilidade).

Na análise dos dados levantados pode-se constatar que, quanto aos conhecimentos obrigatórios de formação instrumental e de natureza prática, as instituições de ensino superior cumprem o que determina a Resolução 03/92, pois a grande maioria oferece as disciplinas acima citadas.

Já quando se observa a questão relacionada aos conhecimentos contemporâneos, a grande maioria limita-se a ministrar a contabilidade gerencial, demonstrando o quanto os currículos dos cursos de Ciências Contábeis desenvolvidos na região Sul do País estão desatualizados para formação de gestores.

O quadro 12 demonstra quais os conhecimentos contemporâneos que as IES do Sul do País possuem em seus currículos e a frequência com que aparecem nestes currículos.

Quadro 12 – Conhecimentos Contemporâneos nas IES do Sul do País

ESTADOS	PR	RS	SC
DISCIPLINAS	QUANTIDADE	QUANTIDADE	QUANTIDADE
Contabilidade Avançada	1	3	5
Contabilidade Gerencial	13	16	10
Controladoria	1	2	5
Espanhol e/ou Inglês Instrumental	3	4	2
Jogos de Empresa	1	0	1
Sistema de Informação Contábil	5	5	0
Sistema de Informação Gerencial	2	0	0
Sistemas Contábeis	5	7	6
Técnica de Negócios	1	0	0
Tópicos Contemporâneos de Contabilidade	3	0	0
Tópicos Especiais de Contabilidade	3	2	0
TOTAL	38	39	29

Dentre as IES pesquisadas as que mais aplicam os conhecimentos contemporâneos em seus currículos, são as que seguem:

- No Estado do Paraná, a IES “C” (Anexo B), que possui em seu currículo cinco disciplinas contemporâneas, o que representa no total de disciplina do currículo 15,15% das disciplinas ministradas.
- No Estado do Rio Grande do Sul, a IES “D” (Anexo C), que possui em seu currículo seis disciplinas contemporâneas, o que representa no total de disciplinas do currículo 17,14% das disciplinas ministradas.
- No Estado de Santa Catarina, as IES “A” e “C” (Anexo D) possuem em seus currículos quatro disciplinas contemporâneas, o que representa no total dos currículos 11,43% das disciplinas ministradas.

8.3 Análise Comparativa entre os Países do Mercosul e Canadá

Para análise comparativa dos currículos dos cursos de Ciências Contábeis, no MERCOSUL, é necessário que se tenha uma visão da profissão contábil neste bloco econômico.

8.3.1 A Profissão Contábil nos Países do Mercosul

O exercício da profissão contábil no âmbito dos países que formam o MERCOSUL tem sido tema de vários debates. É sabido que a existência de diferentes ordenamentos jurídicos no tocante ao exercício profissional decorre de condicionamentos histórico-culturais e de outros fatores, como dimensão territorial, população e mercado de trabalho.

Para que se possa ter uma visão da profissão contábil no MERCOSUL , apresenta-se no quadro 13 o resumo das principais diferenças da profissão contábil, segundo ROSA [63]

Quadro 13 – Diferenças da Profissão Contábil no MERCOSUL

ITENS	ARGENTINA	BRASIL	PARAGUAI	URUGUAI
REGULAMENTAÇÃO	Ter Diploma e ser Registrado no Órgão Profissional	Regulamentada por Lei ou Decreto-Lei	Não há	Não há
CARACTERÍSTICAS DA PROFISSÃO	A Profissão está regulamentada pela Lei n.º 20.488 de 23/05/73 da nação Argentina, que abrange as Ciências Econômicas em geral. A profissão só pode ser exercida por pessoas titulares de diploma universitário, devidamente matriculadas no Conselho Profissional	A Profissão foi regulamentada pelo Decreto-lei n.º 9.295 de 27/05/46, e somente os contabilistas registrados no CRC podem exercer a profissão.	A Profissão está prevista na Lei n.º 371 de 06/12/72, que regulamenta o exercício profissional dos graduados em Ciências Contábeis e Administração. Porém essa lei não regulamenta a profissão, pois não estabelece prerrogativa exclusiva do contador.	A Profissão está prevista em alguns dispositivos, contudo não está regulamentada. Os contadores deverão ter diploma de curso superior
CATEGORIAS	Contador Público	Técnico em Contabilidade Contador	Contador	Contador

8.3.2 Currículo de Ciências Contábeis no MERCOSUL

Os professores César Augusto Tiburcio Silva e Eduardo Tadeu Vieira [64] analisaram os conteúdos programáticos dos parceiros do MERCOSUL com a legislação brasileira, mais precisamente com a Resolução 03/92, e chegaram ao resultado demonstrado no quadro 14.

Quadro 14 – Conteúdos Programáticos no MERCOSUL

CATEGORIA	ARGENTINA	PARAGUAI	URUGUAI	BRASIL MÍNIMO	BRASIL MÁXIMO
I	07	19	02	15	25
II	84	74	90	55	75
III	09	07	08	10	20
TOTAL	100	100	100		

Conforme se pode constatar, os currículos dos três países não se enquadram na legislação brasileira, já que esta estabelece uma carga horária máxima correspondente a 75% do total da categoria II e as médias da Argentina e do Uruguai atingem 84% e 90%, respectivamente.

No tocante aos conteúdos de ordem contemporânea, visualiza-se grande deficiência, já que nos três países a carga horária destinada a esses conteúdos não passa de 9%.

Em um processo de integração econômica pressupõe-se a busca por normatização comum, ou ainda melhor, por harmonização que certamente propiciará a qualidade do ensino da contabilidade.

Diante do apresentado, tanto no Sul do Brasil como nos países do MERCOSUL, fica evidente que é necessário reformulação curricular imediata, dando ênfase ao contador como gestor da informação contábil, como pretendem as novas diretrizes curriculares dos cursos de Ciências Contábeis.

8.3.3 Currículo de Ciências Contábeis no CANADÁ

O estudo de graduação em Ciências Contábeis no Canadá está inserido em um programa de estudo em gestão, dividido em níveis. Nele é oferecida uma certificação em administração, comércio internacional, contabilidade profissional, gestão contábil das organizações, gestão de empreendimentos, gestão de operações e da produção, gestão de recursos humanos, gestão de marketing, gestão financeira, supervisão e gestão da informação.

Para receber a certificação em Contabilidade Profissional, o acadêmico deverá cumprir as disciplinas de três níveis. O primeiro nível é composto de Iniciação aos Estudos e Formação Geral, conforme está demonstrado no quadro 15, com 27 créditos

Quadro 15 – Conteúdos Programáticos no CANADÁ – Primeiro Nível

MÓDULOS	DISCIPLINAS
Iniciação aos Estudos	<p>A Atuação das Empresas</p> <p>Apresentação das Informações Contábeis</p> <p>Processos Administrativos</p> <p>Utilização das Informações Contábeis</p>
Formação Geral	<p>Análise Macroeconômica</p> <p>Análise Microeconômica</p> <p>Estatística Descritiva</p> <p>Matemática Financeira</p> <p>Modelos de Otimização</p> <p>Probabilidade e Estatística</p> <p>Sociologia das Empresas</p>

O segundo nível é composto por Funções na Empresa e Formação Complementar, demonstrado no quadro 16, que deverão totalizar 30 créditos. O acadêmico para cursar disciplinas deste segundo nível deverá ter cumprido todo o primeiro nível.

Quadro 16 – Conteúdos Programáticos no CANADÁ – Segundo Nível

MÓDULOS	DISCIPLINAS
Funções na Empresa	Finanças Gestão das Operações e da Produção Gestão de Recursos Humanos Marketing Tecnologia da Informação em Gestão
Formação Complementar	Contabilidade de Gestão Elementos de Pesquisa Operacional Fundamentos de Psicologia Organizacional Gestão de Grandes Empresas Gestão de Pequenas e Médias Empresas Métodos de Ajuda à Decisão Modelos de Pesquisa Operacional em Gestão Políticas Econômicas e Impostos Problemas de Políticas Econômicas

Para obter o direito à certificação em Contabilidade Profissional, o acadêmico deverá cumprir um total de 90 créditos. Este cumprimento se dará quando o acadêmico tiver cumprido os 33 créditos do terceiro nível, que estão divididos em três etapas, conforme demonstrado no quadro 17.

Quadro 17 – Conteúdos Programáticos no CANADÁ – Terceiro Nível

MÓDULOS	DISCIPLINAS
Disciplinas de Síntese ou Integração (3 créditos)	<p>Casos de Contabilidade de Gestão</p> <p>Contabilidade e Decisões Administrativas</p> <p>Economia de Empresas</p> <p>Organização e Sistemas de Informações</p> <p>Políticas Gerais de Administração</p>
Disciplinas Optativas (27 créditos)	<p>Auditoria Externa (Apreciação do Controle Interno)</p> <p>Auditoria Externa (Estratégia)</p> <p>Auditoria Externa (Noções Básicas)</p> <p>Contabilidade Financeira (Ativos e Resultados)</p> <p>Contabilidade Financeira (Avançada)</p> <p>Contabilidade Financeira (Complementos)</p> <p>Controle de Decisão</p> <p>Controle Interno</p> <p>Impostos e Gestão</p> <p>Impostos I, II e III</p>
Disciplinas Complementares (3 créditos)	<p>Análise e Concepção de Sistemas de Informações</p> <p>Matérias Jurídicas para Contadores</p> <p>Gestão Financeira para Contadores</p>

No cumprimento desse terceiro nível, o acadêmico que optou pela concentração em Contabilidade Profissional, poderá optar por áreas de concentração a seguir especificadas:

- contabilidade pública
- contabilidade financeira
- fiscalização
- gestão contábil

Observa-se que o modelo utilizado no Canadá está em consonância com as novas diretrizes curriculares, uma vez que permite ao acadêmico buscar suas especializações e formar seu próprio plano de aprendizagem.

Dentro de uma estratégia de flexibilização dos planos de aprendizagem é que devem ser traçadas as novas grades curriculares para os cursos de Ciências Contábeis, permitindo ao acadêmico definir a sua carreira de acordo com as possíveis alternativas que o mercado oferece.

CAPÍTULO 9 - MODELO DE NOVA GRADE CURRICULAR PARA O CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS NA FORMAÇÃO DE GESTORES

A implantação de nova grade curricular para os cursos de Ciências Contábeis é prioritária em qualquer instituição de ensino superior que queira formar Bacharéis em Ciências Contábeis com capacitação suficiente e adequada aos dias de hoje e, principalmente, com a mente aberta às alterações provocadas pelo mercado globalizado em que vivemos.

9.1 O Futuro Profissional da Contabilidade

Ao profissional da área contábil, a visão generalista se faz cada vez mais necessária em razão da rápida transformação dos conhecimentos.

O perfil do contador contemporâneo foi recentemente esboçado numa reunião internacional em Genebra, com a aprovação do currículo de referência para os diplomas nacionais de contabilidade, que será recomendado a todos os países.

As novas diretrizes sobre as qualificações dos futuros contadores profissionais, que servirão de base para os novos diplomas nacionais e ajudarão os interessados a exercer suas funções numa economia mundializada, foram adotadas por 150 peritos de 60 países, reunidos no Grupo de Trabalho Intergovernamental de Especialistas em Normas Internacionais de Contabilidade e Publicação (ISAR), na Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD)

O objetivo dessa nova qualificação é lançar o International Qualification Organization (IQO), para diplomar os futuros contadores globais. O IQO será uma espécie de ISO em educação contábil.

Acredita-se que essas novas diretrizes forçarão as universidades a mudar seu currículo para obterem a certificação de seu curso, para não perderem alunos interessados em prepara-se de acordo com as melhores práticas e competir a nível internacional.

A profissão de contador que em nosso país é uma ciência, o que não ocorre nos demais Países, deve ter atenção especial dos educadores quando da formulação dos cursos específicos desta área deverão preparar profissionais competentes para atuarem em um mercado altamente competitivo e diversificado, que tem exigido dos profissionais alta qualificação.

Segundo KOLIVER [65] “Os organismos internacionais da profissão difundem que a competência profissional está alicerçada em três pilares:

- *conhecimentos gerais e técnicos;*
- *habilidades;*
- *consciência profissional.*

Cabe às IES realizarem um ótimo trabalho nos conhecimentos gerais e técnicos, e alguma parcela na habilidades, pois os profissionais terão as habilidades e a consciência profissional plena, quando estiverem atuando nos diversos campos de trabalho que a profissão permite.

A profissão do contador é uma das poucas profissões que possibilita atuar em diversos campos de trabalho; dentre eles pode-se destacar as que fazem parte do quadro 18.

Quadro 18 – Campo de Trabalho e Área de Atuação dos Contadores

CAMPO	ESPECIALIZAÇÃO	DETALHAMENTO
Empresa	Analista Financeiro	Analista de Crédito, Desempenho, Mercado de Capitais, Investimentos, Custos.
	Contador Geral	Poderá especializar-se em diversos ramos da contabilidade.
	Cargos Administrativos	Área Financeira, Comércio Exterior, Executivo
	Auditor Interno	Auditoria de Sistema, Auditoria de Gestão, Controle Interno.
	Contador de Custos	Custos Empresariais, Prestação de Serviço, Custos Industriais, Orçamentos.
	Contador Gerencial	Controladoria, Contabilidade Internacional, Contabilidade Ambiental, Contabilidade Estratégica, Balanço Social, “Accountability”.

Independente	<p>Auditor Independente</p> <p>Consultor</p> <p>Empresário Contábil</p> <p>Perito Contábil</p> <p>Investigador de Fraudes</p>	<p>Especialização em Sistemas, Tributos e Custos.</p> <p>“Expert” em Avaliação de Empresas, Tributos, Comércio Exterior, Informática, Sistemas, Custos, Controladoria, Qualidade, Planejamento Estratégico, Orçamento.</p> <p>Escritório de Contabilidade, Centro de Treinamento</p> <p>Perícia Contábil, Judicial, Fiscal, Extrajudicial.</p> <p>Detecta o lado “podre” da empresa. É contratado em geral semestralmente para realizar os serviços.</p>
Ensino	<p>Professor</p> <p>Pesquisador</p> <p>Escritor</p> <p>Parecerista</p> <p>Conferencista</p>	<p>Cursos Técnicos, Concursos Públicos, Carreira Acadêmica (Mestre e Doutor)</p> <p>Pesquisa Autônoma, Pesquisas de Sindicatos, Instituições de Ensino, Órgãos de Classe.</p> <p>Há um campo imenso, já que são raros os escritores da área contábil que produzem artigos para revistas. Publicação de Livros.</p> <p>Docente e Pesquisador com currículo notável. Parecer sobre: laudo pericial, causa judicial envolvendo empresas, avaliação de empresas, questões contábeis</p> <p>Palestra em Universidades, Empresas, Convenções.</p>
Órgão Público	<p>Contador Público</p> <p>Agente Fiscal de Renda</p> <p>Diversos Concursos Públicos</p> <p>Tribunal de Contas</p>	<p>Gerenciar as Finanças dos Órgãos Públicos.</p> <p>Agente Fiscal de Municípios, Estado e União.</p> <p>Controlador de Arrecadação, Contador do Ministério Público, Fiscal do Ministério do Trabalho.</p> <p>Controladoria, Fiscalização, Parecerista, Analista Contábil.</p>

Para que o profissional da área contábil possa atuar nos campos citados no quadro 18, com a devida habilidade e competência, é necessário que as IES reformulem suas grades curriculares

9.2 Nova Grade Curricular

A nova grade curricular aqui sugerida está alicerçada nas novas diretrizes para os cursos de Ciências Contábeis, que enfatizam a necessidade de um profissional generalista, com uma visão holística e capaz de competir no mercado globalizado.

Essa grade curricular está dividida em três grupos distintos, compostos de:

1. Disciplinas obrigatórias (quadro 19)
2. Disciplinas eletivas (quadro 20)
3. Disciplinas para habilitação (quadro 21)

Para o acadêmico ter direito ao título de Bacharel em Ciências Contábeis, deverá necessariamente cumprir os créditos do primeiro grupo (disciplinas obrigatórias) e completar a carga horária com 40 créditos, no mínimo, de disciplinas do segundo grupo (disciplinas eletivas), para que a carga horária mínima obrigatória seja cumprida.

O acadêmico que, além de cumprir as disciplinas dos primeiro e segundo grupos, e cumprir também as disciplinas do terceiro grupo (disciplinas para habilitação), o bacharelado em Ciências Contábeis e uma habilitação específica.

As habilitações sugeridas devem levar em consideração o momento da profissão contábil, o caráter exclusivo do desempenho da profissão e o público alvo.

Para um curso que esteja localizado em uma das capitais dos estados do Sul do País, sugerem-se as seguintes habilitações:

- contabilidade de gestão
- auditoria
- gestão pública

Quadro 19 – Disciplinas Obrigatórias da Nova Grade Curricular

SEMESTRE	DISCIPLINAS	CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA
Primeiro	Administração	04	60
	Contabilidade I	04	60
	Economia	04	60
	Matemática	04	60
	Microinformática	04	60
Segundo	Contabilidade II	04	60
	Direito Comercial	04	60
	Matemática Financeira	04	60
	Psicologia Organizacional	04	60
	Tecnologia da Informação	04	60
Terceiro	Análise de Investimentos	04	60
	Contabilidade III	04	60
	Contabilidade de Custos I	04	60
	Direito Tributário	04	60
	Estatística	04	60
Quarto	Análise das Demonstrações Contábeis	04	60
	Contabilidade IV	04	60
	Contabilidade de Custos II	04	60
	Ética e Legislação Profissional	04	60
	Empreendedorismo	04	60
Quinto	Contabilidade Gerencial	04	60
	Contabilidade e Legislação Tributária	04	60
	Gestão Financeira e Mercado de Capitais	04	60
	Legislação Social	04	60
	Análise de Projetos e Orçamento Empresarial	04	60
Sexto	Auditoria e Perícia	04	60
	Contabilidade Pública	04	60
	Sistemas Contábeis Informatizados	08	120
	Teoria da Contabilidade	04	60
	Tópicos Avançados	04	60

Quadro 20 – Disciplinas Eletivas da Nova Grade Curricular

DISCIPLINAS	CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA
Administração de Materiais	04	60
Administração de Pessoal	04	60
Administração de Produção	04	60
Comportamento Organizacional	02	30
Comunicação Empresarial	04	60
Direito Administrativo	04	60
Direito Civil	04	60
Direito Imobiliário	04	60
Direito Societário (Lei 6404/76)	04	60
Espanhol Instrumental I	04	60
Inglês Instrumental	04	60
Introdução ao Comercio Exterior	04	60
Legislação Aduaneira	04	60
Liderança e Desenvolvimento de Equipes	02	30
Lógica	02	30
Metodologia Científica	04	60
Organização, Sistemas e Métodos	04	60
Projetos Empresariais	04	60
Relações Econômicas e Sociais Internacionais	04	60
Sociologia Organizacional	02	30
Teoria e Prática Cambial	04	60

Quadro 21 – Disciplinas para Habilitação da Nova Grade Curricular

ÊNFASE	DISCIPLINAS	CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA
Contabilidade de Gestão	Controle Estratégico de Gestão	04	60
	Gerenciamento da Informação	04	60
	Planejamento Estratégico	04	60
	Sistema de Informações Gerenciais	04	60
	<i>Software</i> de Gestão	04	60
Auditoria	Auditoria Contábil/Fiscal	04	60
	Auditoria de Sistemas	04	60
	Auditoria Governamental	04	60
	Auditoria Interna e Externa	04	60
	Normas Brasileiras e Internacionais de Auditoria	04	60
Gestão Pública	Auditoria Governamental	04	60
	Contabilidade Governamental	04	60
	Orçamento Público	04	60
	Planejamento Estratégico	04	60
	Sistemas de Informações Gerenciais	04	60

Esse currículo sugerido não levou em consideração o currículo ideal para o contador global apontado durante o encontro em Genebra, pois alguns dos especialistas na área contábil disseram que provavelmente não seriam aprovados em um teste que siga o novo padrão sugerido. Mas pode-se afirmar que a proposta apresentada contempla muitos itens do currículo do contador global, como se observa no quadro 22.

Quadro 22 – Currículo para o Contador Global

GRANDES GRUPOS	CONHECIMENTO
Conhecimento das Organizações e do Negócio	Economia, Métodos Quantitativos e Estatística para Negócios, Organização Comportamental, Operações Administrativas, Marketing e Negócios Internacionais.
Informática	Conceitos de IT para sistemas de negócios, Controle Interno baseado na Computação, Administração de IT, Implementação, Uso e Avaliação do Trabalho com Computação.
Conhecimento Contábil	Contabilidade Financeira e Publicação, Administração Contábil, Taxação, Lei Comercial, Auditoria Interna e Externa, Administração Financeira e Finanças, e Ética Profissional.

Para viabilizar as grades curriculares das disciplinas obrigatórias, eletivas e das habilitações é necessário que todas as disciplinas que fazem parte destas grades tenham a sua ementa.

9.3 Ementas das Disciplinas

As ementas das disciplinas que fazem parte do currículo do curso de Ciências Contábeis sugerido estão apresentadas nos anexos, divididas em disciplinas obrigatórias (Anexo E), eletivas (Anexo F) e para habilitação (Anexo G).

CAPÍTULO 10 - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

No mundo contemporâneo de tecnologia desenvolvida e produção em massa, a atividade individual deu lugar à empresa, que une os esforços e os capitais de todos os membros da coletividade para a produção econômica de interesse comum. Essa comunhão de interesse é hoje internacional.

Atualmente as empresas necessitam cada vez mais das informações contábeis para conhecerem os seus resultados e o controle que deve ser exercido sobre o seu patrimônio. Este interesse pelos resultados é imprescindível aos administradores, acionistas, financiadoras, fornecedores e poder público.

Esse complexo de interesses, envolvidos desde a microeconomia empresarial, vem aumentando grandemente a responsabilidade dos contadores e exigindo a mais absoluta confiabilidade nas informações por eles apresentadas. Daí o desenvolvimento de especialidades na área contábil que têm dado à profissão de contador enorme amplitude tanto em importância como em responsabilidade.

É forçoso reconhecer, contudo, que apesar das extraordinárias perspectivas de desenvolvimento profissional, no Brasil a profissão tem ainda sérios obstáculos a vencer, para que possa alcançar o mesmo "*status*" atingido pelos contadores dos países mais desenvolvidos.

Embora seja o contador, desde 1945, diplomado em curso superior, nem sempre é das mais lisonjeiras sua imagem em comparação com os outros profissionais de nível superior. Esta depreciação se dá em virtude da confusão generalizada entre os títulos de contador e de técnico em contabilidade, bem como devido ao baixo nível de ensino mantido por muitas instituições de ensino, salvo raras e honrosas exceções.

É importante salientar que, conforme a pesquisa realizada, muito da deficiência do contador pode ser atribuída às grades curriculares que se apresentam defasadas, principalmente quanto aos conteúdos relacionados à tecnologia da informação, aos sistemas de informações gerenciais, à gestão estratégica de custos e à contabilidade como instrumento estratégico de gestão com visão prospectiva.

A contabilidade deve entender que a sua grande vocação é gerar informação com confiabilidade e agilidade, para que os seus usuários possam tomar decisões corretas em tempo hábil.

Esse é o grande desafio que se apresenta aos educadores e às entidades de classe que, através de seus líderes, devem conscientizar-se de que a valorização profissional do contador somente se consolidará mediante o estabelecimento de rigorosas medidas, tais como:

- melhorar o ensino nas instituições de ensino superior de Ciências Contábeis;
- estabelecer exigências mínimas para o exercício da profissão, dentre as quais a comprovação de estágio profissional e o exame de suficiência que confirmem a capacidade do candidato;
- exigir educação continuada e treinamento comprovado para o exercício da profissão, mediante estímulo ao comparecimento a congressos, cursos de pós-graduação e de aperfeiçoamento, bem como a apresentação de trabalhos que recebem aprovação em congressos, convenções ou seminários, ou participação em conferências, palestras, ou ainda cursos de atualização de conhecimentos relacionados com o exercício da profissão contábil.

Com o intuito de colaborar com o crescimento da profissão contábil, este trabalho sugere a adoção, por parte das instituições de ensino superior, de nova grade curricular que visa formar contadores com a visão de gestores da informação, atingindo desta forma o objetivo traçado de identificar as transformações contemporâneas da contabilidade e seus reflexos na formação dos profissionais de graduação em Ciências Contábeis.

Recomenda-se, contudo, que as sugestões sejam revistas periodicamente e adequadas a cada realidade, já que partiram da pesquisa realizada nas instituições de ensino superior do Sul do País.

Finalmente, acredita-se que o presente trabalho tenha contribuído para mostrar a importância da contabilidade no mundo contemporâneo, e espera-se que todos possam ver a contabilidade como a ciência mais complexa, a mais nobre e a mais bela, que abre um amplo horizonte para a realização profissional do contador.

ANEXO A – DISCIPLINAS

QUADRO DE DISCIPLINAS
CATEGORIA I
CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO GERAL

PESQUISA	ADOTADA NOS CURRÍCULOS
CULTURA BRASILEIRA	CULTURA BRASILEIRA CULTURA E CIDADANIA CULTURA E SOCIEDADE BRASILEIRA
ÉTICA GERAL E PROFISSIONAL	CIDADANIA E ÉTICA ÉTICA E LEGISLAÇÃO PROFISSIONAL ÉTICA GERAL E PROFISSIONAL ÉTICA PROFISSIONAL LEGISLAÇÃO E ÉTICA PROFISSIONAL
FILOSOFIA DA CIÊNCIA	FILOSOFIA FILOSOFIA DA CIÊNCIA INTRODUÇÃO A FILOSOFIA INTRODUÇÃO A FILOSOFIA DA CIÊNCIA
LÍNGUA PORTUGUESA	COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL EXPRESSÃO ORAL E ESCRITA FUNDAMENTOS GRAMÁTICAIS INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTO LÍNGUA PORTUGUESA PORTUGUÊS PORTUGUÊS INSTRUMENTAL
METODOLOGIA CIENTÍFICA	METODOLOGIA CIENTÍFICA METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO TÉCNICA DE PESQUISA
NOÇÕES DE CIÊNCIAS SOCIAIS	INTRODUÇÃO AS CIÊNCIAS SOCIAIS NOÇÕES DE CIÊNCIAS SOCIAIS SOCIOLOGIA SOCIOLOGIA APLICADA SOCIOLOGIA DAS ORGANIZAÇÕES SOCIOLOGIA INDUSTRIAL E DO TRABALHO
NOÇÕES DE DIREITO	INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO DIREITO NOÇÕES DE DIREITO NOÇÕES DE DIREITO PRIVADO NOÇÕES DE DIREITO PÚBLICO
NOÇÕES DE PSICOLOGIA	NOÇÕES DE PSICOLOGIA PSICOLOGIA PSICOLOGIA APLICADA PSICOLOGIA DAS RELAÇÕES HUMANAS
OUTROS	CIÊNCIA POLÍTICA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA MISTÉRIO CRISTÃO PERSPECTIVAS ÉTICO-ANTROPOLÓGICAS TEOLOGIA

QUADRO DE DISCIPLINAS
CATEGORIA II
CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL BÁSICA

PESQUISA	ADOTADA NOS CURRÍCULOS
ADMINISTRAÇÃO GERAL	ADMINISTRAÇÃO GERAL ADMINISTRAÇÃO GERAL I ADMINISTRAÇÃO FUNDAMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO INTRODUÇÃO A ADMINISTRAÇÃO TEORIA GERAL DA ADMINISTRAÇÃO
ADMINISTRAÇÃO APLICADA	ADMINISTRAÇÃO EMPRESARIAL ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA E ORÇAMENTO ORGANIZAÇÃO E MÉTODOS ORGANIZAÇÃO, SISTEMAS E MÉTODOS
DIREITO COMERCIAL E SOCIETÁRIO	DIREITO COMERCIAL DIREITO COMERCIAL APLICADO DIREITO COMERCIAL E SOCIETÁRIO DIREITO E LEGISLAÇÃO SOCIETÁRIA LEGISLAÇÃO APLICADA
DIREITO DO TRABALHO	DIREITO E LEGISLAÇÃO TRABALHISTA DIREITO TRABALHISTA LEGISLAÇÃO SOCIAL LEGISLAÇÃO SOCIAL APLICADA PRÁTICA E LEGISLAÇÃO TRABALHISTA PRÁTICA TRABALHISTA E PREVIDENCIÁRIA
DIREITO EM GERAL	DIREITO ADMINISTRATIVO DIREITO APLICADO
DIREITO TRIBUTÁRIO	DIREITO TRIBUTÁRIO LEGISLAÇÃO FISCAL E TRIBUTÁRIA LEGISLAÇÃO TRIBUTÁRIA PRÁTICA TRIBUTÁRIA
ECONOMIA	ECONOMIA ECONOMIA BRASILEIRA ECONOMIA MONETÁRIA ELEMENTOS DA ECONOMIA INTRODUÇÃO A ECONOMIA TEORIA ECONÔMICA
ECONOMIA APLICADA	ECONOMIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA ECONOMIA CONTEMPORÂNEA ECONOMIA DAS EMPRESAS MERCADO DE CAPITAIS
ESTATÍSTICA	ESTATÍSTICA APLICADA ESTATÍSTICA BÁSICA MÉTODOS ESTATÍSTICOS

CATEGORIA II
CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL BÁSICA

PESQUISA	ADOTADA NOS CURRICULOS
MATEMATICA BASICA	MATEMATICA BASICA MATEMÁTICA C MATEMÁTICA I MÉTODOS QUANTITATIVOS
MATEMATICA FINANCEIRA	MATEMÁTICA COMERCIAL E FINANCEIRA MATEMÁTICA FINANCEIRA

QUADRO DE DISCIPLINAS**CATEGORIA III****CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL COMPLEMENTAR
GERAL**

PESQUISA	ADOTADA NOS CURRÍCULOS
COMPUTAÇÃO	COMPUTAÇÃO INFORMÁTICA APLICADA INFORMÁTICA BÁSICA INTRODUÇÃO A COMPUTAÇÃO PROCESSAMENTO DE DADOS
ESTAGIO SUPERVISIONADO	ESTAGIO ESTÁGIO PARA CONCLUSÃO DE CURSO ESTÁGIO SUPERVISIONADO
LABORATÓRIO CONTABIL	LABORATÓRIO CONTABIL LABORATÓRIO DE CONTABILIDADE

QUADRO DE DISCIPLINAS

CATEGORIA II

CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL ESPECÍFICA

PESQUISA	ADOTADA NOS CURRÍCULOS
ANAL. DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS	ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS ANÁLISE DE BALANÇO
AUDITORIA	AUDITORIA
CONT E ANÁLISE DE CUSTOS	CONTABILIDADE DE CUSTOS CONTABILIDADE E ANÁLISE DE CUSTOS
CONTABILIDADE GERAL	CONTABILIDADE GERAL CONTABILIDADE I CONTABILIDADE INTRODUTÓRIA INTRODUÇÃO À CONTABILIDADE INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA CONTABILIDADE
CONTABILIDADE PÚBLICA	CONTABILIDADE E ORÇAMENTO PÚBLICO CONTABILIDADE PÚBLICA E ORÇAMENTO CONTABILIDADE PÚBLICA E ORÇAMENTO
PERÍCIA	PERÍCIA PERÍCIA CONTÁBIL
TEORIA DA CONTABILIDADE	TEORIA CONTÁBIL TEORIA DA CONTABILIDADE

ANEXO B – PESQUISA NO ESTADO DO PARANÁ

INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DO ESTADO DO PARANÁ

CURSOS	INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR
A	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA
B	CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE MARINGÁ
C	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
D	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
E	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE - GUARAPUAVA
F	FACULDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS - APUCARANA
G	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CASCAVEL
H	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - FOZ DO IGUAÇÚ
I	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - M. RONDON
J	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ - CIANORTE
K	FACULDADE DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E LETRAS DE PARANAVÁ
L	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ - CURITIBA
M	FACULDADES INTEGRADAS DA SOC EDUCACIONAL TUIUTI - CURITIBA
N	FACULDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS E LETRAS DE CAMPO MOURÃO
O	UNIVERSIDADE PARANAENSE - UNIPAR - UMUARAMA
P	UNIVERSIDADE PARANAENSE - UNIPAR - PALOTINA
Q	FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRATIVAS - ROLÂNDIA
R	FACULDADE EST. DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS DE CORNÉLIO PROCÓPIO
S	FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE MANDAGUARI
T	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

CURSOS DE GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

UNIVERSIDADES DO ESTADO DO PARANÁ

CATEGORIA I

CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO GERAL

DISCIPLINAS	CURSOS																			
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T
Cultura Brasileira												X			X	X	X			
Ética Geral e Profissional	X		X	X	X					X	X	X					X	X	X	X
Filosofia da Ciência	X			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Língua Portuguesa	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Metodologia Científica	X	X		X	X		X	X	X	X	X		X	X						X
Noções de Ciências Sociais	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Noções de Direito	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X
Noções de Psicologia	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X							X
Outros			X				X	X	X	X			X							X
TOTAL	7	5	6	7	7	6	7	7	7	7	7	7	6	5	5	5	6	5	6	7

CATEGORIA II

CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL BÁSICA

DISCIPLINAS	CURSOS																			
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T
Administração Geral	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			X	X	X	X
Administração Aplicada	X			X	X	X				X	X	X	X		X	X	X	X	X	
Direito Comercial e Societário			X	X	X	X									X	X	X	X		X
Direito do Trabalho			X	X	X	X												X		X
Direito em Geral				X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	
Direito Tributário			X	X	X		X	X	X				X					X		X
Economia	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X			X	X	X	X
Economia Aplicada				X	X										X	X	X			X
Estatística	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	
Matemática Básica	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X				X	X	X
Matemática Financeira	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X
TOTAL	5	4	8	10	10	7	7	7	7	6	5	6	6	4	5	5	7	8	6	8

CATEGORIA II

CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL ESPECÍFICA

DISCIPLINAS	CURSOS																			
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T
Análise das Dem Contábeis	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x			x	x	x	x	x	x
Auditoria	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x			x	x	x	x	x	x
Contabilidade e Análise de Custos	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Contabilidade Geral	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x			x
Contabilidade Pública	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Perícia	x		x	x	x	x				x	x	x					x	x		x
Teoria da Contabilidade	x		x	x	x	x				x	x						x	x	x	x
TOTAL	8	2	7	8	8	8	5	5	5	8	8	7	4	3	6	6	8	7	6	7

CATEGORIA II

CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL ELETIVOS

DISCIPLINAS	CURSOS																			
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T
Contabilidade Agrícola						x												x	x	
Contabilidade Bancária						x							x							
Contabilidade Comercial	x			x	x									x					x	
Contabilidade Hospitalar						x													x	
Contabilidade de Cooperativas		x																		
Contabilidade de Transportadoras			x																	
Cont em Empresas Diversas	x											x			x	x				x
Contabilidade Fiscal			x																	
Contabilidade Imobiliária		x				x													x	
Contabilidade Industrial	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x				x	x	x	x		
Contabilidade Orçamentária			x	x	x															x
Cont Sem Fins Lucrativos	x		x				x	x	x	x	x	x			x	x	x			x
Contabilidade Tributária	x					x				x	x							x		
TOTAL	5	2	5	3	3	6	2	2	2	3	3	1	1	2	3	3	3	2	3	3

CATEGORIA III

CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL COMPLEMENTAR

GERAL

DISCIPLINAS	CURSOS																				
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	
Computação	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x					x	x	x
Estágio Supervisionado	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x				x	x	x	x	x	x	
Laboratório Contábil												x									
TOTAL	2	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	1	1	1	1	1	1	2	2	2

CATEGORIA III
CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL COMPLEMENTAR
CONTEMPORÂNEOS

DISCIPLINAS	CURSOS																				
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	
Contabilidade Avançada			x																		
Contabilidade Gerencial	x		x	x	x		x	x	x	x	x		x					x	x		x
Controladoria			x																		
Espanhol Instrumental				x	x																x
Jogos de Empresa												x									
Sistema de Informação Contábil	x									x					x	x	x				
Sist de Inf Contábil/Gerencial												x						x			
Sistemas Contábeis			x				x	x	x		x										
Técnica de Negócios			x																		
Tópicos Contemp. de Cont				x	x																x
Tópicos Especiais de Cont	x									x								x			
TOTAL	3	0	5	3	3	0	2	2	2	3	2	2	1	1	1	1	3	1	0	3	

QUADRO DE DISTRIBUIÇÃO DAS DISCIPLINAS

POR CURSOS E CATEGORIAS DE CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO

CURSOS	CATEGORIAS DE CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO						TOTAL
	GERAL		PROFISSIONAL		COMPLEMENTAR		
	N	%	N	%	N	%	
A	7	23,33	18	60,00	5	16,67	30
B	5	35,71	8	57,14	1	7,14	14
C	6	18,18	20	60,61	7	21,21	33
D	7	21,21	21	63,64	5	15,15	33
E	7	21,21	21	63,64	5	15,15	33
F	6	20,69	21	72,41	2	6,90	29
G	7	28,00	14	56,00	4	16,00	25
H	7	28,00	14	56,00	4	16,00	25
I	7	28,00	14	56,00	4	16,00	25
J	7	24,14	17	58,62	5	17,24	29
K	7	25,93	16	59,26	4	14,81	27
L	7	28,00	14	56,00	4	16,00	25
M	6	31,58	11	57,89	2	10,53	19
N	5	31,25	9	56,25	2	12,50	16
O	5	23,81	14	66,67	2	9,52	21
P	5	23,81	14	66,67	2	9,52	21
Q	6	21,43	18	64,29	4	14,29	28
R	5	20,00	17	68,00	3	12,00	25
S	6	26,09	15	65,22	2	8,70	23
T	7	23,33	18	60,00	5	16,67	30

QUADRO DE DISTRIBUIÇÃO DAS DISCIPLINAS POR CURSOS
NA CATEGORIA DE CONHECIMENTO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

CURSOS	FORMAÇÃO PROFISSIONAL						TOTAL
	BÁSICA		ESPECÍFICA		ELETIVOS		
	N	%	N	%	N	%	
A	5	27,78	8	44,44	5	27,78	18
B	4	50,00	2	25,00	2	25,00	8
C	8	40,00	7	35,00	5	25,00	20
D	10	47,62	8	38,10	3	14,29	21
E	10	47,62	8	38,10	3	14,29	21
F	7	33,33	8	38,10	6	28,57	21
G	7	50,00	5	35,71	2	14,29	14
H	7	50,00	5	35,71	2	14,29	14
I	7	50,00	5	35,71	2	14,29	14
J	6	35,29	8	47,06	3	17,65	17
K	5	31,25	8	50,00	3	18,75	16
L	6	42,86	7	50,00	1	7,14	14
M	6	54,55	4	36,36	1	9,09	11
N	4	44,44	3	33,33	2	22,22	9
O	5	35,71	6	42,86	3	21,43	14
P	5	35,71	6	42,86	3	21,43	14
Q	7	38,89	8	44,44	3	16,67	18
R	8	47,06	7	41,18	2	11,76	17
S	6	40,00	6	40,00	3	20,00	15
T	8	44,44	7	38,89	3	16,67	18

**QUADRO DE DISTRIBUIÇÃO DAS DISCIPLINAS POR CURSOS NA
CATEGORIA DE CONHECIMENTO DE FORMAÇÃO COMPLEMENTAR**

CURSOS	FORMAÇÃO COMPLEMENTAR				TOTAL
	GERAL		CONTEMPORANEOS		
	N	%	N	%	
A	2	40,00	3	60,00	5
B	1	100,00	0	0,00	1
C	2	28,57	5	71,43	7
D	2	40,00	3	60,00	5
E	2	40,00	3	60,00	5
F	2	100,00	0	0,00	2
G	2	50,00	2	50,00	4
H	2	50,00	2	50,00	4
I	2	50,00	2	50,00	4
J	2	40,00	3	60,00	5
K	2	50,00	2	50,00	4
L	2	50,00	2	50,00	4
M	1	50,00	1	50,00	2
N	1	50,00	1	50,00	2
O	1	50,00	1	50,00	2
P	1	50,00	1	50,00	2
Q	1	25,00	3	75,00	4
R	2	66,67	1	33,33	3
S	2	100,00	0	0,00	2
T	2	40,00	3	60,00	5

**ANEXO C – PESQUISA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO
SUL**

**INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO
SUL**

CURSOS	INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR
A	FACULDADE CAMAQUENSE - FACCA
B	FACULDADE EDUCACIONAL MACHADO DE ASSIS
C	FACULDADE PORTO ALEGRENSE DE C. CONTÁBEIS E ADMINISTRAÇÃO
D	FACULDADES RIO-GRANDENSE - FARGS
E	FEDERAÇÃO DE ESTAB DE ENS SUP DE NOVO HAMBURGO - FEEVALE
F	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE - FURG
G	INSTITUTO EDUCACIONAL SÃO JUDAS TADEU
H	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL - PUC
I	UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS - UCPÊL
J	UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL - UCS
K	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
L	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM
M	UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL - ULBRA
N	UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RGS - UNIJUI
O	UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL - UNISC
P	UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
Q	UNIVATES - UNIDADE INTEGRADA VALE DO TAQUARI - UNIVATES
R	UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA
S	UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO - UPF
T	UNIVERSIDADE DA REGIÃO DA CAMPANHA - URCAMP
U	UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA - URI

CATEGORIA II

CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL ESPECÍFICA

DISCIPLINAS	CURSOS																				
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U
Análise das Dem Contábeis	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Auditoria	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Cont e Análise de Custos	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Contabilidade Geral	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Contabilidade Pública	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
Perícia	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Teoria da Contabilidade	x	x	x	x	x		x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
TOTAL	7	7	7	7	7	6	7	6	7	7	7	6	7	7	7	7	7	7	7	7	6

CATEGORIA II

CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL ELETIVOS

DISCIPLINAS	CURSOS																				
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U
Contabilidade Agrícola	x	x				x			x				x		x			x	x	x	
Contabilidade Bancária	x	x	x			x	x	x		x		x	x	x		x					x
Contabilidade Comercial	x			x		x		x	x				x		x			x		x	
Contabilidade Hospitalar																					
Cont de Cooperativas				x				x				x	x			x					x
Cont de Transportadoras																					
Cont em Empresas Diversas			x	x	x		x			x				x		x	x	x	x		x
Contabilidade Fiscal	x		x			x		x							x		x		x		
Contabilidade Imobiliária	x	x													x						
Contabilidade Industrial						x			x												
Contabilidade Orçamentária									x		x					x		x			
Cont Sem Fins Lucrativos															x						
Contabilidade Tributária	x							x		x				x	x			x			
TOTAL	6	3	3	3	1	5	2	5	4	3	1	2	4	3	6	4	2	5	3	4	1

CATEGORIA III
CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL COMPLEMENTAR
GERAL

DISCIPLINAS	CURSOS																				
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U
Computação	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x	x
Estágio Supervisionado	x	x	x	x	x		x		x	x		x	x		x		x	x	x	x	x
Laboratório Contábil		x			x	x	x	x						x				x			x
TOTAL	2	3	2	2	3	2	3	2	2	2	1	2	2	1	2	1	3	2	2	3	3

CATEGORIA III
CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL COMPLEMENTAR
CONTEMPORÂNEOS

DISCIPLINAS	CURSOS																				
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U
Contabilidade Avançada									x					x			x				
Contabilidade Gerencial	x		x	x	x		x	x		x	x		x	x	x		x	x	x	x	x
Controladoria	x			x																	
Espanhol Instrumental		x		x		x										x					
Jogos de Empresa																					
Sist de Informação Contábil			x	x					x		x					x					
Sist de Inf Cont/Gerencial																					
Sistemas Contábeis	x			x					x		x		x							x	x
Técnica de Negócios																					
Tópicos Contemp de Cont																					
Tópicos Especiais de Cont				x								x									
TOTAL	3	1	2	6	1	1	1	1	3	1	3	1	2	2	1	2	2	1	1	2	2

QUADRO DE DISTRIBUIÇÃO DAS DISCIPLINAS
POR CURSOS E CATEGORIAS DE CONHECIMENTO DE FORMAÇÃO

CURSOS	CATEGORIAS DE CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO						TOTAL
	GERAL		PROFISSIONAL		COMPLEMENTAR		
	N	%	N	%	N	%	
A	8	22,22	23	63,89	5	13,89	36
B	6	20,00	20	66,67	4	13,33	30
C	6	20,00	20	66,67	4	13,33	30
D	8	22,22	20	55,56	8	22,22	36
E	8	27,59	17	58,62	4	13,79	29
F	5	17,24	21	72,41	3	10,34	29
G	7	23,33	19	63,33	4	13,33	30
H	6	20,69	20	68,97	3	10,34	29
I	6	20,00	19	63,33	5	16,67	30
J	7	23,33	20	66,67	3	10,00	30
K	5	18,52	18	66,67	4	14,81	27
L	5	20,00	17	68,00	3	12,00	25
M	7	21,88	21	65,63	4	12,50	32
N	6	22,22	18	66,67	3	11,11	27
O	7	21,21	23	69,70	3	9,09	33
P	7	22,58	21	67,74	3	9,68	31
Q	6	20,00	19	63,33	5	16,67	30
R	7	21,88	22	68,75	3	9,38	32
S	6	20,69	20	68,97	3	10,34	29
T	7	21,21	21	63,64	5	15,15	33
U	7	24,14	17	58,62	5	17,24	29

**QUADRO DE DISTRIBUIÇÃO DAS DISCIPLINAS POR CURSOS NA
CATEGORIA DE CONHECIMENTO DE FORMAÇÃO COMPLEMENTAR**

CURSOS	FORMAÇÃO COMPLEMENTAR				TOTAL
	GERAL		CONTEMPORANEOS		
	N	%	N	%	
A	2	40,00	3	60,00	5
B	3	75,00	1	25,00	4
C	2	50,00	2	50,00	4
D	2	25,00	6	75,00	8
E	3	75,00	1	25,00	4
F	2	66,67	1	33,33	3
G	3	75,00	1	25,00	4
H	2	66,67	1	33,33	3
I	2	40,00	3	60,00	5
J	2	66,67	1	33,33	3
K	1	25,00	3	75,00	4
L	2	66,67	1	33,33	3
M	2	50,00	2	50,00	4
N	1	33,33	2	66,67	3
O	2	66,67	1	33,33	3
P	1	33,33	2	66,67	3
Q	3	60,00	2	40,00	5
R	2	66,67	1	33,33	3
S	2	66,67	1	33,33	3
T	3	60,00	2	40,00	5
U	3	60,00	2	40,00	5

**QUADRO DE DISTRIBUIÇÃO DAS DISCIPLINAS POR CURSOS
NA CATEGORIA DE CONHECIMENTO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

CURSOS	FORMAÇÃO PROFISSIONAL						TOTAL
	BASICA		ESPECIFICA		ELETIVOS		
	N	%	N	%	N	%	
A	10	43,48	7	30,43	6	26,09	23
B	10	50,00	7	35,00	3	15,00	20
C	10	50,00	7	35,00	3	15,00	20
D	10	50,00	7	35,00	3	15,00	20
E	9	52,94	7	41,18	1	5,88	17
F	10	47,62	6	28,57	5	23,81	21
G	10	52,63	7	36,84	2	10,53	19
H	9	45,00	6	30,00	5	25,00	20
I	8	42,11	7	36,84	4	21,05	19
J	10	50,00	7	35,00	3	15,00	20
K	10	55,56	7	38,89	1	5,56	18
L	9	52,94	6	35,29	2	11,76	17
M	10	47,62	7	33,33	4	19,05	21
N	8	44,44	7	38,89	3	16,67	18
O	10	43,48	7	30,43	6	26,09	23
P	10	47,62	7	33,33	4	19,05	21
Q	10	52,63	7	36,84	2	10,53	19
R	10	45,45	7	31,82	5	22,73	22
S	10	50,00	7	35,00	3	15,00	20
T	10	47,62	7	33,33	4	19,05	21
U	10	58,82	6	35,29	1	5,88	17

ANEXO D – PESQUISA NO ESTADO DE SANTA CATARINA

INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA

CURSOS	INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR
A	FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE BRUSQUE
B	FUNDAÇÃO EDUCACIONAL REGIONAL JARAQUAENSE
C	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU
D	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
E	UNIVERSIDADE DO CONTESTADO
F	UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
G	UNIVERSIDADE DO ALTO VALE DO ITAJAI
H	FUNDAÇÃO DAS ESCOLAS UNIDAS DO PLANALTO CATARINENSE
I	UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
J	UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ
K	UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE
L	UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA

CATEGORIA II

CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL ESPECÍFICA

DISCIPLINAS	CURSOS											
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
Análise das Demonstrações Contábeis	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Auditoria	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Contabilidade e Análise de Custos	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Contabilidade Geral	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Contabilidade Pública		x		x	x	x	x	x	x	x	x	x
Perícia	x	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x
Teoria da Contabilidade	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
TOTAL	6	7	6	7	7	7	6	7	7	7	7	7

CATEGORIA II

CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL ELETIVOS

DISCIPLINAS	CURSOS											
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
Contabilidade Agrícola					x			x				
Contabilidade Bancária				x		x		x				
Contabilidade Comercial		x			x	x	x	x	x	x	x	x
Contabilidade Hospitalar				x								
Contabilidade de Cooperativas				x								
Contabilidade de Transportadoras												
Contabilidade em Empresas Diversas	x	x	x	x	x	x	x		x			x
Contabilidade Fiscal	x		x							x		
Contabilidade Imobiliária				x				x				
Contabilidade Industrial	x		x	x						x	x	x
Contabilidade Orçamentária	x		x									
Contabilidade Sem Fins Lucrativos		x		x								
Contabilidade Tributária	x		x	x						x		
TOTAL	5	3	5	8	3	3	2	4	2	4	2	3

CATEGORIA III
CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL COMPLEMENTAR
GERAL

DISCIPLINAS	CURSOS											
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
Computação	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Estágio Supervisionado	x	x	x			x	x	x	x	x		x
Laboratório Contábil	x		x	x	x	x		x	x	x	x	x
TOTAL	3	2	3	2	2	3	2	3	3	3	2	3

CATEGORIA III
CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL COMPLEMENTAR
CONTEMPORÂNEOS

DISCIPLINAS	CURSOS											
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
Contabilidade Avançada	x	x	x				x			x		
Contabilidade Gerencial	x		x	x	x	x	x		x	x	x	x
Controladoria	x	x	x			x	x					
Espanhol Instrumental						x		x				
Jogos de Empresa				x								
Sistema de Informação Contábil												
Sistema de Informação Contábil/Gerencial												
Sistemas Contábeis	x		x	x	x				x		x	
Técnica de Negócios												
Tópicos Contemporâneos de Contabilidade												
Tópicos Especiais de Contabilidade												
TOTAL	4	2	4	3	2	3	3	1	2	2	2	1

**QUADRO DE DISTRIBUIÇÃO DAS DISCIPLINAS
POR CURSOS E CATEGORIAS DE CONHECIMENTO DE FORMAÇÃO**

CURSOS	CATEGORIAS DE CONHECIMENTOS DE FORMAÇÃO						TOTAL
	GERAL		PROFISSIONAL		COMPLEMENTAR		
	N	%	N	%	N	%	
A	7	20,00	21	60,00	7	20,00	35
B	6	20,00	20	66,67	4	13,33	30
C	7	20,00	21	60,00	7	20,00	35
D	8	21,05	25	65,79	5	13,16	38
E	7	22,58	20	64,52	4	12,90	31
F	6	19,35	19	61,29	6	19,35	31
G	7	23,33	18	60,00	5	16,67	30
H	6	19,35	21	67,74	4	12,90	31
I	7	22,58	19	61,29	5	16,13	31
J	6	18,75	21	65,63	5	15,63	32
K	7	23,33	19	63,33	4	13,33	30
L	6	20,69	19	65,52	4	13,79	29

QUADRO DE DISTRIBUIÇÃO DAS DISCIPLINAS POR CURSOS
NA CATEGORIA DE CONHECIMENTO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

CURSOS	FORMAÇÃO PROFISSIONAL						TOTAL
	BÁSICA		ESPECÍFICA		ELETIVOS		
	N	%	N	%	N	%	
A	10	47,62	6	28,57	5	23,81	21
B	10	50,00	7	35,00	3	15,00	20
C	10	47,62	6	28,57	5	23,81	21
D	10	40,00	7	28,00	8	32,00	25
E	10	50,00	7	35,00	3	15,00	20
F	9	47,37	7	36,84	3	15,79	19
G	10	55,56	6	33,33	2	11,11	18
H	10	47,62	7	33,33	4	19,05	21
I	10	52,63	7	36,84	2	10,53	19
J	10	47,62	7	33,33	4	19,05	21
K	10	52,63	7	36,84	2	10,53	19
L	9	47,37	7	36,84	3	15,79	19

**QUADRO DE DISTRIBUIÇÃO DAS DISCIPLINAS POR CURSOS NA
CATEGORIA DE CONHECIMENTO DE FORMAÇÃO COMPLEMENTAR**

CURSOS	FORMAÇÃO COMPLEMENTAR				TOTAL
	GERAL		CONTEMPORANEOS		
	N	%	N	%	
A	3	42,86	4	57,14	7
B	2	50,00	2	50,00	4
C	3	42,86	4	57,14	7
D	2	40,00	3	60,00	5
E	2	50,00	2	50,00	4
F	3	50,00	3	50,00	6
G	2	40,00	3	60,00	5
H	3	75,00	1	25,00	4
I	3	60,00	2	40,00	5
J	3	60,00	2	40,00	5
K	2	50,00	2	50,00	4
L	3	75,00	1	25,00	4

ANEXO E – EMENTAS DA GRADE OBRIGATÓRIA

**EMENTAS DA GRADE OBRIGATÓRIA
PRIMEIRO SEMESTRE**

NOME DA DISCIPLINA: ADMINISTRAÇÃO			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Teoria das organizações. Funções administrativas. Co-gestão e administração participativa. Terceirização. Importância dos recursos humanos			

NOME DA DISCIPLINA: CONTABILIDADE I			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Noções preliminares de contabilidade. Princípios contábeis. Problemas contábeis diversos. Plano de contas.			

NOME DA DISCIPLINA: ECONOMIA			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Funcionamento do sistema econômico. Microeconomia destacando-se a teoria do consumidor, a teoria da firma e a teoria dos custos. Contexto macroeconômico e suas aplicações			

NOME DA DISCIPLINA: MATEMÁTICA			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Expressões algébricas e numéricas. Equações de 1º e 2º grau. Funções. Introdução a derivada e integral			

NOME DA DISCIPLINA: MICROINFORMÁTICA			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Fundamentos de <i>hardware</i> . Fundamentos de <i>software</i> . Principais <i>software</i> básicos. Processador de textos. Planilha eletrônica. Banco de Dados			

**EMENTAS DA GRADE OBRIGATÓRIA
SEGUNDO SEMESTRE**

NOME DA DISCIPLINA: CONTABILIDADE II			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Duplicatas. Devedores Duvidosos. Despesas antecipadas. Depreciação, amortização e exaustão. Empréstimos e financiamentos. Balanço Patrimonial. Demonstração de Resultado do Exercício.			

NOME DA DISCIPLINA: LEGISLAÇÃO COMERCIAL			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Tipos de sociedades. Noções sobre a legislação das sociedades anônimas. Concordatas. Falências. Contratos.			

NOME DA DISCIPLINA: MATEMÁTICA FINANCEIRA			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Capitalização composta. Séries de pagamento imediatas. Séries de pagamento diferidas.			

NOME DA DISCIPLINA: LEGISLAÇÃO TRIBUTÁRIA			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Receitas públicas e tributos. Normas gerais da legislação tributária. Administração tributária. Ilícito tributário. Contencioso tributário.			

NOME DA DISCIPLINA: TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Principais tecnologias. Funções do gerenciador de bancos de dados. Sistemas de automação para escritórios contábeis.			

**EMENTAS DA GRADE OBRIGATÓRIA
TERCEIRO SEMESTRE**

NOME DA DISCIPLINA: ANALISE DE INVESTIMENTOS			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Depreciação. Amortização da Dívida. Análise de investimentos: Noções de VPL. TIR. <i>Pay back</i> , EVA, MVA e CAPM.			

NOME DA DISCIPLINA: CONTABILIDADE III			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Demonstração dos Lucros ou Prejuízos Acumulados. Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido. Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos. Notas Explicativas.			

NOME DA DISCIPLINA: CONTABILIDADE DE CUSTOS I			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Evolução histórica da contabilidade de custo. Avaliações e apropriação de materiais, de mão de obra e dos custos indiretos. Sistema de custeamento por ordem e por processo			

NOME DA DISCIPLINA: ESTATÍSTICA			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Medidas de tendência central. Assimetria. Curtose. Probabilidade. Amostragem. Estimação. Intervalos de confiança. Teses de hipótese. Regressão e correlação.			

NOME DA DISCIPLINA: PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Integração. Indivíduo versus organização. Motivação individual e de grupo. Estilos de gerência e liderança. Grupos. Estilo de relacionamento interpessoal e intergrupal. Comunicação, conflito e poder.			

EMENTAS DA GRADE OBRIGATÓRIA
QUARTO SEMESTRE

NOME DA DISCIPLINA: ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Preparação das demonstrações contábeis para análise. Técnicas de análise. Análise financeira. Análise de atividades. Análise econômica. Tratamento antinflacionário das demonstrações contábeis.			

NOME DA DISCIPLINA: CONTABILIDADE IV			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Reavaliação de ativos. Emissão de ações. Consórcios. Arrendamento mercantil. Provisões. Cisão. Incorporação. Fusão. Dissolução. Consolidação das demonstrações contábeis.			

NOME DA DISCIPLINA: CONTABILIDADE DE CUSTOS II			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Custos para controle. Custos influentes na tomada de decisão. Noções de custeio por atividade			

NOME DA DISCIPLINA: ÉTICA E LEGISLAÇÃO PROFISSIONAL			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Fundamentos éticos do comportamento humano. Código de ética e legislação profissional.			

NOME DA DISCIPLINA: EMPREENDEDORISMO			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: O empreendedor e o processo de criação de empresas. Oportunidade de negócios. A criação das empresas. A caracterização de pequenas empresas. O apoio aos novos empreendimentos.			

EMENTAS DA GRADE OBRIGATÓRIA
QUINTO SEMESTRE

NOME DA DISCIPLINA: CONTABILIDADE GERENCIAL			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Lucro empresarial. Análise de balanços integrais. Informações contábeis para decisões. Avaliação da empresa. Análise futura da empresa.			

NOME DA DISCIPLINA: CONTABILIDADE TRIBUTÁRIA			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Imposto de renda: lucro real, presumido, arbitrado, microempresas. Pessoas jurídicas isentas do imposto de renda. Imposto de renda de sociedades civis de profissões legalmente reguladas. Imposto sobre circulação de mercadoria e serviços. Imposto sobre serviços.			

NOME DA DISCIPLINA: GESTÃO FINANCEIRA E MERCADO DE CAPITALIS			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Estrutura do sistema financeiro nacional. Mercado de capitais e o resultado econômico. Mercado de capitais no Brasil. Bolsa de valores.			

NOME DA DISCIPLINA: LEGISLAÇÃO SOCIAL			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Legislação trabalhista: conceito e evolução. Empregado, Empregador e sindicatos. Contrato de trabalho. Salário e remuneração. Previdência social.			

NOME DA DISCIPLINA: ANÁLISE DE PROJETOS E ORÇAMENTO EMPRESARIAL			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Fundamentos básicos do orçamento. Implantação do sistema de orçamento. Orçamento de vendas. Orçamento de Produção. Orçamento do custo de produção. Orçamento de despesas operacionais. Orçamento de capital. Orçamento de caixa. Projeção do resultado do exercício. Projeção do balanço patrimonial. Controle do orçamento. Análise do orçamento.			

EMENTAS DA GRADE OBRIGATÓRIA
SEXTO SEMESTRE

NOME DA DISCIPLINA: AUDITORIA E PERICIA			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Introdução a auditoria. Controle interno. Papel de trabalho. Auditoria de ativos. Auditoria do exigível. Auditoria do patrimônio líquido. Espécie de perícia. Laudo pericial. Perícia contábil.			

NOME DA DISCIPLINA: CONTABILIDADE PÚBLICA			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Administração pública. Contabilidade pública. Patrimônio público. Variações patrimoniais. Regimes contábeis. Sistema de contas. Plano de contas. Procedimentos de contabilização. Balanços. Controle interno.			

NOME DA DISCIPLINA: SISTEMAS CONTÁBEIS INFORMATIZADOS			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		120	08
EMENTA: Sistemas contábeis para aplicação da teoria. Lançamentos. Demonstrações. Análise. Auditoria. Procedimentos contábeis mais comuns.			

NOME DA DISCIPLINA: TEORIA DA CONTABILIDADE			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Resumo Estrutural da Evolução da Contabilidade. Os Postulados Contábeis. Os Princípios Contábeis. As Convenções Contábeis. O Ativo. O Passivo. Receitas, Despesas, Perdas e Ganhos. O Patrimônio Líquido.			

NOME DA DISCIPLINA: TÓPICOS AVANÇADOS			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Aberta. Tem o objetivo de repassar as novidades existentes para os acadêmicos.			

ANEXO F – EMENTAS DA GRADE ELETIVA

EMENTAS DA GRADE ELETIVA

NOME DA DISCIPLINA: ADMINISTRAÇÃO DE MATERIAIS			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Introdução a administração de materiais. Organização de almoxarifado. <i>Lay-out</i> e documentação. Controle de estoques. Sistemas de estoques. Modelos matemáticos. A curva ABC do estoque.			

NOME DA DISCIPLINA: ADMINISTRAÇÃO DE PESSOAL			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Recrutamento e seleção de pessoal. Administração de cargos e salários. Administração participativa e participação nos lucros. Avaliação de desempenho. Treinamento. Higiene e segurança do trabalho.			

NOME DA DISCIPLINA: ADMINISTRAÇÃO DE PRODUÇÃO			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Funções e sistemas de produção. Modelos de decisão. Localização de instalações. Arranjo de instalações. Projeto de estudo de tempo e medidas. Planejamento da capacidade e controle da produção.			

NOME DA DISCIPLINA: COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		30	02
EMENTA: Processo decisório nas organizações. Interferências do grupos no desempenho e perfil das organizações. Poder. Liderança, motivação e comunicação. Processo de mudanças e resistência. Conflito. Cultura organizacional.			

NOME DA DISCIPLINA: COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Informação sobre as técnicas e limitações nos processos usuais de comunicação. Teoria da comunicação. Técnicas de redação. Regras de etiqueta social e postura profissional.			

NOME DA DISCIPLINA: DIREITO ADMINISTRATIVO			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Serviços públicos, Servidores públicos. Domínio público. Responsabilidade civil na administração. Controle da administração.			

NOME DA DISCIPLINA: DIREITO CIVIL			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Noções gerais do direito civil. Posse. Propriedade. Obrigações. Contratos e sucessões.			

NOME DA DISCIPLINA: DIREITO IMOBILIÁRIO			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Do condomínio. Da incorporação imobiliária. Da locação. Lei 6015/73.			

NOME DA DISCIPLINA: DIREITO SOCIETÁRIO			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Sociedades comerciais. Sócios. Tipos de sociedades. Transformação. Incorporação. Fusão. Cisão. Dissolução. Liquidação.			

NOME DA DISCIPLINA: ESPANHOL INSTRUMENTAL			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Vocabulário básico. Conhecimentos gramaticais aplicados aos textos com complexidade crescente. Comunicação. Vocabulário técnico. Contratos simples.			

NOME DA DISCIPLINA: INGLÊS INSTRUMENTAL			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Vocabulário básico. Conhecimentos gramaticais aplicados aos textos com complexidade crescente. Comunicação. Vocabulário técnico. Contratos simples.			

NOME DA DISCIPLINA: INTRODUÇÃO AO COMERCIO EXTERIOR			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Generalidades sobre o comércio internacional. Razões do comércio internacional. Noções sobre moeda e câmbio. Exportação e importação. Blocos econômicos.			

NOME DA DISCIPLINA: LEGISLAÇÃO ADUANEIRA			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Noções gerais de direito e legislação aduaneira. Noções de comércio exterior. Normas específicas. Impostos sobre comércio exterior. Impostos de importação. Regimes aduaneiros. Despacho aduaneiro. Processo fiscal.			

NOME DA DISCIPLINA: LIDERANÇA E DESENV DE EQUIPES			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		30	02
EMENTA: Origem da dinâmica de grupo e relações humanas. Conceitos e características de grupos. Elementos e objetivos da psicologia de grupo. Processo grupal. Grupos específicos.			

NOME DA DISCIPLINA: LOGICA			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		30	02
EMENTA: Sistemas dicotômicos. Operações lógicas sobre proposições. Construção da tabela verdade. Relações de implicação e de equivalência. Argumento válido. Técnicas relativas.			

NOME DA DISCIPLINA: METODOLOGIA CIENTIFICA			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Estrutura e apresentação de trabalho acadêmico. Pesquisa bibliográfica. Técnicas de leitura adequada. Técnicas de estudo de caso. Pesquisa e coleta de dados. Projeto de pesquisa.			

NOME DA DISCIPLINA: ORGANIZAÇÕES SISTEMAS E MÉTODOS			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Função das organizações, sistemas e métodos. Organização empresarial. Estudo e distribuição do trabalho. Técnicas gráficas para representação de sistemas administrativos. <i>Lay out</i> . Formulários.			

NOME DA DISCIPLINA: PROJETOS EMPRESARIAIS			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: O projeto no processo de planejamento. A estruturação e as etapas de um projeto. A análise de mercado. Localização. Determinação da escala do projeto. Financiamentos para o projeto. Quadros financeiros do projeto. Critérios quantitativos de análise econômica de projetos.			

NOME DA DISCIPLINA: RELAÇÕES ECONOMICAS E SOCIAIS INTERNACIONAIS			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Os grupos de poder no mundo globalizado. Noções de política internacional. Os fatores determinantes das relações internacionais ou interblocos. As regiões emergentes. As regiões marginais. Os nichos de mercado e os mercados potenciais.			

NOME DA DISCIPLINA: SOCIOLOGIA ORGANIZACIONAL			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		30	02
EMENTA: Organização da sociedade: grupos sociais, estrutura, organização e relações sociais. Grandes sistemas sociais. Atual conjuntura mundial. Megablocos.			

NOME DA DISCIPLINA: TEORIA E PRÁTICA CAMBIAL			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Noções gerais e objetivo do comércio internacional. Negociação cambial. Fechamento de contratos de câmbio. Exportação. Arbitragens de câmbio. Remessas ao exterior vinculadas à exportação.			

ANEXO G – EMENTAS DA GRADE PARA HABILITAÇÕES

EMENTAS DA GRADE PARA HABILITAÇÕES

NOME DA DISCIPLINA: AUDITORIA CONTABIL			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Planejamento da auditoria. Papéis de trabalho. Programa de auditoria para contas do: ativo, passivo e resultado. Relatórios. Pareceres.			

NOME DA DISCIPLINA: AUDITORIA DE SISTEMAS			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Informática e auditoria de sistemas na gestão empresarial. Sistemas de informação. Controle interno. Auditoria de sistemas. Auditoria de sistemas em produção. Auditoria administrativa e operacional do ambiente de processamento eletrônico de dados.			

NOME DA DISCIPLINA: AUDITORIA INTERNA E EXTERNA			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Importância da auditoria interna. Funções da auditoria interna. Planejamento global. O papel da auditoria externa. Auditoria externa x auditoria interna. Seleção e orientação de auditores.			

NOME DA DISCIPLINA: AUDITORIA GOVERNAMENTAL			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Função dos tribunais de contas dos estados e da união. Auditoria das contas públicas. Auditoria das receitas, das despesas, dos investimentos e dos contratos.			

NOME DA DISCIPLINA: CONTABILIDADE GOVERNAMENTAL			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Iniciação ao estudo do estado. Definição. Divisão da contabilidade governamental. Normas de contabilidade. Sistema de contabilidade governamental.			

NOME DA DISCIPLINA: CONTROLE ESTRATÉGICO DE GESTÃO			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Controladoria. Modelos de sistema de gestão. O Sentido do Planejamento e Controle. A estrutura da contabilidade de custos. Gestão empresarial. Plano estratégico.			

NOME DA DISCIPLINA: GERENCIAMENTO DA INFORMAÇÃO			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Conceitos básicos. O papel da informação na elaboração da estratégia empresarial. O gerenciamento da informação na execução das estratégias. A informação como suporte ao processo de avaliação do desempenho da estratégia.			

NOME DA DISCIPLINA: NORMAS BRASILEIRAS E INTERNACIONAIS DE AUDITORIA			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Origem das normas de auditoria. Normas relativas a: independência, competência profissional, ambiente de trabalho, execução do trabalho, administração do departamento de auditores. Atitudes comportamentais. Normas em uso no Brasil e normas internacionais			

NOME DA DISCIPLINA: ORÇAMENTO PÚBLICO			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Orçamento programa. Características do orçamento. Técnicas de elaboração orçamentária. Orçamento base zero ou por estratégia. Aplicação orçamentária.			

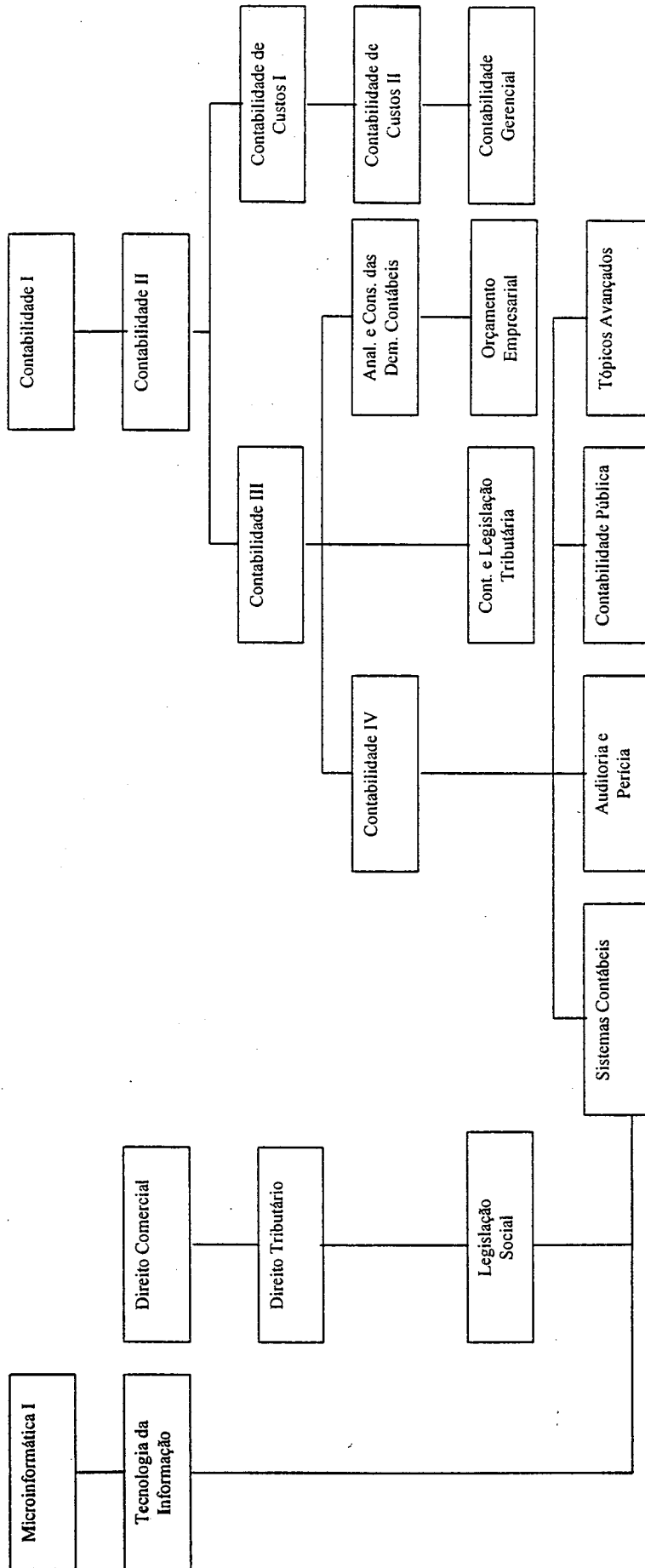
NOME DA DISCIPLINA: PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: O processo de planejamento. Abordagem do planejamento. Operacionalização do planejamento. Análise do contexto. Determinação e implantação de estratégias. Avaliação do planejamento estratégico.			

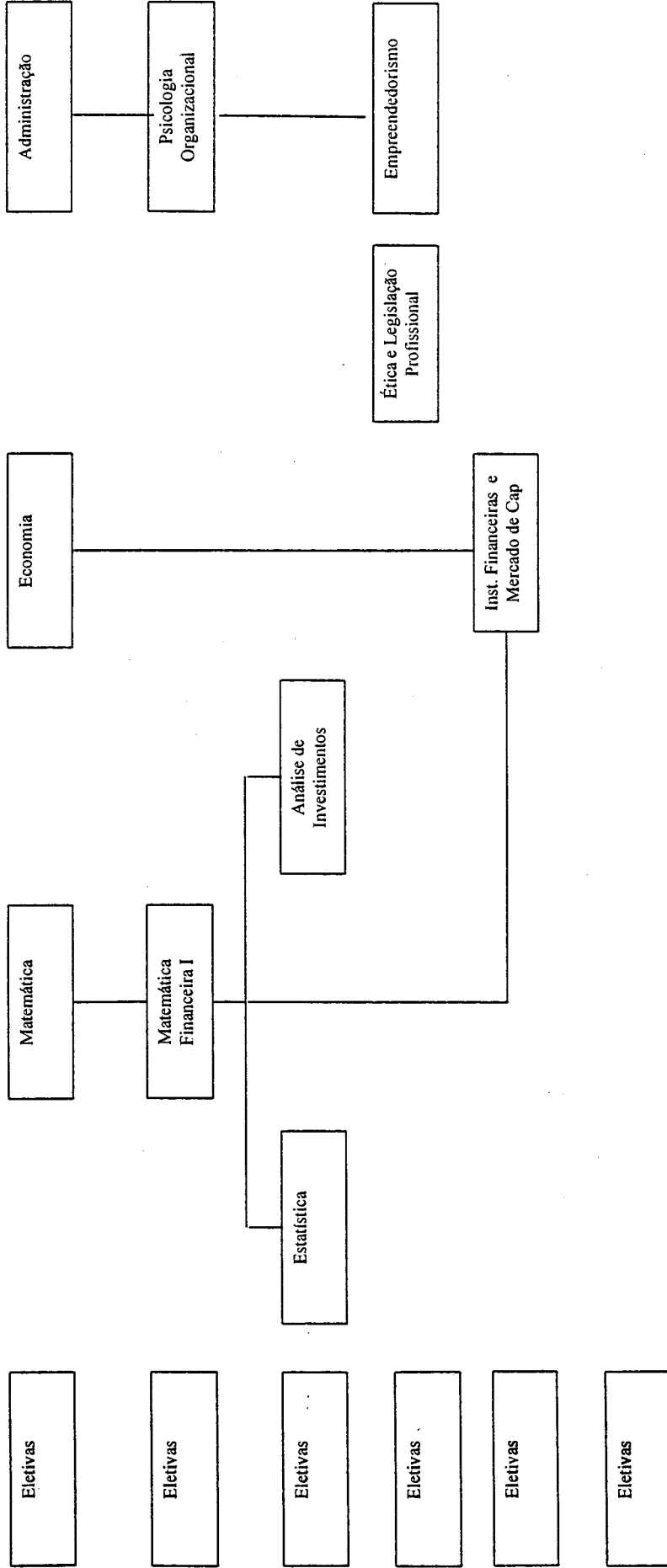
NOME DA DISCIPLINA: SISTEMA DE INFORMAÇÕES GERENCIAIS			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Conceitos básicos. Desenvolvimento e implementação do SIG. Componentes do SIG. Estruturação do SIG. Implantação e avaliação do SIG.			

NOME DA DISCIPLINA: SOFTWARE DE GESTÃO			
CÓDIGO	PRÉ-REQUISITO	CARGA HORÁRIA	N.º CRÉDITOS
		60	04
EMENTA: Conhecimento de <i>software</i> de gestão			

ANEXO H – FLUXO DA GRADE CURRICULAR

FLUXO DO ENCADEAMENTO DAS DISCIPLINAS OBRIGATORIAS





REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- [1] SÁ, Antônio Lopes. **Contabilidade Básica**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1980. p. 34.
- [2] SÁ, Antônio Lopes. **Contabilidade Básica**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1980. p. 35.
- [3] BOISVERT, Hugues. **La comptabilité por activetés**. Quebec. ERPI, 1998. p. 2.
- [4] FRANCO Hilário. **Hilário Franco: 50 anos de contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1993. p.90.
- [5] FRANCO, Hilário. **Contabilidade geral**. São Paulo: Atlas, 1996. p.10.
- [6] SÁ, Antônio Lopes. **Contabilidade Básica**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1980. p. 16.
- [7] IUDICIBUS, Sérgio, **Contabilidade gerencial**. 5 ed. São Paulo: Atlas. 1995. p. 299.
- [8] IUDICIBUS, Sérgio, **Contabilidade gerencial**. 5 ed. São Paulo: Atlas. 1995. p. 15.
- [9] ANTHONY, Robert Newton. **Contabilidade gerencial: uma introdução à contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1979. p. 17.
- [10] QUEIROZ, Antônio Diomário. **O fluxo contábil de informações para a gerência de produção**. ENEGEP
- [11] BEUREN, Ilse Maria. **Gerenciamento da informação: um recurso estratégico no processo de gestão empresarial**. São Paulo: Atlas, 1998. p. 10.
- [12] ANTHONY, Robert Newton. **Contabilidade gerencial: uma introdução à contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1974. p. 17.
- [13] BINDER, Fábio Vinícius. **Sistemas de apoio a decisão**. São Paulo: Érica, 1994. p. 14.
- [14] GIL, Loureiro. **Auditoria de Computadores**. São Paulo: Atlas. 1989. p. 37.
- [15] BIO, S. R. **Sistemas de informação: um enfoque gerencial**. São Paulo: Atlas. 1994. p. 18.
- [16] OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. **Sistemas de informações gerenciais, táticas operacionais**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1993. p. 34. p. 23.
- [17] OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. **Sistemas de informações gerenciais, táticas operacionais**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1993. p. 34-36.

- [18] CORNACHIONE JUNIOR, Edgar Bruno. **Informática: para as áreas de contabilidade, administração e economia.** São Paulo: Atlas, 1993.
- [19] GIL, Loureiro. **Auditoria de Computadores.** São Paulo: Atlas. 1989. p. 25.
- [20] OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. **Sistemas de informações gerenciais, táticas operacionais.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 1993. p. 37.
- [21] OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. **Sistemas de informações gerenciais, táticas operacionais.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 1993. p. 38.
- [22] PORTER, Michael E. **Vantagem competitiva: criando e sustentando um desempenho superior.** Rio de Janeiro: Campus, 1992. p. 10.
- [23] PORTER, Michael E. **Vantagem competitiva: criando e sustentando um desempenho superior.** Rio de Janeiro: Campus, 1992. p. 58.
- [24] OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. **Sistemas de informações gerenciais, táticas operacionais.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 1993. p. 46.
- [25] PADOVEZE, Clóvis Luiz. **Contabilidade gerencial.** Um enfoque em sistema de Informações contábeis. São Paulo: Atlas, 1996. p. 36.
- [26] OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. **Sistemas de informações gerenciais, táticas operacionais.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 1993. p. 46.
- [27] OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. **Sistemas de informações gerenciais, táticas operacionais.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 1993. p. 46.
- [28] HORNGREN, Charles Thomas. **Contabilidade de custos: um enfoque administrativo.** tradução de Danilo A. Nogueira. São Paulo: Atlas, 1978. p. 21.
- [29] OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. **Sistemas de informações gerenciais, táticas operacionais.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 1993. p. 133-134.
- [30] CAMPOS FILHO, M. P. Os sistemas de informação e as modernas tendências da tecnologia e dos negócios. **Revista de Administração de Empresa.** São Paulo, v. 34, n 6, nov./dez., 1994. p. 33-45.
- [31] OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. **Sistemas de informações gerenciais, táticas operacionais.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 1993. p. 133-134.
- [32] EATON, John. **Tecnologia da informação: um guia para empresa, gerentes e administradores.** Rio de Janeiro: Campus, 1984. p. 45.

- [33] ALVES, Francisco José dos Santos. **O ensino da auditoria de sistemas no curso de graduação em ciências contábeis**. Dissertação (Mestrado em Contabilidade - UERJ. 1998. p.45.
- [34] OESTRENGA, Michael. **Guia da Ernest & Young para gestão total dos custos**. com Terrence R. Ozan, Marcus D. Harwood, Robert D. McIhattan; tradução de Nivaldo Montingelli Jr. Rio de Janeiro: Record, 1994. p. 32-34.
- [35] NAKAGAWA, Masayuki. **Gestão estratégica de custo: conceitos, sistema e implementação**. São Paulo. Atlas: 1991. p. 35-36.
- [36] BOISVERT, Hugues. **La comptabilité por activetés**. Quebec. ERPI, 1998. p. 65.
- [37] BOISVERT, Hugues. **La comptabilité por activetés**. Quebec. ERPI, 1998. p. 65.
- [38] BOISVERT, Hugues. **La comptabilité por activetés**. Quebec. ERPI, 1998. p. 66.
- [39] BOISVERT, Hugues. **La comptabilité por activetés**. Quebec. ERPI, 1998. p. 66.
- [40] BRIMSON, James A. **Contabilidade por atividade: uma abordagem de custeio baseada em atividades**. Tradução por Antônio Carneiro. São Paulo: Atlas, 1886. p. 27.
- [41] CHING, Hong Yuh. **Gestão baseada em custeio por atividades = ABM – Activity Based Management**. 2.ed. São Paulo, 1997. p. 41.
- [42] BOISVERT, Hugues. **La comptabilité por activetés**. Quebec. ERPI, 1998. p. 7.
- [43] BOISVERT, Hugues. **La comptabilité por activetés**. Quebec. ERPI, 1998. p. 7.
- [44] BOISVERT, Hugues. **La comptabilité por activetés**. Quebec. ERPI, 1998. p. 9.
- [45] BRIMSON, James A. **Contabilidade por atividade: uma abordagem de custeio baseada em atividades**. Tradução por Antônio Carneiro. São Paulo: Atlas, 1886. p. 27.
- [46] BRIMSON, James A. **Contabilidade por atividade: uma abordagem de custeio baseada em atividades**. Tradução por Antônio Carneiro. São Paulo: Atlas, 1886. p. 12.
- [47] FIGUEIREDO, Sandra. **Controladoria: teoria e prática / Sandra Figueiredo, Paulo Cesar Caggiano**. São Paulo : Atlas, 1997. p. 17.
- [48] PEREZ JUNIOR, Joé Hernandez. **Controladoria de gestão: teoria e prática/ José Hernandez Perez Junior, Armando Oliveira Pestana, Sérgio Paulo Cintra Franco**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1995. p. 12.

- [49] CAMPIGLIA, Américo Oswaldo, CAMPAGLIA, Roberto P. **Controles de gestão** : controladoria financeira das empresas / Américo Oswaldo Campiglia, Oswaldo Roberto P. Campiglia. São Paulo : Atlas, 1993. p. 11.
- [50] BOISVERT, Hugues. O controle de gestão estratégico. Programa de Pós-graduação da Engenharia de Produção. UFSC. 1997
- [51] OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. **Planejamento estratégico**: conceitos, metodologia e práticas. 5 ed. São Paulo: Atlas. 1991. p. 32-33.
- [52] OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. **Planejamento estratégico**: conceitos, metodologia e práticas. 5 ed. São Paulo: Atlas. 1991. p. 46-47.
- [53] BOISVERT, Hugues. O controle de gestão estratégico. Programa de Pós-graduação da Engenharia de Produção. UFSC. 1997
- [54] BOISVERT, Hugues. O controle de gestão estratégico. Programa de Pós-graduação da Engenharia de Produção. UFSC. 1997
- [55] BOISVERT, Hugues. O controle de gestão estratégico. Programa de Pós-graduação da Engenharia de Produção. UFSC. 1997
- [56] PEREZ JUNIOR, Joé Hernandez. **Controladoria de gestão**: teoria e prática/ José Hernandez Perez Junior, Armando Oliveira Pestana, Sérgio Paulo Cintra Franco. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1995. p. 35-36.
- [57] BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Resolução n. 03 de outubro de 1992. Fixa os mínimos de conteúdos e duração do curso de graduação em Ciências Contábeis. **Diário Oficial da União**. Brasília. 1992.
- [58] INTERNACIONAL FEDERATION OF ACCOUNTANTS – IFAC. Information technology in the accounting curriculum. 1995.
- [59] BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Brasília. 1996.
- [60] LEITE, Eduardo de Oliveira. **A monografia jurídica**. Porto Alegre: Fabris, 1985. p. 23.
- [61] GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996. p. 45.
- [62] GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996. p. 45.
- [63] ROSA, Paulo Moreira. **A contabilidade no mercosul**. São Paulo: Atlas, 1998. p. 32.

- [64] MARION, José Carlos. A busca da qualidade no ensino superior de contabilidade no Brasil. **Revista de Contabilidade** do CRC/SP. N.º 5. 1998. P.38-45.
- [65] KOLIVER, Olivio. **Os exames de estado e de competência e a profissão contábil.** Brasília: Revista Brasileira de Contabilidade Nº 3, 1999. p. 32.

BIBLIOGRAFIA

AS LIMITAÇÕES DA CONTABILIDADE FINANCEIRA TRADICIONAL

ANTHONY, Robert Newton. **Contabilidade gerencial: uma introdução à contabilidade.** São Paulo: Atlas, 1974.

BEUREN, Ilse Maria. **Gerenciamento da informação: um recurso estratégico no processo de gestão empresarial.** São Paulo: Atlas, 1998.

BOISVERT, Hugues. **La comptabilité por activetés.** Quebec. ERPI, 1998.

CRESPALDI, Silvio Aparecido. **Curso básico de contabilidade: resumo da teoria, atendendo às novas demandas da gestão empresarial.** São Paulo: Atlas, 1995.

FRANCO Hilário. **Hilário Franco: 50 anos de contabilidade.** São Paulo: Atlas, 1993.

FRANCO, Hilário. **Contabilidade geral.** São Paulo: Atlas, 1996

FRANCO, Hilário. **Temas contábeis.** São Paulo: Atlas. 1997.

HORNGREN, Charles T. **Introdução à contabilidade gerencial.** 3 ed. Prentice/ Hall do Brasil. Traduzido por José Ricardo Brandão Azevedo. 1995.

IUDICIBUS, Sérgio, **Contabilidade gerencial.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 1995.

IUDICIBUS, Sérgio, **Teoria da contabilidade.** 5 ed.. São Paulo: Atlas, 1995.

LEGRAN, M.. **Contabilidade ao alcance de todos.** São Paulo: Rideel, 1979.

MARION, José Carlos. **Contabilidade Empresarial.** São Paulo: Atlas, 1995.

OLIVEIRA, Álvaro Guimarães. **Contabilidade financeira para executivos.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PADOVEZE, Clóvis Luiz. **Contabilidade gerencial. Um enfoque em sistema de informações contábeis.** São Paulo: Atlas, 1996.

PADOVEZE, Clóvis Luiz. **Manual de contabilidade básico.** São Paulo: Atlas, 1996.

RIBEIRO, Osni Moura. **Contabilidade geral.** São Paulo: Saraiva, 1997.

SÁ, Antônio Lopes. **Contabilidade Básica.** Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1980.

SISTEMAS DE INFORMAÇÕES CONTÁBEIS GERENCIAIS E A INTEGRAÇÃO COM AS INFORMAÇÕES MONETÁRIAS E NÃO MONETÁRIAS

ANTHONY, Robert Newton. **Contabilidade gerencial: uma introdução à contabilidade.** São Paulo: Atlas, 1974.

BINDER, Fábio Vinícius. **Sistemas de apoio à decisão.** São Paulo: Érica, 1994.

BIO, S. R. **Sistemas de informação: um enfoque gerencial.** São Paulo: Atlas, 1994.

BODNAR, h. George. **Accounting information systems.** Prentice Hall, 1995.

CAMPOS FILHO, M. P. Os sistemas de informação e as modernas tendências da tecnologia e dos negócios. **Revista de Administração de Empresa**, São Paulo: nov./dez., 1994.

CORNACHIONE JUNIOR, Edgar Bruno. **Informática: para as áreas de contabilidade, administração e economia.** São Paulo: Atlas, 1993.

GIL, Loureiro. **Auditoria de computadores.** São Paulo: Atlas, 1989

GONÇALVES, Márcio A . Os papéis do gerente e a qualidade da informação gerencial. In.: 19º ENANPAD. Rio de Janeiro, 1995.

HORNGREN, Charles Thomas. **Contabilidade de custos: um enfoque administrativo.** Charles T. Horngren; tradução de Danilo ^a Nogueira. São Paulo. Atlas, 1978.

LANCHARRO, Eduardo Alcalde. **Informática básica.** Miguel Garcia Lopez e Salvador Peñuelas Fernandez. São Paulo: Makron Books, 1991.

LAUDON, K.c. E J.P. LAUDON. **Management information systems: a contemporary perspective,** MacMillan, 1991.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. **Sistemas de informações gerenciais, táticas operacionais.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 1993.

PADOVEZE, Clóvis Luiz. **Contabilidade gerencial. Um enfoque em sistema de informações contábeis.** São Paulo. Atlas, 1996.

PORTER, Michael E. **Vantagem competitiva: criando e sustentando um desempenho superior.** Rio de Janeiro. Campus, 1992

VELLOSO, Fernando de Castro. **Informática: conceitos básicos.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

NOVAS RELAÇÕES TECNOLÓGICAS DA INFORMAÇÃO COM A CONTABILIDADE

ALBERTIN, Alberto Luiz. **Administração de informática: funções e fatores críticos de sucesso.** Alberto Luiz Alberyins; colaboração de Rosa Maria de Moura. São Paulo: Atlas, 1996.

ALVES, Francisco José dos Santos. **O ensino da auditoria de sistemas no curso de graduação em ciências contábeis.** Dissertação de Mestrado. UERJ. 1998

CAMPOS FILHO, M. P. Os sistemas de informação e as modernas tendências da tecnologia e dos negócios. **Revista de Administração de Empresa.** São Paulo, Nov./Dez., 1994.

EATON, John. **Tecnologia da informação: um guia para empresa, gerentes e administradores.** Rio de Janeiro: Campus, 1984.

FERNANDES, Agnaldo Aragon. **Gerência estratégica da tecnologia da informação: obtendo vantagens competitivas.** Rio de Janeiro: LTC. Ed. 1992

FLEURY, Afonso Correa. **Gestão da empresa: automação e competitividade; novos padrões de organização e de relações de trabalho.** Brasília: IPEA/IPLAN, 1990.

GIL, Loureiro. **Auditoria de Computadores.** São Paulo: Atlas. 1989.

NASCIMENTO, Arnaldo. **Auditoria contábil em ambiente informatizado.** Dissertação de Mestrado. UERJ. 1997.

SPANHOLI, Valdemar. Contabilidade e informática: uma abordagem do futuro. **Revista do CRCRS** n.74 jul/set. 1993.

TORRES, Norberto A. **Competitividade empresarial com a tecnologia de Informação.** São Paulo: MAKRON Books, 1995.

CONTABILIDADE POR ATIVIDADE E OS NOVOS MODELOS DE GESTÃO

BOISVERT, Hugues. **La comptabilité por activetés**. Quebec. ERPI, 1998.

BRIMSON, James A.. **Contabilidade por atividade: uma abordagem de custeio baseada em atividades** / James A. Brimson; Tradução por Antônio Carneiro, São Paulo: Atlas, 1986.

CAMPIGLIA, Américo Oswaldo, CAMPIGLIA Oswaldo R. **Controles de gestão : controladoria financeira das empresas**. São Paulo: Atlas, 1993.

CHING, Hong Yuh. **Gestão baseada em custeio por atividades: ABM – Activity Based Management**. 2.ed. São Paulo, 1997.

CRC/SP. **Curso sobre contabilidade de custos**. Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo com a colaboração do Instituto Brasileiro de Contadores. São Paulo: Atlas, 1992.

CRC/SP. **Custo como ferramenta gerencial**. Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo com a colaboração do Instituto Brasileiro de Contadores. São Paulo: Atlas, 1995.

FIGUEIREDO, Sandra, CAGGIANO, Paulo Cesar. **Controladoria: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 1997.

HORNGREN, Charles Thomas. **Contabilidade de Custos: um enfoque administrativo**. tradução de Danilo^a Nogueira. São Paulo: Atlas, 1978.

LEONE, George Sebastião Guerra. **Custos: planejamento, implantação e controle**. São Paulo: Atlas, 1981.

NAKAGAWA, Masayuki. **Gestão estratégica de custo: conceitos, sistema e implementação**. São Paulo: Atlas, 1991.

NAKAGAWA, Masayuki. **Introdução à controladoria: conceitos, sistemas e implementação**. São Paulo: Atlas. 1995.

OESTRENGA, Michael. **Guia da Ernest & Young para gestão total dos custos**. com Terrence R. Ozan, Marcus D. Harwood, Robert D. McIlhattan; tradução de Nivaldo Montingelli Jr. Rio de Janeiro: Record, 1994.

PEREZ JUNIOR, José Hernandez. **Controladoria de gestão: teoria e prática/ Armando Oliveira Pestana, Sérgio Paulo Cintra Franco**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 1995.

A CONTABILIDADE COMO INSTRUMENTO ESTRATÉGICO COM VISÃO PROSPECTIVA

BOISVERT, Hugues. **La comptabilité por activetés**. Quebec. ERPI, 1998.

CAMPIGLIA, Américo Oswaldo, CAMPAGLIÀ, Roberto P. **Controles de gestão : controladoria financeira das empresas**. São Paulo: Atlas, 1993.

FIGUEIREDO, Sandra, CAGGIANO, Paulo César. **Controladoria: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 1997.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. **Planejamento estratégico: conceitos, metodologia e práticas**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

PEREZ JUNIOR, José Hernandez. **Controladoria de gestão: teoria e prática/**, Armando Oliveira Pestana, Sergio Paulo Cintra Franco. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 1995.

SANTOS, Luiz Alberto Alves. **Planejamento e gestão estratégica nas empresas**. 5 ed. São Paulo. Atlas. 1992

O ENSINO DA CONTABILIDADE NA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS COM CARACTERÍSTICAS DE GERENCIA ESTRATÉGICA

ARRUDA, José R. Campelo. **Políticas e indicadores da qualidade na educação superior.** Duny. 1997.

BORDAS, M. C.. **Contribuições da teoria à compreensão das relações conteúdo, forma e determinações sócio-políticas nos currículos escolares.** Educação e Realidade. Porto Alegre. V.17, jan./jul. 1992.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Resolução n. 03 de outubro de 1992. **Fixa os mínimos de conteúdos e duração do curso de graduação em Ciências Contábeis.** Diário Oficial da União. Brasília. 1992.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Currículos mínimos dos cursos de graduação.** Brasília, 1981.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação.** Brasília. 1996.

DOMINGUES, J. L. **Interesses humanos e paradigmas curriculares.** Revista Brasileira de estudos pedagógicos. Brasília. Maio/ago.. 1986.

FRANÇA, Carlos Lima. **O ensino superior na área de ciências contábeis.** In: trabalho apresentado em estudos de problemas brasileiros. UERJ. 1998.

INTERNACIONAL FEDERATION OF ACCOUNTANTS – IFAC. **Information technology in the accouting curriculum.** 1995.

KOLIVER, Olívio. **As universidades e o sistema CFC/CRCs.** **Revista Brasileira de Contabilidade**, n. 106 jul/ago. 1997.

LASTEROS, Eduardo N. **Capacitação em informática para contadores públicos e estudantes.** In: XX Conferência interamericana de contabilidade. 1993.

MARION, José Carlos. **O ensino da contabilidade.** São Paulo: Atlas. 1995.

SÁ, Lopes. **Perspectivas do conhecimento contábil para terceiro milênio.** Revista Brasileira de Contabilidade n 88. out/1994.

SANDER B. **Educação Brasileira: valores formais e valores reais.** Rio de Janeiro: Pioneira, 1997.

ZEGARA, Oscar Salinas. **O impacto da informática na formação do contador: realidades e expectativas.** In: XX conferência interamericana de contabilidade.

**PESQUISA CURRICULAR DOS CURSOS DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS NAS
UNIVERSIDADES SUL BRASILEIRAS**

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996

LEITE, Eduardo de Oliveira. **A monografia jurídica**. Porto Alegre: Fabris, 1985

MARION, José Carlos. A busca da qualidade no ensino superior de contabilidade no Brasil. **Revista de Contabilidade do CRC/SP**. N.º 5. 1998. p.38.

ROSA, Paulo Moreira da. **A contabilidade no mercosul**. São Paulo: Atlas. 1998

**MODELO DE GRADE CURRICULAR PARA O CURSO DE CIÊNCIAS
CONTÁBEIS NA FORMAÇÃO DE GESTORES**

KOLIVER, Olívio. Os exames de estado e de competência e a profissão contábil. Brasília:
Revista Brasileira de Contabilidade n.º 3, 1999. p. 32.